

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**JULIA DO CARMO DA SILVA**

**O VALENTE POLE DANCE:  
GÊNERO, CORPO E RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE POLE DANCER**

Santa Maria, RS

2023

**Julia do Carmo da Silva**

**O VALENTE POLE DANCE:  
GÊNERO, CORPO E RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE POLE DANCER**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Comunicação Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Rúbia da Silva  
Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Milena Bezerra Carvalho Freire

Santa Maria, RS

2023

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

do Carmo da Silva, Julia  
O Valente Pole Dance: gênero, corpo e resistência na  
comunidade pole dancer / Julia do Carmo da Silva.- 2023.  
171 p.; 30 cm

Orientador: Sandra Rúbia da Silva  
Coorientador: Milena Bezerra Carvalho Freire  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2023

1. Pole Dance 2. Gênero 3. Corpo 4. Imagem I. Rúbia  
da Silva, Sandra II. Bezerra Carvalho Freire, Milena  
III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(s). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

**Julia do Carmo da Silva**

**O VALENTE POLE DANCE:  
GÊNERO, CORPO E RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE POLE DANCER**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação Social.

Aprovada em 28 de agosto de 2023.

---

**Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz, Doutora em Comunicação (UFSM)  
(Presidente – Coorientadora)**

---

**Laura Strelow Storch, Doutora em Comunicação e Informação (UFSM)  
(por videoconferência)**

---

**Liliane Dutra Brignol, Doutora em Ciências da Comunicação (UFSM)  
(por videoconferência)**

---

**Marlon Santa Maria Dias (Unochapecó)  
(por videoconferência)**

---

**Ana Carolina Damboriarena Escosteguy, Doutora em Ciências da Comunicação  
(UFRGS)**

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que lutam diariamente em um sistema que ainda as subjuga. Dedico esse trabalho às Anas, Marias, Lauras, às tantas mulheres sem nome que morrem, sofrem, e mesmo assim, ainda buscam um amanhã melhor. Dedico esse trabalho a todas as mulheres, guerreiras anônimas, que em suas ações cotidianas enfrentam um machismo tão enraizado e disfarçado de opinião, piada, tradição. Dedico esse trabalho a todas que levantam sua voz e gritam, pela primeira vez, mais alto do que aqueles que sempre foram o centro das atenções. Dedico esse trabalho a todas que foram chamadas de bruxas, loucas, histéricas, radicais, justamente por irem contra as vontades daqueles que lhes imputaram séculos de dominação. Dedico esse trabalho a todas aquelas que são feministas, mas ainda não o sabem e ao feminismo, minha armadura nesse mundo que às vezes parece tão triste, mas que graças a todas vocês ainda tem jeito.

## **AGRADECIMENTOS**

A todas e todos que estiveram ao meu lado nesses últimos anos. Meus familiares e amigos que foram o apoio necessário para seguir em frente, principalmente meu companheiro, Felipe, que nunca duvidou, mesmo quando eu duvidei, da minha capacidade de tornar esse trabalho possível. Aos meus colegas de Grupo de Pesquisa Cultura e Consumo Digitais que me inspiraram através de suas discussões e trajetórias. À minha orientadora Sandra Rúbia da Silva que sempre deu o suporte necessário. Às professoras Jurema, Ali, Milena e Ana, que me indicaram lindos caminhos durante o processo de qualificação. A todas e todos que, mesmo não citados nominalmente, sabem da sua importância na minha vida.

*mas  
e se  
o demônio  
é apenas  
uma mulher  
que foi  
banida  
para o inferno  
para alimentar  
as chamas  
como castigo  
por  
ter enfrentado  
os homens?  
- Lilith.*

(LOVELACE, Amanda, 2018.)

## RESUMO

### O VALENTE POLE DANCE: GÊNERO, CORPO E RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE POLE DANCER

AUTORA: Julia do Carmo da Silva

ORIENTADORA: Sandra Rúbia da Silva

COORIENTADORA: Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

O presente trabalho, ao realizar uma etnografia em um estúdio de Pole Dance em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul, buscou responder à questão central “Como são trabalhadas as questões de gênero e corpo dentro do pole dance e o papel das imagens nesse processo?” Tendo como objetivos gerais analisar o papel das imagens dentro da prática, ligadas ao uso das interlocutoras e sua presença nas redes sociais, de que forma a modalidade, predominantemente feminina, suscita debates sobre gênero, além de compreender o papel do corpo da pole dancer, buscando apreender de que forma ele é construído e como é percebido dentro da modalidade e por quem a pratica. Os objetivos específicos dão conta de identificar, a partir da fala das interlocutoras e das análises realizadas, de que forma as mulheres compreendem o impacto do pole dance em suas vidas, como ele afeta a autopercepção das mesmas e como o pole dance trabalha as questões de diversidade. Para isso, além da etnografia com observação participante, foram realizadas entrevistas e análises de redes sociais (FONSECA, 2000, HINE, 2015, 2020; BRITES, MOTTA, 2017). Como demonstrado ao longo do trabalho, através dos achados do campo, destacou-se a centralidade das imagens (MILLER, 2019,2022 ; GOMEZ, LEITÃO, 2017) dentro da modalidade, principalmente através de sua constante presença nas redes sociais das interlocutoras e na importância das fotos durante as aulas e no processo de evolução das pole dancers. A performance (DAWSEY ET AL, 2013) também ocupa papel de destaque, auxiliando na compreensão da construção desse corpo pole dancer, atingido através de ritos específicos, que segue treinamentos e regras determinados, nos momentos de apresentação, nas trocas realizadas nas aulas e fora delas. Um corpo que se constrói e modifica também através do afeto. Algo latente no discurso das interlocutoras. O pole dance também se converte em um espaço de possibilidades para a discussão sobre gênero e sexualidade, ao oferecer um espaço seguro onde as praticantes podem compartilhar seus medos e suas inseguranças, em um ambiente de solidariedade e possibilidades de agência, transformando a relação das mulheres com elas mesmas, seus corpos e seu entorno (BUTLER, 2003; SCOTT, 1995), fornecendo também um espaço que acolhe as diversidades de corpos e permite novos olhares sobre eles.

**Palavras-chave:** Pole Dance. Gênero. Corpo. Imagem.



## **ABSTRACT**

### **THE BRAVE POLE DANCE: GENDER, BODY, AND RESISTANCE IN THE POLE DANCER COMMUNITY**

**AUTHOR:** Julia do Carmo da Silva

**ADVISOR:** Sandra Rúbia da Silva

**CO-ADVISOR:** Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

This study conducted an ethnography in a Pole Dance studio in a municipality in the interior of Rio Grande do Sul, aiming to answer the central question "How are gender and body issues addressed within pole dance and what role do images play in this process?" The main goal was to analyze the role of images within the practice, linked to the use of the interlocutors and their presence on social media, exploring how the predominantly feminine modality sparks debates about gender, as well as understanding the role of the pole dancer's body, seeking to grasp how it is constructed and how it is perceived within the modality and by those who practice it. The specific objectives aimed to identify, based on the interlocutors' statements and the conducted analyses, how women comprehend the impact of pole dance on their lives, how it affects their self-perception, and how the pole dance addresses diversity issues. For this purpose, in addition to participant observation ethnography, interviews and analyses of social media were conducted (FONSECA, 2000; HINE, 2015, 2020; BRITES, MOTTA, 2017). As demonstrated throughout the study, based on field findings, the centrality of images (MILLER, 2019, 2022; GOMEZ, LEITÃO, 2017) within the modality was highlighted, primarily through their constant presence on the interlocutors' social media and the importance of photos during classes and in the pole dancers' evolution process. Performance (DAWSEY ET AL, 2013) also plays a significant role, aiding in the understanding of the construction of this pole dancer's body, achieved through specific rituals, and following designated training and rules, both during presentations and interactions in classes and beyond. A body that is constructed and modified through affection, something evident in the interlocutors' discourse. Pole dance also becomes a space of possibilities for discussing gender and sexuality by offering a safe environment where practitioners can share their fears and insecurities, in an atmosphere of solidarity and agency possibilities, transforming women's relationship with themselves, their bodies, and their surroundings (BUTLER, 2003) (SCOTT, 1995). It also provides a space that embraces body diversities and allows for new perspectives on them.

**Keywords:** Pole Dance. Gender. Body. Image.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 “DANÇAR NO POLE É RECONHECER E COMPREENDER A PRÓPRIA HISTÓRIA”: A MODALIDADE POLE DANCE</b> .....	<b>17</b>
2.1 HISTÓRIA DO POLE .....	17
2.1 VERTENTES DO POLE DANCE .....	26
2.3 ESTUDOS SOBRE POLE DANCE .....	29
<b>3 ETNOGRAFIA EM UM ESTÚDIO DE POLE DANCE</b> .....	<b>34</b>
3.1 ETNOGRAFIA EM MEIO À PANDEMIA .....	34
3.2 ANTROPOLOGIA DA PERFORMANCE: O QUE O CORPO NOS CONTA NO POLE DANCE? .....	40
3.3 QUALQUER CORPO, MAS NEM TODO CORPO: O QUE CONSTRÓI UM CORPO POLE DANCER?.....	45
3.4 O SENSO DE COMUNIDADE CONSTRUÍDO ATRAVÉS DO POLE DANCE .....	55
<b>4 O VALENTE POLE DANCE</b> .....	<b>61</b>
4.1 HISTÓRIA .....	61
4.2 “FAZ PONTA DE PÉ” – POR DENTRO DE UMA AULA DE POLE DANCE.....	66
4.3 POLE DANCE EM MEIO A PANDEMIA.....	74
<b>5 TODO O CORPO DANÇA: POLE E DIVERSIDADE</b> .....	<b>78</b>
5.1 O CORPO GORDO NO POLE.....	78
5.2 DIFERENÇA GERACIONAL .....	86
5.3 NEGRITUDE E POLE DANCE.....	91
<b>6 “SEGURA MAIS UM POUCO PRA EU TIRAR A FOTO”: POLE DANCE E A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS</b> .....	<b>97</b>
6.1 AS IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DO “SER POLE DANCER” .....	97
6.2 UMA AUTOBIOGRAFIA DANÇADA – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA E EXPLORATÓRIA VISUAL.....	111
6.3 ANÁLISE DO INSTAGRAM DA VALENTE .....	126
<b>7 “A PRIMEIRA COISA QUE AS PESSOAS PENSAM QUANDO FALO SOBRE FAZER POLE DANCE É UMA GORDA STRIPPER”: AS RELAÇÕES ENTRE POLE, GÊNERO E SEXUALIDADE</b> .....	<b>134</b>
7.1 OPRESSÃO E EMPODERAMENTO NO POLE DANCE .....	134
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>158</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>161</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>168</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma etnografia que, por vezes, assume um forte aspecto autoetnográfico, por ter sido construída por uma insider que escreve sobre seu próprio grupo. No texto, irá predominar a escrita em primeira pessoa e, sempre que necessário, as percepções da autora serão inseridas a fim de uma maior compreensão do assunto, entendendo que essas percepções são também importantes chaves analíticas. As bases teóricas que sustentam o trabalho aparecem de forma intercalada a essa escrita.

O pole dance, tema dessa etnografia, é entendido e tratado no trabalho como uma modalidade, considerando suas diversas possibilidades, que serão exploradas ao longo do texto. A partir daqui também será referido apenas como “pole”. A partir da exploração da temática ampla do pole dance serão abordadas questões que envolvem corpo, imagem e gênero, debates propulsores dessa tese que permeiam a prática.

Em 29 de agosto de 2018, pisei pela primeira vez no Valente Pole Dance. O estúdio consistia em duas barras ajeitadas em meio a uma sala de um apartamento no centro da cidade. Escolhi esse dia, em especial, porque era meu aniversário e pensei em “me dar um presente” sem imaginar, claro, que anos depois estaria transformando isso, que nasceu como uma experiência de um possível hobby, em material de estudo para uma tese.

Cheguei ao estúdio pelas imagens, pois fiquei curiosa após ver as fotos postadas pela fundadora do local, Vanessa, - que eu já conhecia de vista, pois fora egressa da comunicação na mesma universidade que eu - em um grupo da cidade dedicado a divulgar serviços oferecidos por mulheres. E hoje, olhando para trás, consigo perceber o quanto as imagens estiveram presentes ao longo de todo esse tempo.

Já na primeira aula, naquele 29 de agosto que agora parece distante diante de tantas coisas pelas quais passamos nos últimos anos, fiz questão de tirar fotos. Afinal, praticar pole dance era algo que deveria ser registrado, pois era - e, em certa medida, ainda é - algo incomum.

Desde lá, tenho frequentado com regularidade as aulas e, com isso, tenho conseguido acompanhar de perto as mudanças do local, as alterações de metodologias e as relações construídas entre as mulheres que lá se encontram e que se expressam de diferentes formas, tendo as redes sociais um espaço privilegiado dentro dessa lógica.

Em 2020, a pandemia de Covid-19 modificou a realidade de todos nós. Neste momento, eu fiquei impossibilitada de continuar com a temática anterior que havia me

proposto devido às restrições de atividades advindas do atual momento. Como feminista e já tendo trabalhado com gênero em outras ocasiões, percebi no pole um campo fértil de análise de questões envolvendo mulheres, corpo, imagens, redes sociais, dentre outras.

As experiências nesses mais de quatro anos dentro desse espaço, me fizeram observar que a presença do pole da vida dessas mulheres vai muito além do estúdio. Algo que se fez ainda mais visível, aos meus olhos, quando o Valente Pole Dance teve que interromper suas aulas, em março de 2020 por causa da Covid-19.

A partir desse momento, o grupo na rede social WhatsApp, antes usado prioritariamente para passar recados gerais para as alunas, tornou-se uma forte rede de apoio entre as integrantes, na qual vários assuntos começaram a ser discutidos. Desde aqueles relacionados ao pole, como treinos online, dicas de como superar esse período de isolamento social requerido no momento, até questões ainda mais pessoais como problemas familiares das integrantes. Participando desse grupo e vendo a importância que aquelas mensagens pareciam ter para as mulheres que lá estavam, formulei algumas questões.

Qual o impacto do pole dance em suas vidas? Como interpretam a prática?

Como a prática atravessa as relações de gênero?

Como as questões de corporalidade estão presentes na modalidade e impactam a autopercepção dessas mulheres?

Qual o papel das fotografias e das redes sociais dentro da modalidade e da construção desse corpo pole dancer?

Norteadas por essas questões, procurei responder, ao longo do texto, de que forma o pole dance afeta a vida dessas mulheres tendo como questão central **“Como são trabalhadas pelas praticantes as questões de gênero e corpo dentro do pole dance e como as imagens articulam essas relações?”**

A fim de chegar à resposta dessa questão, foram formulados objetivos que serviram como guia para a análise.

#### OBJETIVOS GERAIS:

- Analisar o papel das imagens dentro da prática, ligadas ao uso das interlocutoras e sua presença nas redes sociais.

- Discutir de que forma a modalidade, predominantemente feminina, suscita debates sobre gênero.
- Compreender o papel do corpo da pole dancer, buscando apreender de que forma ele é construído e como é percebido dentro da modalidade e por quem a pratica.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar, a partir da fala das interlocutoras e das análises realizadas, de que forma as mulheres compreendem o impacto do pole dance em suas vidas.
- Analisar como a modalidade afeta a autopercepção das praticantes.
- Discutir como a modalidade trabalha as questões de diversidade.

Para isso, além da observação participante das aulas e outros momentos passados ao lado das participantes e da análise do grupo do WhatsApp do estúdio, lancei mão de outras formas de colher dados, como entrevistas através do WhatsApp e pessoalmente com as alunas e instrutoras do estúdio e um formulário no google docs a fim de colher dados mais gerais sobre as alunas como renda, orientação sexual e percepções sobre a modalidade.

Ao todo, 12 mulheres responderam o questionário. Um público pequeno, mas que se aproxima do momento de pandemia, no qual o número de alunas fixas era mais reduzido. Os dados foram usados como forma de se construir uma ideia mais geral de quem eram essas mulheres que praticavam pole dance, já que o questionário era anônimo.

Além disso, cabe ressaltar, que as entrevistas realizadas com as integrantes ocorreram principalmente através do WhatsApp devido à pandemia, entre maio de 2020 e março de 2023 e não se basearam em um questionário padrão com perguntas pré-elaboradas, mas ocorreram tendo como ponto de partida uma conversa sobre a significância da modalidade nas suas vidas e as particularidades de cada entrevistada que se entrelaçavam com cada modalidade, como as questões de raça e gênero. Durante esse meio tempo, o contato continuou sendo mantido, havendo o retorno para sanar questões que foram aparecendo ao longo da pesquisa.

Os nomes usados para se referir às interlocutoras são fictícios. Alguns, com as que mais conversei, foram escolhidos pelas mesmas, inclusive sendo o nome do estúdio escolhido

pela fundadora. Com aquelas que tive menos contato, criei pseudônimos baseados em características que me chamaram a atenção – como fantasias usadas no Halloween - e proximidade com os nomes originais.

Como uma pesquisadora que também faz parte do grupo pesquisado, acho importante refletir acerca dos impactos disso dentro da pesquisa. Os olhares que compartilho aqui são, sem dúvidas, impactados pela minha experiência. As relações que construí e a facilidade que tive em trazer os mais diversos assuntos para minhas interlocutoras beneficiaram-se dessa relação. Assim que troquei minha temática, comuniquei à Vanessa sobre minha pesquisa e também no grupo de WhatsApp do estúdio, que contava com todas as alunas na época, a fim de informar as outras praticantes. A partir daí comecei a entrevistar e tentar observar de forma mais sistemática as aulas, quando houve o retorno presencial.

Entretanto, é interessante pontuar que no dia a dia das aulas, esse papel de pesquisadora parecia ser transposto pelo de colega, amiga. Depois de um tempo já em trabalho de campo, não havia mais interrogações das interlocutoras acerca da pesquisa. Havia, inclusive, o esquecimento. Também, ao observar, assumi a posição de não tecer comentários diretos a todo o momento, a fim de não interferir nas reações e respostas dadas. Continuava lá, observando, tentando estabelecer relações enquanto pesquisadora, mas sem, em meu ponto de vista, interferir no andamento das aulas tal qual se daria com um observador externo.

Se por um lado, obtive as facilidades acima mencionadas devido a meu pertencimento ao grupo, cabe ressaltar que isso também se constituiu em dificuldades em achar o distanciamento necessário para a pesquisa. Em um primeiro momento, as contrariedades pareciam não aparecer, imersa que estava em um ambiente que para mim parecia totalmente acolhedor. As próprias entrevistas e postagens institucionais, tiveram que ser revistas com um olhar mais crítico em um segundo momento de releitura e reescrita, buscando desnaturalizar o que me era dado.

Nomeio aqui onde estou, partindo do pressuposto de Donna Haraway (1995) de um saber localizado, que enxerga que o único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em um lugar em particular, abrindo mão da pretensa objetividade em lugar das conexões e possibilidades que o saber situado proporciona:

Precisamos aprender em nossos corpos, dotados das cores e da visão estereoscópica dos primatas, como vincular o objetivo aos nossos instrumentos teóricos e políticos de modo a nomear onde estamos e onde não estamos, nas dimensões do espaço mental e físico que mal sabemos como nomear. Assim, de modo não muito perverso, a objetividade revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades. (HARAWAY, 1995, p. 21)

Posicionar-se é, então, tomar responsabilidade por nossas práticas. Entender que nossos projetos são a visão desde um corpo. Que nesse caso, também fala de corpos e se modifica como corpo ao longo do processo. É então, buscar uma metodologia que entenda o papel desse corpo também como produtor de conhecimento. Um “corpo-que-sabe” como defende Jota Mombaça (2016), que traz um elemento errático e indisciplinar.

O primeiro capítulo da tese “Dançar no pole é reconhecer e compreender a própria história”: A Modalidade Pole Dance” se debruça sobre o histórico do Pole Dance, sua transformação de dança realizada por strippers até as academias de ginástica, assim como sua chegada, nesses moldes, no país. O capítulo também aborda as pesquisas realizadas sobre o tema, das mais diversas áreas do conhecimento e as principais configurações da modalidade na atualidade.

O capítulo dois “Etnografia em um estúdio de pole dance” busca dar conta do processo da pesquisa, descrevendo como ela se realizou em meio ao cenário pandêmico e quais foram as principais teorias, dentro do aporte etnográfico, encontradas para dar conta do tema.

No terceiro capítulo, apresento o Valente Pole Dance, meu objeto de análise, abordando sua história e metodologia. Além disso, busco descrever de que forma se desenvolve uma aula de pole dance, mostrando como ela está distante do senso comum sobre o que é a modalidade. Também foco em como essa dinâmica teve que ser alterada no contexto pandêmico.

O capítulo quatro olha mais a fundo as questões de diversidade encontradas em minha etnografia. A questão da negritude e pressão estética/gordofobia ganham destaque especial, mostrando como o Pole Dance “abraça” e se adapta aos mais diversos públicos.

No quinto capítulo, as imagens e seu papel dentro da modalidade são o foco principal. Nele, busco discutir de que forma e porque se dá a associação entre as fotografias e as praticantes e que sentidos são mobilizados a partir disso. Além disso, o instagram da Valente Pole Dance também é objeto de análise nesse capítulo.

O capítulo seis “A primeira coisa que as pessoas pensam quando falo sobre fazer pole dance é uma gorda stripper”: as relações entre pole, gênero e sexualidade” traz a discussão “opressão x empoderamento” dentro do pole dance, além de refletir sobre os principais conceitos de gênero utilizados no trabalho. A masculinidade dentro da modalidade também é foco nessa parte do texto, buscando entender de que forma as novas configurações do “ser homem” se inserem e reconfiguram os debates dentro do pole dance.

Dessa forma, busco, a partir da minha experiência em campo, dos relatos de minhas interlocutoras e análise de expressões em redes sociais e através de imagens, compreender de que forma o pole dance mobiliza questões da vida dessas mulheres.



## 2 “DANÇAR NO POLE É RECONHECER E COMPREENDER A PRÓPRIA HISTÓRIA”: A MODALIDADE POLE DANCE

### 2.1 HISTÓRIA DO POLE

Figura 1 - Atividade 8 de março.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora (2020)

O vento norte soprava, naquele 08 de março de 2020, pelas ruas centrais daquela cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, enquanto cerca de 20 mulheres andavam juntas pelas ruas. O sol já começava a se esconder no horizonte quando elas, em meio a gritos de apoio e fotos, começaram a se pendurar e fazer acrobacias nos postes que encontravam pelo caminho.

Quem passava pela rua olhava com curiosidade. Nos sinais, os carros parados ensaiavam palmas que, quando eram de mulheres, recebiam gritos de saudação em retorno. Os poucos homens que resolveram provocar, levavam respostas desaforadas em grupo que surgiam espontaneamente. Várias dessas mulheres, em conversas mais tarde, diziam que nunca haviam se sentido tão seguras andando pelas ruas da cidade.

Quando chegaram à praça central da cidade e começaram a fazer suas performances, um homem, visivelmente embriagado, chamou a atenção ao passar entre elas e comentar “vou

embora, que não quero atrapalhar o pole das gurias”. O fato gerou comentários entre as mulheres, que comentaram “ele sabe até o nome. Sinal que tá popularizando”.

A atividade, organizada pelo Valente Pole Dance, através de sua fundadora Vanessa, buscou ocupar as ruas. Ruas essas entendidas muitas vezes como espaços de medo para as mulheres devido às diversas formas de violência a elas perpetradas. Nesse dia, com um grupo grande de mulheres, as ruas pareceram diferentes. Mais seguras, receptivas. A ação partiu da Vanessa pole dancer e dona do estúdio, a fim de capturar belos registros de “street pole”, mas também, e principalmente da Vanessa feminista que se preocupa com essas questões.

O Pole Dance apresentado naquela tarde é, em resumo, uma modalidade que envolve acrobacias, giros e movimentos coreográficos ao redor de uma barra vertical. Entretanto, a figura evocada pelo senso comum quando falamos em pole dance, costuma ser aquela intimamente relacionada à sexualidade normativa, ou seja, belas mulheres dançando em torno de um pole, normalmente em uma boate, para homens. Entretanto, se esse observador externo entrasse em um estúdio em meio a uma aula de pole, dificilmente seria essa a imagem a ficar em sua mente.

Risos, gritos de dor, apoios e alegria por avanços conquistados. Tudo isso partindo de mulheres suadas, com os cabelos emaranhados e o corpo com uma coleção de roxos, que são exibidos orgulhosamente. Mulheres gordas, magras, celulites e estrias à mostra, em roupas curtas, dançando e realizando movimentos para si e não em busca de aprovação ou dinheiro masculino. Celulares sempre apontados para registrar aqueles momentos que merecerão um vídeo ou foto para serem compartilhados nas redes sociais. Essas são as imagens que melhor descrevem uma aula de pole dance.

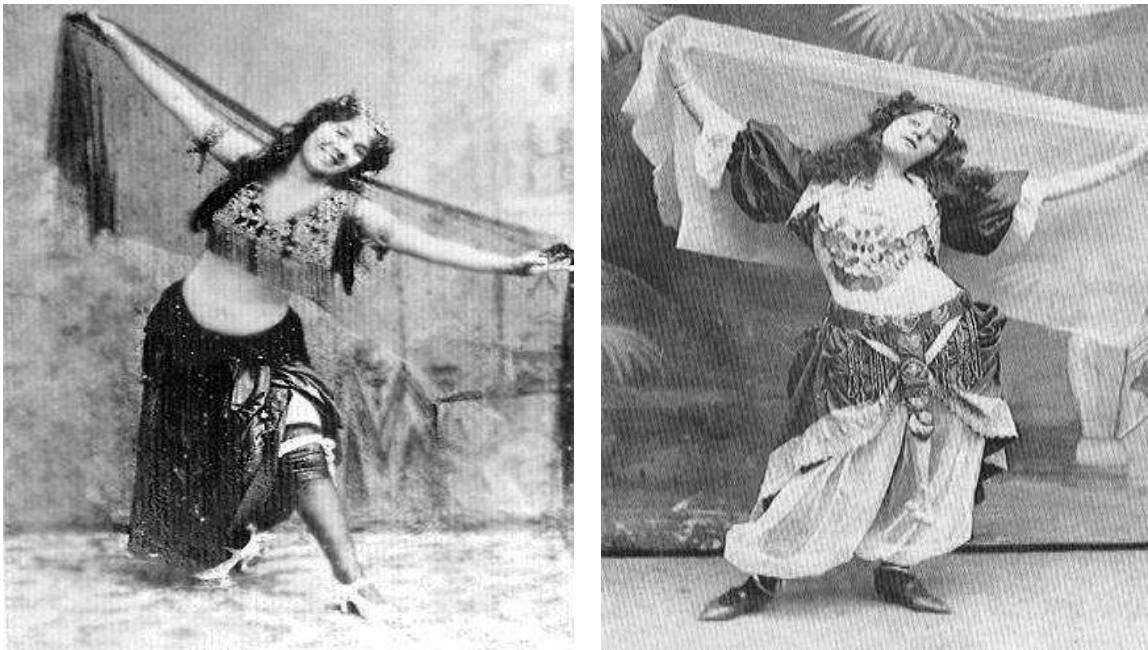
A discussão sobre a origem do pole dance aponta diversos caminhos. Há uma corrente, vista em sites especializados na modalidade e que vendem produtos relacionados a ela como “Mais Pole Dance”, também corroborada pelo Sindicato dos Profissionais de Dança do Estado do Rio De Janeiro que vê no Mallakhamb, uma prática indiana com um mastro e cordas, na qual a pessoa realiza movimentos acrobáticos, um antepassado do pole dance. Também, dentro dessa linha, há alguns que ligam a origem ao Mastro Chinês, atividade em que acrobatas circenses executavam movimentos em barras de borracha acima de 3 metros, a fim de demonstrar força.

Entretanto, há outra vertente, principalmente formada por praticantes da modalidade, e que busca realizar um trabalho de valorização do feminino, que defende que não podemos buscar nessas referências uma origem para a prática, pois elas se afastam das principais características do que a modalidade é hoje. Para essas mulheres o pole dance que conhecemos

hoje surgiu em meados do século XX por dançarinas dos EUA, tendo sua origem nos “Tour Fair Shows”, shows itinerantes que aconteciam no país e traziam, além de atrações circenses, a exibição de pessoas consideradas exóticas, pensamento colonial sobre aqueles que vinham de outros continentes.

A Chicago World's Fair, realizada em 1893, foi uma das mais célebres do gênero. Nela, algumas dançarinas do ventre, como Fahreda Mazar Spyropoulos, Asha Awabe, que mais tarde ficaram conhecidas sob a alcunha de “Little Egypt” escandalizaram a moral do período com seus movimentos de quadris e a forma livre de dançar.

Figura 1 - Dançarinas Little Egypt.



Fonte: American Readex Blog.

Todavia foi durante os anos 20, época marcada pela Grande Depressão Americana, que o Pole Dance atual começou a se estruturar. Um grupo de artistas conhecidos como Tour Fair Shows (semelhantes a artistas circenses) viajava pelas cidades fazendo suas apresentações e divertindo o público. Além do espetáculo principal existiam alguns shows paralelos em tendas pequenas, ao redor da tenda principal. Uma das tendas mais famosas era onde se apresentavam as dançarinas eróticas Hoochi Coochi - nome originado em função do movimento de quadril utilizado pelas dançarinas (Parizzi, 2008; IPDFA, 2013). Para se adaptarem ao espaço dos palcos, que não era muito apropriado, as dançarinas começaram a utilizar os postes próximos ao palco, que serviam de sustentação para a tenda, como parte do show (Holland, 2010; Parizzi, 2008).

Nesse contexto, surgiram as dançarinas que ficaram conhecidas como “Hoochie-Coochie”, que passaram a se apresentar próximo aos postes de sustentação das tendas circenses, a interagir e usar os mesmos em sua dança sensual com elementos de Dança do Ventre. E, com a influência do estilo burlesco, das décadas de 1940 e 1950, isso começou a estar presente em casas noturnas.

As pesquisadoras e praticantes da modalidade que defendem essa perspectiva alegam que há a tentativa de um apagamento das mulheres e da busca de um passado que não esteja associado ao sensual e as boates de strip-tease, a fim de tornar a modalidade mais aceita socialmente. Dessa forma, busca-se uma origem masculina, distante da sensualidade, mesmo que as bases que sejam praticadas até hoje tenham surgido entre as strippers e se afastem das exibições praticadas na Índia e China.

Bianca Deleite, artista, instrutora de Pole Dance e criadora do estúdio Velvet Pole em Porto Alegre, destaca como o Mallakhamb, o Mastro Chinês e o Pole Dance são três fenômenos históricos distintos, de sociedade diferentes e que exercem funções diferentes. Ela destaca como as bases do pole dance, que são usadas até hoje, foram criadas pelas dançarinas de boates e não em um passado longínquo, que agora é evocado para a construção de uma origem distante da sensualidade feminina.

A partir de 1990, principalmente, as acrobacias começaram a ser inseridas, graças a strippers canadenses e, então, o Pole Dance atual começou a tomar forma, incorporando movimentos esportivos e circenses. Fawnia Mondey ficou conhecida por produzir a primeira vídeoaula com instruções de Pole Dance em um DVD, divulgando a modalidade para aquelas mulheres que não estavam nas boates, meio no qual o Pole Dance era praticado até o momento.

A difusão do pole dance como prática urbana teria se dado no Canadá, quando em 1994 uma mulher chamada Dietrich Fawnia ofereceu a primeira aula de pole dance para pessoas não envolvidas no mundo do entretenimento. A modalidade teria se espalhado pelos EUA, Austrália, Europa e Ásia, que abriram escolas de pole dance e realizaram competições para todas as variantes desse esporte. Procuo não me aprofundar muito no mérito de como a modalidade surgiu, visto que há muita controvérsia em torno desse assunto e poucos registros históricos. No Brasil, o pole dance teria surgido há aproximadamente 15 anos, o que é um tempo recente se considerado a outros países onde a modalidade já se fincou e é mais reconhecida, como a Rússia (GONÇALVES, p. 15, 2017)

Paula Vivoda, canadense que adotou o nome artístico de Bobbi, é outro desses expoentes que ajudaram a tirar a modalidade das boates e trazer ao público em geral. Ela trouxe para o pole toda a sua bagagem adquirida como performer em cabarés pelo mundo e começou, no fim da década de 1990, a ensinar Pole em locais específicos, abrindo o primeiro

estúdio dedicado ao Pole na Austrália em 2004. Mais tarde, tornou-se proprietária de uma rede de estúdios mundialmente conhecidos. Morreu em 2020, aos 52 anos.

No Brasil, o primeiro estúdio surgiu em 2009, no Paraná, inaugurado por Grazyy Brugner, uma referência da modalidade no país, com unidades em São Paulo e Curitiba. Até hoje o seu método é usado como referência em muitos estúdios do país. A primeira formação de Vanessa, criadora do Valente Pole Dance, deu-se, inclusive, com ela.

Ela e muitas outras das primeiras pole dancers (ou polerinas) relacionam um maior interesse ao esporte à exibição da novela “Duas Caras” em 2008 na Globo, na qual a atriz Flávia Alessandra interpretava a enfermeira Alzira que, à noite, praticava Pole Dance em uma boate adulta. Por esse enredo, trazendo uma prática considerada sensual e o uso de pouca roupa na personagem, a emissora sofreu um processo, e resolveu solucionar a questão no folhetim explodindo a boate e colocando a personagem para ministrar aulas em uma academia “mais comportada”. Lógicas essas de sexualização que persistem até hoje e serão exploradas nesse trabalho.

Figura 2 - Personagem Alzira da novela “Duas Caras”.



Fonte: TV Globo. Divulgação

Em 2022, outra novela chamou a atenção por trazer uma de suas protagonistas como uma dançarina de pole dance, convivendo com vários outros praticantes da modalidade no espaço. A novela “Quanto Mais Vida Melhor”, transmitida pela Rede Globo de Televisão no horário das 19h, mostrou movimentos elaborados de pole dance, evidenciando um cuidado

especial na preparação dos atores. Em determinado momento, inclusive, um dos protagonistas homens da atração, pelo fato do enredo trazer uma troca de corpos, assume o pole dance.

Figura 3 - Personagens da novela “Quanto mais vida, melhor”.



Fonte: TV Globo. Divulgação.

Em 2022, a novela “Verdades Secretas 2”, da plataforma de streaming Globoplay mas que, posteriormente, também foi veiculada em televisão aberta, contou com uma pole dancer para coreografar cenas sensuais e danças na novela. A escolhida para esse trabalho foi justamente Grazy Brugner, a primeira a abrir um estúdio de pole dance no país. Na época, a notícia da participação foi muito veiculada, destacando o potencial sexy do pole e de outras danças como chair dance, que usa uma cadeira para dançar de forma provocante.

Figura 4 - Pole dancer Grazy Brugner ensina elenco de Verdades Secretas 2



. Fonte: TV Globo. Divulgação.

Em nível internacional, os filmes mais conhecidos em que a modalidade aparece são Strip Tease (1996), protagonizado por Demi Moore, Closer (2004), em uma cena de Natalie Portman e o mais recente As Golpistas (2019) em que Jennifer Lopez faz várias performances de pole ao longo da trama ao interpretar uma dançarina de boates no longa, inclusive em uma cena na qual ensina vários movimentos a outra mulher.

Figura 5 - Cena do filme “As Golpistas”.



Fonte: Divulgação

Nos filmes citados, predomina o que costuma ser a crítica ao pole dance nas mídias, a exploração de seu lado sexualizado como único viés aliado a um mau aproveitamento da modalidade. O primeiro ponto ainda pode ser defendido se pensarmos nas origens mais

populares de pole dance, as boates. Entretanto, a segunda crítica pode ser bem aplicada as produções exemplificadas- excetuando-se a última, o filme “As Golpistas” – nas quais as atrizes apenas usam o pole como um apoio para suas danças, sem realizar praticamente nenhum movimento que envolva habilidades exigidas de quem pratica a modalidade.

Crítica semelhante ocorreu em janeiro 2022, quando a cantora brasileira Luiza Sonza performou com um pole dance em seus shows. Na época foram comuns comentários em redes sociais que diziam que ela não representava a modalidade pois apenas “se esfregava no pole para sensualizar”. Crítica, é claro, que deve ser considerada dentro de um contexto de repressão à sexualidade feminina e os comuns ataques de ódio a mulheres que se expõem dessa forma publicamente. Necessário pontuar, entretanto, que muitas dessas críticas vieram de pelerinas cansadas de ver o pole dance “subrepresentado” nas mídias.

Outro caso que chamou a atenção e merece um olhar mais detalhado é a campanha de propaganda da marca de bolsas e calçados Arezzo que, em março de 2023, usando a modelo Gisele Bündchen como garota propaganda, ambientou seu vídeo em uma situação de prática de pole dance. O perfil “Pole Dance News” no Instagram, dedicado a postar discussões, memes e fotos de pole, e que conta com mais de 48,8 mil seguidores, repostou essa campanha com a seguinte pergunta na legenda “Qual sua opinião sobre esse vídeo?” direcionada a suas/seus seguidores.

Figura 6 - Campanha Arezzo Gisele Bündchen.



Fonte: Divulgação.



Figura 7 - Comentários do Perfil Pole Dance News no Instagram.



Fonte: Instagram.

Como podemos perceber através dos comentários, as opiniões ficaram divididas quanto ao produto apresentado. Defendo que, nessa análise, levemos em consideração o fato da modelo Gisele Bündchen ser considerada uma referência em sua área e sua vida pessoal não ser pauta frequente para a mídia, mantendo-se longe de polêmicas. O que não traz toda a carga de pré-conceitos, comuns nas mídias sociais, para esse contexto. Também vale ressaltar que o vídeo, apesar de mostrar alguns giros e poses – travas básicas – do pole, usa isso de maneira sutil, trazendo pequenos closes que, em sua maioria, focam no rosto e nos pés da modelo, não sendo algo tão explícito.

Os comentários de apoio trazem a visão, em sua maioria, de que a presença do pole na mídia pode ajudar a validar a modalidade. Enquanto isso, as críticas se detêm principalmente no fato da modalidade ser apresentada de uma forma básica, com movimentos de “1ª aula”, além de aproveitarem o pole para vender e para isso mostrarem uma visão “mais higienizada”, mais palatável ao grande público.

Se podemos falar de aparições pontuais da modalidade em grandes produções e propagandas, o mesmo não pode ser feito para tratar de sua presença nas mídias sociais. Entre celebridades, subcelebridades e pessoas conhecidas apenas por nichos específicos, são muitos os perfis pessoais e profissionais que mostram a realidade do pole nas redes. A fisiculturista

Gracyanne Barbosa talvez seja o exemplo mais conhecido. Para aquelas inseridas na modalidade, há uma série de influencers em nível micro que focam em aspectos diferentes, como vertentes específicas, promoções de aulas e cursos e debates como gordofobia e outras opressões. Algumas delas serão apresentadas no decorrer da tese.

## 2.1 VERTENTES DO POLE DANCE

Figura 8 - Pole sport.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

Apesar da sensualidade ocupar papel de destaque no senso comum sobre a prática, o pole dance traz várias vertentes, que exploram aspectos distintos sobre a modalidade. Segundo o portal Gaia Pole, especializado em equipamentos para a prática, a modalidade pode ser dividida, principalmente em três grandes vertentes: pole sport, pole art e pole sensual.

O pole sport foca o lado esportivo, através de acrobacias, como pode ser conferido na Figura 9. É ele que está presente na maioria das competições da modalidade. A Federação Brasileira de Pole, fundada em 2009, mesmo ano em que se tornou membro da Federação Internacional IPSF (International Pole Sports Federation), foi a primeira a criar um Código de Regras e Arbitragem - com todos os movimentos de Pole já conhecidos e executados e seus respectivos valores, em campeonatos no Brasil e exterior.

Além de campeonatos, como a primeira edição da Pole World Cup, que aconteceu em 2011 e contou com a vinda de 68 atletas de 14 países, a Federação Brasileira de Pole Dance organiza workshops e eventos desde 2009, sendo a primeira entidade que trouxe profissionais

estrangeiros da modalidade para esses fins. O pole sport tem regras rígidas quanto a vestimenta e movimentos a serem utilizados, tentando ao máximo se afastar do pole dance praticado nas boates, buscando sua origem em práticas masculinas de séculos atrás como o mastro chinês.

O foco nos anúncios dos locais que têm a modalidade vendida através desse aspecto, também conhecido como “pole fitness” são as mudanças corporais que podem ser atingidas através de uma modalidade que trabalha vários grupos musculares. O site Circus Fit, especializado na venda de esportes aéreos (na sua denominação) como pole, lira e tecido acrobático traz, ao apresentar o pole sport, um texto que mostra a preocupação em vincular ele a um esporte reconhecido por instituições superiores, dissociando-o do senso comum sobre a modalidade, que evoca a sensualidade das mulheres em boates:

Para aqueles que ainda possuem algum tipo de preconceito, lembramos que o PoleSport já é candidato para ser um esporte olímpico. O Comitê olímpico internacional aceitou a inscrição feita pela federação internacional e provavelmente será reconhecido.

Nos últimos anos, com o aumento de academias e estúdios que oferecem a modalidade, muito se tem escutado sobre o pole sport. Vários lugares têm usado o pole sport como nomenclatura do que é oferecido em seus estabelecimentos, restringindo qualquer possibilidade de vinculação com uma experiência mais sensual. É interessante pontuar que mesmo tendo criado essa vinculação com o acrobático – como uma forma de demarcar um território -as acrobacias estarão presentes em todas as modalidades.

Figura 9 - Pole Art.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

O pole art (Figura 10) aborda a veia mais artística da modalidade, contando uma história através dos movimentos e da dança, que costumam ter como característica a fluidez e trazer elementos de jazz, balé clássico e contemporâneo. No Valente Pole Dance encontramos a nomenclatura de pole contemporâneo e que se aproxima muito do que é trabalhado no pole art, ao trazer vários estilos em um só, com destaque ao Flow – técnica de fluidez de movimentos, além das bases de dança contemporânea e ballet. A expressividade é um aspecto muito forte nessa vertente, fazendo com que o “sentir” ganhe papel de destaque e esteja visivelmente presente no corpo.

Figura 10 - Pole sensual.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

O pole sensual (Figura 10) é aquele que, de alguma forma, mais se aproxima da ideia que o senso comum tem da modalidade. Tem foco na sensualidade, que é explorada através das vestimentas, movimentos provocantes, contato visual e expressões faciais. Entretanto, ele também pode envolver elementos acrobáticos e movimentos que exigem muita força e técnica. O exotic pole, apesar de ser considerado à parte por algumas praticantes, pode ser visto dentro dessa perspectiva, pois também está preocupado com a sensualidade através de movimentos complexos, que utilizam floorwork (movimentos de chão) em coreografias que exigem, normalmente, muita força.

Daniele Cinti (2022, p.3) destaca que é importante citar que, “não é incomum encontrar variações de nomenclaturas envolvendo o Pole Dance, tais como: Pole Dance Glamour, Pole Dance Contemporâneo, Pole Dance Heels, dentre outros”. Além disso, destaca

a autora, é importante entender que há um “terreno convergente e mútuo entre tais vertentes, que de certa forma pode dificultar as delimitações, não sendo raro observar coreografias que comecem em uma vertente e transitem por outras”.

No Valente Pole Dance, como veremos com maior profundidade nos próximos capítulos, todas as vertentes são trabalhadas e não há uma separação rígida mesmo dentro de uma mesma aula, que pode focar em aspectos artísticos e coreográficos, envolver acrobacias e trazer uma grande parcela de sensualidade em um mesmo dia. Isso acontece, em grande medida, porque esses aspectos não são excludentes. Coreografias sensuais podem ter fortes pegadas acrobáticas, assim como a sensualidade está presente em muitas das travas do pole com um lado mais voltado ao acrobático.

### 2.3 ESTUDOS SOBRE POLE DANCE

Em minha pesquisa bibliográfica, encontrei trabalhos que trazem à tona aspectos semelhantes com os vivenciados em meu campo. No presente trabalho, tento olhar a construção de um corpo pole dancer através de rituais como os que envolvem a dor e as performances. Ísis Leal da Silva (2016), que realizou uma etnografia em um estúdio da modalidade, buscando descobrir como praticantes de pole dance interpretam a prática, a corporalidade e as relações de gênero envolvidas no pole dance, deu destaque a questões muito semelhantes da corporalidade como a dor e os roxos advindos da prática e como são ressignificados pelas participantes, assim como Michelle Judith Paredes (2019) que, em sua dissertação de mestrado, buscou explorar o âmbito desportivo da modalidade, também encontrou essas referências.

Em minhas conversas com as interlocutoras, muitos foram os momentos em que os sentimentos de melhora de autoestima apareceram, algo que dialoga com o trabalho de Ariel J. Dimler et al (2017) “I Kinda Feel Like Wonder Woman”: An Interpretative Phenomenological Analysis of Pole Fitness and Positive Body Image” que traz a discussão sobre as relações entre a prática de pole e a autopercepção das mulheres sobre seus corpos. A principal autora do texto avalia que sua experiência participando do pole, já que praticou a atividade, facilitou a identificação de declarações significativas das interlocutoras, pois possibilitou uma compreensão mais profunda do contexto da modalidade e sua interpretação da experiência das participantes. De mesmo modo, me insiro nesse trabalho enquanto uma pesquisadora também praticante da modalidade, o que trouxe questões que impactaram em

minha forma de olhar a modalidade e me relacionar com as interlocutoras, assim como exigiu um maior trabalho no sentido de buscar desnaturalizar o que me foi dito.

Ao abordar a presença de corpos não padrão no estúdio estudado, a presente tese também traz a discussão de como esse ambiente propicia um “olhar mais carinhoso” das praticantes sobre elas mesmas. Ariel J. Dimler et all (2017) defendem também que é justamente pelo fato das mulheres entrarem em contato com corpos diversos, normais, parecidos com os seus, e que na maioria das vezes estão distantes dos padrões de beleza vistos como ideais, que uma visão mais positiva dos seus corpos é criada:

Participantes descreveram como a observação e a exposição a diversos corpos no pole fitness ajudou a aceitar seus corpos como são, independentemente de como seus corpos podem diferir das ideias convencionais de atratividade e desejo. (2017,p. 344, tradução nossa<sup>1</sup>)

Amanda Godinho (2018) também encontra resultados semelhantes em sua pesquisa, que buscou analisar os efeitos da prática regular de pole dance sobre a autoimagem e autoestima de mulheres. A autora conclui que a modalidade reflete em uma autoestima mais elevada entre as praticantes, mas pontua que ainda permanecem as influências externas e a pressão por um corpo padrão, ainda buscado por muitas de suas interlocutoras.

O uso obrigatório de roupas curtas que, contrariando o senso comum de que seriam por questões de sensualidade, são necessárias para a execução dos movimentos, faz, entretanto, com que essas mulheres se exponham de uma forma que talvez antes não tenha sido feita, mas em um ambiente seguro de apoio e sem julgamentos (pelo menos superficialmente).

Muitas das interlocutoras de Ariel J. Dimler et all (2017) expressaram “que o pole fitness fornece um espaço “protegido” e “seguro” no qual as mulheres podem se expressar sexualmente sem medo de ser julgada, p. 346)”. Levando isso em consideração, atrelada a sua experiência como aluna, a autora defende que a modalidade desenvolve um senso de comunidade através da relação construída entre aluna-instrutora e o encorajamento das colegas:

Através de minhas próprias experiências, percebi que o instrutor interagiu muito com todos os participantes para estabelecer um relacionamento. Além disso, os participantes são instruídos a torcer por seus pares durante o pole comunitário. Conforme declarado nas notas de campo da minha observação, “há muitos gritos,

---

<sup>1</sup>Participants described how the observation of and exposure to diverse bodies in pole fitness helped them to accept their bodies as they are, regardless of how their bodies may differ from conventional ideas of attractiveness and desirability (2017,p. 344)

‘trabalhem meninas, trabalhem no poste’ e vaias gerais, berros e xingamentos. Esta seção faz você se sentir muito bem e apoiado” (p, 346, tradução nossa)<sup>2</sup>.

A relação com a autoestima e com esse senso de comunidade construído pelas praticantes da modalidade é algo que está sempre presente nos depoimentos das alunas de Ariel J. Dimler et all (2017):

O pole foi um lugar de construção pra mim, percebi que era um dos poucos momentos em que eu não estava pensando ou julgando sobre o meu corpo corresponder a alguma expectativa. Ali ele podia apenas ser e ir se tornando mais forte e capaz e isso foi muito libertador em vários níveis. Desde então eu me importo mais comigo, e o autojulgamento diminuiu, não só fisicamente mas de um modo geral, eu me sinto em várias coisas e entendo a comunidade das polerinas como uma rede de apoio e trocas.

O pole está sendo muito importante para a minha autoestima e amor ao meu corpo. Ver o que sou capaz lá me ajuda a me achar bonita fora de lá.

Às vezes tenho vontade de abandonar devido ao meu peso e minha aparência. Tenho depressão e tem vezes que é muito difícil ir pra aula ou até sair de casa, mas sempre que vou eu volto me sentindo muito melhor e os pensamentos negativos perdem sua força.

O senso de comunidade experienciado no Valente Pole Dance se assemelha a esses relatos. O apoio durante as aulas, as conversas nos corredores, os momentos coletivos, como o 8 de março e demais apresentações, ajudam a construir esse laço que transpassa aquele ambiente, sendo encontrado em locais externos e nas redes sociais de forma potente.

Quanto aos estereótipos relacionados à prática e suas praticantes, Lorena Alves (2021), que analisa estigmas sociodiscursivamente criados em torno do universo do pole dance, observa como os macrodiscursos enxergam o pole dance como uma prática de vulgarização do corpo feminino, com o propósito de satisfazer homens. E como isso reflete lógicas sociais presentes em nossa sociedade:

A pole dancer está sujeita a rotulações diretas por exercer a modalidade, assim como a definições depreciativas presentes no senso comum conservador – “coisa de puta” e a alcunha de “vulgar”, dentre outras – possíveis de serem encontradas nas redes sociais, em conversas cotidianas e na mídia de forma geral. As críticas recebidas pelas mulheres, no fundo, refletem os posicionamentos estereotipados em relação ao “papel da mulher” na sociedade, o que ela deve ou não fazer, como deve comportar-se, dentre outros aspectos controladores da liberdade e da agentividade femininas (ALVES, 2021, p. 2189).

---

<sup>2</sup>Through my own experiences, I noticed that the instructor interacted a lot with all the participants to establish a rapport. Furthermore, participants are told to cheer for their peers during community pole. As stated in the field notes from my observation, “there’s a lot of whooping, ‘work it girls, work the pole,’ and general hooting, hollering, and cat-calling. This section makes you feel really great and supported. (p. 346).

Nos relatos de minhas interlocutoras, aparecem os julgamentos de parceiros, família e demais pessoas. O Instagram do Valente, assim como o relato de praticantes em conversas casuais, dá conta de diversas vezes em que foram interpeladas por estranhos com propostas de sexo pago ou insinuações a respeito, advindas do fato de praticarem a modalidade. Quanto a isso, tenho inclusive experiências pessoais que respaldam o quanto essa dinâmica é comum.

Samantha Holland (2010), em seu livro, *Pole dancing, empowerment and embodiment*, realizou o mais completo estudo sobre a modalidade, participando e observando aulas de pole dance e entrevistando praticantes da modalidade do Reino Unido, Sydney e Nova York. As principais constatações da autora dizem respeito a como as aulas de pole têm muito a nos dizer sobre gênero, corporeidade, sexo, agência, feminismo, envelhecimento e até mesmo sobre a masculinidade moderna. Tópicos esses que aparecem nessa tese e foram surgindo naturalmente ao longo da pesquisa.

Na área da educação física, Daniele Cinti (2022) realiza uma revisão sobre os estudos realizados sobre a modalidade. Ela constata que ainda há uma carência de pesquisa sobre o assunto principalmente no campo da Educação Física. Apesar disso, em seu texto, destaca artigos que tratam da modalidade pelo viés fisiológico e da psicologia do esporte. Não me ateno aqui a eles, pois não abordam assuntos que serão pertinentes para o atual trabalho, mas estão disponíveis na bibliografia para eventuais consultas.

O trabalho de Maria Luisa Souza Mendes “Pole Dance em tirinhas: quadrinhos que apresentam a prática em meio a uma sociedade machista e a relação das mulheres com o corpo” apresenta discussões sobre a percepção da figura feminina no pole dance através de entrevistas com participantes da modalidade e culmina em histórias em quadrinhos sobre as principais temáticas encontradas, tais como assédio, descriminalização do pole dance como atividade física de alto rendimento e benefícios para as praticantes. Por se tratar de um trabalho de conclusão do curso de Design Gráfico, ele foca mais em questões relacionadas à área gráfica.

Carolina Ferreira (2015) em sua dissertação de mestrado para o curso de psicologia intitulada “Redescobrimo ser-si-mesmo: A existencialidade de mulheres praticantes de pole dance” analisa de que forma as mulheres significam a sua existência a partir da prática do pole dance, apreendendo as experiências extraídas da prática e como elas se veem e percebem o seu corpo na interação consigo e com o mundo. O trabalho destaca as alterações na autoestima, no condicionamento físico e na formação de novas amizades propiciadas pela atividade.



A presente tese irá dialogar com os trabalhos apresentados, pois muitos dos relatos e lógicas no que diz respeito a questões de gênero, autoestima e corpo irão encontrar semelhanças com os resultados das autoras e autores que já estudaram a temática, nas mais diversas áreas. O que considero importante, pois mostra que essa lógica se repete, não sendo o Valente Pole Dance um caso específico.

Entretanto, por ser um trabalho advindo da área da Comunicação, mas que usa, predominantemente, a etnografia, clássica das Ciências Sociais, defendo que essa tese irá trazer uma perspectiva diferente, com o olhar micro e preocupado com o ponto de vista do interlocutor – que irá contar sua história através de suas palavras e gestos -mas com um interesse também em compreender as dinâmicas do consumo de imagens e redes sociais, algo que foi se tornando cada vez mais central ao longo do trabalho de campo e escrita do texto.

### 3 ETNOGRAFIA EM UM ESTÚDIO DE POLE DANCE

#### 3.1 ETNOGRAFIA EM MEIO À PANDEMIA

De repente, tudo mudou. Em poucos meses, de uma ameaça distante, chegamos a uma pandemia, com consequências que, logo, se mostrariam aterradoras em nosso país. O sistema educacional presencial foi um dos primeiros a ser paralisado, a fim de evitar a disseminação do vírus. Eu, assim como milhões de estudantes, logo tive que me adaptar a essa nova rotina de aulas e atividades online.

Minha pesquisa de doutorado encontrava-se na fase inicial do trabalho de campo, sendo realizada com trabalhadoras terceirizadas da universidade na qual estudo, com foco em trabalho, consumo de smartphones e gênero. Somadas as dificuldades com a suspensão das aulas para a continuidade da pesquisa – conjuntamente ao medo de exposição ao vírus – readequiei meu tema, levando em consideração o momento, as possibilidades de realização de pesquisas estando em casa e meu crescente interesse sobre as dinâmicas que via ocorrer no grupo de WhatsApp do estúdio de pole em que eu estava.

Daniel Miller (2020) se debruça sobre esse momento tão difícil, discorrendo sobre o impacto, especificamente, nos estudantes de doutorado em Antropologia que encontram ou encontraram dificuldades em prosseguir com seus trabalhos.

Miller se propõe a nos convencer que mesmo sob as restrições da pandemia é possível realizar uma etnografia “tão original, significativa e perspicaz quanto qualquer outra que tenha conhecido”:

Acho que o ponto principal da Antropologia é que, diferentemente de outras disciplinas, não esperamos consistência na metodologia. A razão é que, para nós, o método também é algo que você aprende no curso da etnografia. Na verdade, tudo se baseia na sensibilidade, na compreensão de como uma população em particular funciona.

Defendendo que “seu método é algo que você aprende, não algo que já começa com você”, ele tranquiliza os e as estudantes, mostrando que existem possibilidades, principalmente por meio do online, que podem produzir resultados tão bons – ou ainda melhores – que os almejados. Diante dessa situação em que nos encontramos, argumenta, precisamos encontrar maneiras de compensar os problemas, prevendo novas formas de fazer nosso trabalho de campo. Em uma situação que o online atinge níveis sem precedentes, devemos aproveitar essa possibilidade.

Você pode considerar que, até agora, realmente discuti tudo isso como continuidade, ou seja, como se o on-line fosse o mesmo que o off-line, porque acredito que, para a maior parte dos problemas com os quais você agora se depara, isso é grandemente verdade. Mas você também pode sentir que precisará admitir existirem coisas que serão perdidas, por não sermos capazes de estar off-line. Então é aí que terá algo a ganhar, porque haverá acesso a evidências que não estariam disponíveis em caso contrário. Logo, existe uma quantidade enorme de dados potencialmente acessíveis, de modo a compensar o que será perdido.

Louise Scoz Pasteur de Faria (2020) também compartilha um pouco de sua experiência fazendo pesquisa durante a pandemia. Assim como Miller, ela defende que o método etnográfico é capaz de produzir uma matriz metodológica flexível que se adapta às mais diversas circunstâncias empíricas.

Antropólogos delinham algumas hipóteses antes da entrada, mas deixam o campo revelar as perguntas de pesquisa através do fazer cotidiano. Nós aprendemos fazendo pesquisa. Adaptabilidade, transparência, pensamento metodológico e empatia são fundamentais para o pesquisador conseguir responder às demandas que podem surgir ao longo do caminho.

Entretanto, adverte a autora, muitos pesquisadores não foram preparados para lidar “com essas novidades técnicas, éticas e tecnológicas”. Isso, completa, pode ser uma experiência angustiante. Mas, mesmo com os percalços, Louise acredita que a etnografia, ao ouvir a experiência do outro, pode ser uma maneira de nos conectarmos com nossa própria humanidade, especialmente nesses tempos.

Sônia Weidner Maluf (2020), em seu artigo intitulado “Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências” busca, através de observações pelas janelas de casa e pelas janelas das telas de computador, celular e televisão, montar um panorama sobre os modos como as diferentes populações urbanas foram atingidas pelo vírus, em diferentes contextos, desde o papel do Estado até as práticas de auto-organização e resistência das comunidades.

A autora ressalta a forma como o vírus, algo constatado tanto nos dados quantitativos quanto em relatos de experiência, é desigual, em sua propagação, letalidade e nas dificuldades de fazer o isolamento que determinadas populações irão encontrar:

Os diferenciadores sociais e epidemiológicos vão bem além de questões demográficas e etárias, que estiveram presentes em um momento inicial da pandemia, alimentando discursos que relativizavam sua intensidade em um país de população “jovem”. Os diferenciadores sociais incidem sobre condições de vida e moradia, estrutura e organização das famílias, práticas corporais e de cuidado, organização e circulação dentro do bairro de moradia e na cidade, mobilidade urbana, saneamento básico. (2021, p. 267)

No caso específico de minhas interlocutoras, a forma como lidam com a pandemia diz respeito, principalmente, a questões de classe. O Pole Dance é uma modalidade cara, se comparada a outras atividades. E isso se reflete no público do estúdio, majoritariamente

branco e de classe média. As possibilidades de isolamento, com manutenção da renda, inclusive mantendo os pagamentos ao estúdio durante o fechamento imposto pela pandemia, foram comuns.

As visões progressistas da grande maioria das alunas também ajudaram na aceitação dessas regras de isolamento e, posteriormente, nas regras para o retorno presencial. Vanessa já havia falado algumas vezes que dificilmente tinha alunas “bolsonaristas”, que votavam e se aliavam às ideias do ex-presidente Jair Bolsonaro. Acredito que a explicação para isso passa pelo fato do próprio estigma envolvendo a prática de pole dance, que não condiz com o esperado para mulheres de direita.

Na Aula Inaugural do Mestrado em Antropologia Social (PPGAS/ICS/UFAL), Sônia Weidner Maluf trouxe outras questões importantes relacionadas à antropologia e pandemia. Experienciar esse momento difícil durante o processo é algo que se reflete no texto e, na concepção da autora, é importante reconhecer nesse momento a potência do afeto e o quanto ele pode nos ajudar a entender a experiência no tempo de seu acontecimento, não suspendendo o medo, a tristeza ou a raiva no momento de escrever ou dar aula.

Outro ponto importante abordado pela autora é sobre as condições desiguais de se fazer pesquisa antropológica no Brasil. Condições essas que passam desde a precariedade de recursos investidos na educação, o que acarreta cortes de bolsas, e impede a dedicação integral, até questões mais específicas, como as de gênero, raça e classe que muitas vezes trazem obstáculos a pleno desenvolvimento da pesquisa, devido ao preconceito e as imposições sociais, como o cuidado com os afazeres domésticos e família.

Essas condições, junto com as novas problemáticas trazidas pela pandemia, evidenciam, para a autora, a importância da etnografia compartilhada, do processo de buscar pesquisar com os sujeitos e não apenas sobre eles, reconhecendo-os enquanto sujeitos políticos.

Trago aqui novamente Sônia Weidner Maluf (2020, P. 259) para ressaltar a importância da internet nesse contexto de pandemia no qual estamos inseridos. A autora defende que é importante reconhecer que a internet é um neste momento um processo cultural da pandemia “um dos desdobramentos da pandemia como processo social e cultural, assim como a pandemia se produz também como um fenômeno na internet”.

A partir da visualização de como esse fenômeno se dava na internet através do grupo de WhatsApp do estúdio que comecei a indagar acerca dos sentidos que o pole e esse espaço virtual significavam para as alunas do estúdio. Durante a pandemia, o espaço serviu como uma rede de apoio, com desabafos, pedidos de ajuda, discussões sobre como viver em um

período tão difícil. Além de, claro, trazer dicas de como continuar ativa fisicamente mesmo sem a prática presencial do pole dance.

Combinando observação do grupo e presencialmente de aulas, assim que possibilitado pela pandemia, tentei compreender, a partir da visão delas, esses significados. Tentando chegar na interpretação desse fenômeno a partir das conexões on-line e off-line. Para isso, trago o aporte de Hine (2015), autora que defende a importância de mobilizar estratégias metodológicas que permitam a interpretação do fenômeno a partir das conexões, sejam on-line ou off-line, levando em conta o que é revelado pela observação participante.

Acho importante aqui demarcar que essa e outras referências agrego a partir das discussões e leituras do Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais (UFSM/CNPq), no qual me inseri a partir de 2018, através do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Minha experiência com etnografia tinha se dado anteriormente no Mestrado em Ciências Sociais, também na UFSM. Foi, entretanto, nesse grupo de pesquisa que pude me aproximar de forma mais direta com as relações entre a etnografia e comunicação, minha área de origem.

Ao rememorar artigos produzidos pelo Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais (UFSM/CNPq), Sandra Rúbia da Silva e Alisson Machado (2020), buscam discutir como o legado de Daniel Miller têm sido incorporado nessas reflexões que perpassam as áreas da antropologia e comunicação, ajudando a construir um fazer etnográfico que leve em conta as peculiaridades das pesquisas em comunicação:

O GP aproximou estudantes – principalmente da área da comunicação – da antropologia, apresentando, discutindo e produzindo um fazer etnográfico com nuances próprias da pesquisa em comunicação, mobilizado por questões problema que envolvem o enfrentamento das mídias e das tecnologias digitais na vida cotidiana e as distintas mediações com as instâncias sociotécnicas que conformam as culturas midiáticas (p. 862)

O GP, com uma pluralidade de pesquisas, se esforça em compreender os usos e apropriações de sites, aplicativos e smartphones pelos grupos estudados, destacando o papel da antropologia, com seu olhar cuidadoso e adaptável aos mais variados contextos, para uma visão de como essas tecnologias afetam e reconfiguram as relações sociais, com um foco nas elaborações cotidianas das mesmas.

Ao estudar o consumo das mídias sociais e das tecnologias digitais, de uma perspectiva dos usos e sentidos que as pessoas dão a essas ferramentas, as pesquisas do GP, assim como a presente tese, são inter cruzadas por “valores, percepções, moralidades e capitais próprios de que dispõem, pelas configurações da infraestrutura tecnológica, bem como pelas circunstâncias de tempo e espaço em que se encontram” (2020, p. 877) que nos ajudam a

compreender de forma mais efetiva os grupos estudados, encontrando tanto mecanismos de reforço das estruturas sociais existentes quanto formas de resistência. Como veremos adiante, essas tecnologias estarão presentes no Valente Pole Dance, principalmente em posts e no uso de fotografias para demarcar valores próprios dentro do grupo.

A etnografia dentro da comunicação percorreu, e percorre, um caminho repleto de possibilidades. Como nos alerta Camila Rodrigues Pereira (2022) no campo da comunicação “encontramos o fazer etnográfico sendo utilizado em estudos que investigam culturas, processos de consumo, usos e apropriações, relações sociais, práticas comunicacionais, recepção, cotidiano, entre outros” (2022, p. 22). A comunicação, ao adotar a etnografia, lança mão de um olhar mais sensível e atento aos pesquisados e suas práticas cotidianas. Ao mesmo tempo, com o histórico de permanente reinvenção, a etnografia encontra nos objetos comunicacionais novas formas de pensar a disciplina.

Aqui compartilhamos da “fé no trabalho de campo – longas horas, aparentemente ‘jogando tempo fora!’ na observação de cidadãos comuns em suas rotinas banais” (FONSECA, 2000, p. 7). Essa etnografia se construiu no processo do trabalho de campo, com o surgimento de novas questões e focos de análise que foram surgindo ao longo das aulas, conversas e observações online.

Durante as aulas, principalmente, nas quais além de pesquisadora, sou uma praticante da modalidade, vários foram os momentos de insight que trouxeram novos temas e estranhamentos. Aqui compartilhamos do entendimento de Jurema Brittes e Flávia de Mattos Motta (2017) sobre esse processo de entrega que deve ocorrer no trabalho de campo:

Aprendemos como sintetizar o relevante e abrir mil vezes mão de nossas questões, previamente elaboradas, para nos entregar à descoberta de lógicas alternativas emaranhadas em uma frase “sem sentido”, em uma piada que nos soa fora de lugar, num gesto que estranhemos – coisas que parecem banais, mas que afinal podem revelar muito. (2017, p. 30).

Foram durante frases proferidas pelas alunas, posts em redes sociais e momentos de descontração nas aulas que minhas primeiras concepções sobre questões de gênero, corpo, performance, dentre outros, surgiram.

Camila Rodrigues Pereira (2022) destaca outro ponto de grande importância no processo etnográfico, pensar em uma escrita acessível, que possibilite a compreensão dos demais interessados, além da academia. Pensar em uma etnografia mais justa para todos os que participam da pesquisa é pensar também em escrever para todos os interessados no texto, e não só na própria academia:

(...) Por muitos anos, não se pensava em escrever para os “informantes”, em produzir conhecimento que fosse relevante para os participantes da pesquisa, o que

culminou em muitas violências epistêmicas, em silenciamentos e em pesquisas que foram validadas somente por uma elite acadêmica. (2022 p. 28)

Cabe pontuar também que, na presente tese, tentou-se estabelecer um diálogo franco e constante com as interlocutoras. Em diversas ocasiões, foram informadas sobre os propósitos e andamento da pesquisa. Vanessa, fundadora do estúdio, esteve presente em todos os passos, discutindo temáticas, dando opiniões e em longos áudios pelo whatsapp. Muitas das questões foram surgindo ao longo do processo e foram sendo respondidas pelas interlocutoras durante a pesquisa.

Assim como foi exposto na introdução desse trabalho, é importante aqui pontuar que essa etnografia trouxe, em diversos momentos, um caráter autoetnográfico. Mesmo que essa não fosse a ideia central ao pensar a tese, essa perspectiva foi aparecendo e tornando-se mais forte em alguns momentos, como no capítulo 6, no qual usei minhas próprias imagens na modalidade para abordar temas que encontrei ao longo da tese. Sendo assim, considero necessário abordar a temática da autoetnografia a fim de situar de forma mais completa a metodologia utilizada neste trabalho.

Carolyn Ellis, Tony Adams e Arthur Bochner (2011) conceituam a autoetnografia como:

A autoetnografia é uma abordagem de pesquisa e escrita que busca descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal para compreender a experiência cultural. Este abordagem desafia formas canônicas de fazer pesquisa e representar os outros e trata a pesquisa como um ato político, socialmente justo e socialmente consciente. (p. 273)

O método surge da “crise de confiança” advinda do pós modernismo dos anos 1980 que colocou em xeque as perspectivas até então usadas e abriu caminho para pensar novas estratégias para as ciências sociais. Para a autora e os autores, a autoetnografia consegue reconhecer as várias maneiras pelas quais a experiência do pesquisador irá influenciar o processo de pesquisa e consegue usar isso ao “acomodar a subjetividade, e emotividade e a influência do pesquisador vez de se esconder desses assuntos” (p. 275)

Para isso, Carolyn Ellis, Tony Adams e Arthur Bochner (2011) destacam a importância do uso da experiência pessoal para ilustrar as experiências culturais mais amplas e, com isso, tornar as características da cultura familiar para quem está dentro e quem está fora dela.

Tony Adams, Carolyn Ellis e Staci Jones (2015) destacam a tensão que a autoetnografia traz ao confrontar as perspectivas de dentro e de fora do campo. Ao ser uma insider, pude perceber, ao longo do processo de coleta de dados e escrita, algumas dessas tensões, principalmente no que se referem ao deslocamento, exigido na etnografia, e a

desnaturalização do que me foi dito pelas interlocutoras, nesse caso, pessoas próximas e que dividem um espaço do qual eu também participo.

Ao abraçar a perspectiva da autoetnográfica, busquei usar a minha experiência para descrever as práticas estudadas, pontuando a todo o momento o lugar do qual parto:

Para os etnógrafos, tornou-se “necessário e desejável reconhecer que fazemos parte daquilo que estudamos” e, como investigadores, mostrar como somos “moldados e afetados pelas nossas experiências de trabalho de campo. Negar a si mesmo um lugar ativo e situado no campo. (ADAMS, T. E.; JONES, S. H.; ELLIS, C., p. 3)

As emoções não foram deixadas de lado e estão presentes, principalmente, quando me proponho a realizar minha proposta de “Autobiografia Dançada”, no capítulo 6, na qual a partir de minhas imagens reflito sobre o que encontrei na pesquisa partindo das minhas vivências enquanto polerina e dos meus sentimentos ao longo dessa trajetória. Alio-me, assim, mais uma vez, à perspectiva defendida por Tony Adams, Carolyn Ellis e Staci Jones (2015) que advogam a favor da importância das emoções na compreensão da pesquisa social.

Não encaro o presente trabalho como uma autoetnografia. Prefiro considerar que ela usa e se beneficia desse método e suas possibilidades em determinados momentos. No entanto, não há como negar a importância de sua teoria para a construção dessa tese e para apontar os caminhos possíveis entre a proximidade e o afastamento exigidos pela etnografia.

### 3.2 ANTROPOLOGIA DA PERFORMANCE: O QUE O CORPO NOS CONTA NO POLE DANCE?

Pole dance é esporte, dança e arte. O corpo e seus vários movimentos em torno da barra constituem performances que falam muito sobre a modalidade e quem a pratica. Pensando nesses sentidos evocados, busco aqui trazer uma reflexão sobre a antropologia da performance e de que forma podemos utilizá-la para melhor compreender a modalidade.

A virada pós-moderna da década de 1980 que fez com que a antropologia repensasse vários de seus conceitos, trouxe novos e interessantes caminhos para se pensar o social. A antropologia da performance centrou seu olhar no corpo estético, nas expressões de danças, nos movimentos de rituais e da oralidade para melhor compreender as sociedades.

Turner (1987) se debruça a partir do processo de revolução industrial a pensar na dificuldade, em uma sociedade cada vez mais mutável, de significar o mundo. Seu conceito de drama social usa a metáfora das artes para interpretar os rituais e comportamentos das pessoas. O autor enfatiza os fenômenos desarmônicos que se expressam a partir das



performances teatrais. O drama social, para ele, irá imergir nesses momentos de crise, abalando a unidade social, evidenciando o caráter dinâmico de sua estrutura. Suas primeiras formulações sobre uma antropologia da performance serviram de base para os estudos posteriores.

A área de estudo advém da importante aproximação entre antropologia e artes cênicas, como destaca Dawsey et al (2013, p. 19)

Antropólogos muito têm a aprender com as artes cênicas. Com elas descobrimos algo sobre papéis sociais e, principalmente, sobre a interrupção de papéis, Iluminam-se processos associados à construção da personagem e da pessoa, ou persona – uma palavra que evoca a ideia de máscara. Aprendemos sobre as relações entre máscara e corpo. Deparamos com a primazia do corpo. (O corpo tem razões que a cultura desconhece). Partindo da ideia de que os sentidos do mundo se formam através dos sentidos do corpo, a antropologia não deixa de ser uma atividade que calcula o lugar “sentido” das coisas.

Diana Taylor (2013) pontua que “para Turner, assim como para outros antropólogos dos anos 1960 e 1970, as performances revelam o caráter mais profundo, verdadeiro e individual da cultura (2013, p. 10)”. Pensar performance é jogar luz a momentos de estranhamento em relação ao cotidiano. Essas performances, pensadas enquanto experiências, auxiliam na significação de mundo. E o corpo, presente nesse processo, ajuda na criação de universos sociais e simbólicos. O corpo traz memórias e esquecimentos que ajudam a compreender os grupos estudados, pois através “do processo de performance, o contido ou suprimido revela-se” (DAWSEY, 2005, p. 16).

Paul Zumthor (2018) ao pensar a relação entre a performance e o texto poético, irá dar destaque ao papel do corpo, no processo que a memória corporal irá exercer na percepção do real:

O virtual é da ordem do pressentir, que vem associar-se ao sentido, e às vezes identifica-se com ele. Só é concebível em relação a um sujeito para o qual há "o impercebido pendurado no percebido". Percebo esse objeto; mas minha percepção se encontra carregada de alguma coisa que não percebo nesse instante, alguma coisa que está inscrita na minha memória corporal. O pressentido não é necessariamente uma imagem: ele é imaginável, ele tem a possibilidade de produzir uma imagem. De qualquer maneira o virtual freqüenta o real. Nossa percepção do real é freqüentada pelo conhecimento virtual, resultante da acumulação memorial do corpo, eu o repito. Desse modo, o virtual aflora em todo discurso. (p. 82)

O corpo para o autor é engajado na construção dessa percepção de mundo. É ele que irá reagir aos textos aos quais nos provoca Zumthor (2018) para pensar a performance na leitura. Ele que é o peso sentido na experiência que o leitor irá fazer dos textos. “Meu corpo é

a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo” (2018, p. 71).

Denise Siqueira e Euler de Siqueira (2004) defendem que o corpo é instrumento de comunicação na dança e revela toda uma história cultural, social, psicológica e biológica em seus movimentos:

Movimentos coreografados ou não, atos e gestos do cotidiano deixam entrever aspectos da cultura na qual está inserido aquele que se move ou fica imóvel. A forma como um coreógrafo e seu intérprete percebem o mundo pode ser apreendida através da dança, assim como aspectos importantes de uma sociedade e sua cultura. (...) O espetáculo cênico é fórum privilegiado para estimular a reflexão sobre a percepção. (2004, p. 63)

Os movimentos dançados são assim pensados como fruto de experiências vividas e percebidas. Intérprete e plateia os percebem como algo que irá transcender o que é apresentado no palco. Esse olhar, para além da pole dancer que realiza seus movimentos em torno da barra, considerando o que traz inscrito no seu corpo e como isso se transforma naquele momento é importante em nossa análise.

Os estudos da performance também defendem que elas podem suscitar experiências de comunidade:

Nos momentos de suspensão das relações cotidianas é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas. Despojadas dos sinais diacríticos que as diferenciam e as contrapõem no tecido social, e sob os efeitos de choque que acompanham o curto-circuito desses sinais numa situação de liminaridade, pessoas podem ver-se frente a frente. Sem mediações. Voltam a sentir-se como havendo sido feitas do mesmo barro do qual o universo social e simbólico, como se movido pela ação de alguma oleira oculta, recria-se. A essa experiência Turner dá o nome de *communitas*. (DAWSEY, 2005, p. 166)

Vanessa comenta que enxerga diferenças nas performances realizadas por mais de uma aluna, algo muito relacionado ao compartilhamento de experiências em comunidade:

Eu notei que o "dançar em grupo" mudou muito quando saí do espaço pequeno de casa. Como era só uma barra em casa, as alunas intercalavam o uso da barra para dançar. Quando começamos a ter mais barras, notei que mudou bastante porque as alunas se comunicavam entre elas para dançar e sincronizar os movimentos. Também ficou algo mais leve porque os movimentos que dão "errado", geralmente são os mesmos para todas e aí começam as risadas e os compartilhamentos de experiências.

Muitas comentam que gostaram de dançar com a colega porque viram que não eram só elas com essa dificuldade e, a partir dali, começaram a se soltar mais. Trabalhar em grupo, realmente, fez muita diferença nesse quesito da dança. As alunas tem mais referências de como a modalidade é para as colegas, compartilham mais as experiências e se sentem melhor dançando, sem se cobrar tanto. (ABRIL2020)

As apresentações, como no Halloween e Festival de Pole, que serão abordadas com mais profundidade em um segundo momento, também evocam sentidos semelhantes. Ao se apresentarem, as polerinas são estimuladas, através de gritos entusiasmados e aplausos pelas

suas companheiras na plateia. São momentos de troca intensa que, inclusive interferem na performance, deixando a pole dancer envolta nessa rede.

Samantha Holland (2010) destaca como a questão da corporalidade deve ser levada a sério pelo feminismo e como o pole é um exemplo de fisicalidade que tenta resistir a ideologias sobre o que é ou não apropriado. E que o julgamento sobre o pole dance, realizado por algumas feministas, não leva em conta as formas como o corpo também pode ser agente.

Todas as atividades femininas, físicas ou culturais, ocorrem dentro de uma complexa rede de sexismo, racismo, heterossexismo, capitalismo e consciência corporal, muitas vezes dismorfia corporal; embora as mulheres sejam fisicamente esperadas para ser, em geral, tímidas há também agência, prazer, resistência, força e dominância. (p. 44, 2010, tradução nossa)<sup>3</sup>

Sendo assim, olhar as sociedades pelo viés da performance e da corporalidade, pode dar importantes nuances sobre aspectos que podem não vir à tona através de outras formas de observação. Ainda segundo Dawsey (2005) a grande sacada de Turner foi ver como as próprias sociedades sacaneiam-se através dos ritos, cultos, festas, danças, dentre outro. Segundo ele, nesse estado de paralisia em relação ao cotidiano “universos sociais e simbólicos se recriam a partir de elementos do caos. (DAWSEY, 2005, p. 165)”.

Gilmar Rocha (2008) também defende que durante as performances “os grupos refletem sobre eles mesmos e a sociedade da qual são parte, podendo, neste momento, serem agentes ativos de mudança social (2008, p. 143)”.

Annelise Gonçalves (2017) destaca que mesmo sem esses momentos de apresentação a performance está no pole dance, já que ela envolve todo o processo pelo qual a praticante passa.

Não podemos deixar de perceber que se trata de uma experiência um tanto ritualística, primeiro há o sacrifício mediante um objetivo, e quando esse objetivo é alcançado, a foto aparece como expressão. O que nos direciona para a concepção de Vitor Turner de que “a performance completa a experiência” (Turner, 1982, p.13). Resgato também a concepção de que performance e vida real se confundem e que não é necessário que uma pole dancer se apresente profissionalmente ou participe de campeonatos para que consideremos o que ela faz como performance, incluindo toda a preparação corporal que ela passa. (2017, p. 22)

As imagens produzidas no pole dance, que serão discutidas com mais profundidade posteriormente, também podem ser entendidas como uma forma de performance, segundo destaca Annelise Gonçalves (2017):

As fotos são também uma forma de expressar algo, ou performar em outros espaços. E por essa relação com a conquista e também por serem uma outra maneira de se ver elas têm um grande papel na construção desse corpo pole dancer. A repercussão que

---

<sup>3</sup>All women’s activities, physical or cultural, take place within a complex network of sexism, racism, heterosexism, capitalism and body consciousness, often body dismorphia; although women are physically expected to be, in general, timid there is also agency, pleasure, resistance, strength and dominance.

a foto obteve nas redes virtuais também se torna assunto. Mais de uma vez ouvi comentários do tipo “às vezes você acha que tá arrasando, aí grava o vídeo e tira uma foto e vê que tá horrível, um desastre”. Através delas as pole dancers avaliam seu próprio desempenho, essas fotografias transformam, modificam e atuam diretamente na relação com o corpo e com a sua construção, e a recepção que tem pelas outras pessoas é um fator importantíssimo e motivacional para quem pratica a atividade.

Ainda segundo a autora, o ato de postar fotos torna-se, nesse contexto, empoderador, pois apesar do ato causar conflitos – e vários são os exemplos citados nesse sentido, tanto pessoais quanto profissionais – as fotos não deixam de ser postadas, criando um enfrentamento. Além disso, a insegurança de postar algumas fotos, advinda da imposição de padrões sociais, passa a ser revista quando se alteram as relações da praticante com o próprio corpo.

Com isso, as praticantes começam a perceber as potencialidades de seu corpo, um corpo que pode ser tão socialmente subjugado, passa a mudar seu lugar em relações de poder, principalmente as que passam as relações de gênero (2017, p. 36).

A performance é vista por Beatriz Polivanov, Fernanda Carrera e Vinícios Ribeiro (2021) como um importante ponto de contato entre arte, comunicação e cultura. As autoras e o autor defendem que essa performatividade também pode ser analisada em sua relação com os corpos, corporeidade e seus atravessamentos. Esse diálogo encontra ainda maiores tensionamentos quando inserimos as plataformas digitais:

Corpo, arte e comunicação estão sob constante escrutínio na amplitude das interações em mediações digitais, negociando suas potencialidades a partir de múltiplas e constantes percepções, subjetividades e transformações tecnológicas. Para além de uma discussão já cara aos estudos da cultura digital sobre especificidades nos modos de se apresentar e performar a si mesma/o em ambientes online (BAYM, 2010; BOYD, 2011), onde não se pode contar com a presença dos corpos em si, interessa-nos refletir sobre de que modos as redes digitais problematizam relações de visibilidade e autenticidade de corpos e narrativas tidos como não normativos. Dentro dessa perspectiva, o debate sobre estes espaços em suas conexões com os modos performativos de existir e ser visto na contemporaneidade clama por aprofundamento teórico-científico (...) (2021, p. 10)

Beatriz Polivanov (2019) nos ajuda a aprofundar neste tópico, pensando de que forma essa performatividade se expressa nas redes sociais. Ao considerar que as identidades na contemporaneidade são marcadas pela dimensão da performance e fluidez, ela defende que manter a “coerência expressiva” é ainda mais difícil em tempos de redes sociais:

Tal complexidade se daria, ao menos, por duas vias: 1) ter de lidar não apenas com múltiplas plataformas para autoapresentação, mas também com diversos círculos sociais num mesmo ambiente (como o Facebook) e 2) tornar-se, construir-se e reconstruir-se como alguém online junto à mediação de agentes que não são humanos. Nesses ambientes, nossas performances cotidianas não apenas se dão entre atores, equipes e plateias, para evocar termos usados por Goffman (1959) –, mas também envolvem agentes outros, que vão desde políticas de funcionamento de empresas, a algoritmos que selecionam quais conteúdos iremos ver e perfis criados por softwares que simulam

ações humanas de modo que não sabemos nem distinguir em alguns momentos se conversamos com outra pessoa ou um bots. (2019, p. 117)

Nesse sentido, é importante considerar as dinâmicas próprias dessas redes sociais e como elas irão afetar nessas performances. Que determinam, inclusive, as escolhas das interlocutoras pelo lugar onde irão expressar os seus corpos pole dancers.

Dessa forma, seja no pole street realizado no dia 8 de março e nas gravações de Halloween ou no Festival em que um número maior de alunas puderam se encontrar e performar conjuntamente, nas fotos ou ainda nesses processos que permeiam toda a experiência da modalidade na vida dessas mulheres, há momentos de quebra nos quais é possível perceber como fala o corpo pole dancer.

### 3.3 QUALQUER CORPO, MAS NEM TODO CORPO: O QUE CONSTRÓI UM CORPO POLE DANCER?

O corpo pole dancer dança, interpreta, usa de sua força das maneiras mais inimagináveis. Aquela que o carrega, traz em cada movimento sua história, seus medos, seus desejos.

Karina sempre foi uma criança medrosa. Mesmo estando há mais de dois anos no pole dance, coisas que a deixam de cabeça pra baixo são um desafio. A instrutora a deixa confortável. A ideia é respeitar os processos de cada uma, mas, ao mesmo tempo, lhe dar segurança, caso queira tentar superar esse medo:

- Tu tá bem travada. Não vai cair. Eu tô te segurando.

O dia que Karina conseguiu ficar sozinha na “Trava 4”, movimento em que fica de cabeça para baixo com o uso das pernas cruzadas, mesmo que por pouco tempo, o clima foi de alegria. Palmas, gritos e emoção.

As inseguranças imobilizam o corpo. Não são raras as vezes que frustrada por não conseguir realizar algo, brava consigo, as coisas não evoluem em aula. A autocobrança, ainda mais pesada no caso das mulheres, é uma companhia recorrente. Vanessa sempre tenta fazer com que as alunas “curtam” o processo, façam da sua forma os movimentos, de acordo com seus níveis, suas limitações. Mas nem sempre isso é conseguido. O que o corpo carrega, muitas vezes, é difícil de ser deixado de lado.

Ao mesmo tempo, esse corpo carrega memórias que agregam. O corpo da bailarina clássica flui em volta da barra, mesmo nunca tendo estado junto a uma. Aproveita a

experiência que o corpo traz consigo. O artista de circo traz a sua flexibilidade e, ao mesmo tempo que é transformado pela modalidade, também a preenche com suas nuances.

Flora traz ainda na sua memória corporal sua experiência na dança, interrompida pela insegurança e preconceito. Ao ver uma de suas performances, no Halloween 2021, ficou nítido pra mim sua experiência, expressa em movimentos fluidos e seguros:

Eu amava dançar quando era criança, aí comecei a engordar e virou um lugar de sofrimento. Me ressinto disso hoje em dia kkkkkkk. Eu era super flexível e fluida, e perdi isso quando decidi parar por causa dos comentários sobre meu peso. Eu parei de dançar na 5 série por causa disso. E eu dou risada hoje em dia porque na época embora eu não fosse gorda como sou agora. Eu era o que hoje seria midsize ou pra menos até. Eu pesava 55kg e achava um horror. Eu fico super feliz quando trago algo de volta ou tenho facilidade pelo meu histórico. (JANEIRO 2022)

Essas memórias que o corpo traz e que irão aparecer nesses momentos não são estáticas. A memória da Flora dançarina se mistura com a da Flora com as inseguranças passadas ao longo de sua trajetória enquanto mulher gorda. E ao longo de seu processo no pole dance novas memórias vão sendo construídas e aparecerão de novas formas naquele corpo e nas maneiras de se expressar e performar.

Annelise Gonçalves (2017) também encontra relatos semelhantes entre suas interlocutoras. Uma delas afirma que é preciso saber o que o corpo já praticou para entender sua história. Sendo assim, a autora entende que “Podemos pensar assim, que ficam impressas no corpo as marcas e os registros de cada experiência que nós vivemos, de cada mundo que nos permitimos conhecer, de cada trauma que nós sofremos, cada couraça” (p. 27).

Para Vanessa, é importante considerar cada corpo e a forma como se expressa nas performances, sem juízos de valor:

Eu sou do grupo que acredita que tudo é performance. O que o corpo quer fazer, se torna dança. Não acredito que exista feio ou bonito na movimentação, existe o que o movimento é e sente naquele momento.

Cada aluna chega no estúdio com uma carga social diferente. Tem as alunas que querem dançar contemporâneo porque elas amam dançar, mas não querem se ver de uma forma sensual. Tem as que amam acrobacias porque mostram que são fortes, mas odeiam dançar. Tem as alunas que querem dançar sensualmente porque se sentem bem ou porque, simplesmente, querem trabalhar melhor isso nelas mesmas.

Eu, como gosto de tudo no pole - tenho as minhas preferências, mas qualquer vertente que aparecer pra eu treinar, eu amo-, acabo trabalhando um pouco de tudo com as alunas. O maior desafio é fazer com que as alunas enxerguem que o corpo delas não vai se movimentar igual ao meu.

O movimento, quando feito pelo corpo da aluna, é dela e não meu. Mas a maioria ainda quer se enxergar fazendo as coisas de uma forma fluidíssima que demora muitos anos para acontecer e, mesmo assim, vai ser diferente do jeito que eu mostro.

Aos poucos, elas vão entendendo que o corpo delas é único. A performance é única de cada pessoa. Isso ninguém vai tirar delas. Também, por isso, eu gosto de

trabalhar de tudo com as alunas: possibilita que cada uma delas se enxergue capaz dentro de cada vertente. (NOVEMBRO 2021)

Tânia Pereira (2015) aborda, em sua monografia na área da educação física, justamente a relação corpo-pole dance:

Essa é uma das riquezas do Pole Dance: ele pode ser e se tornar aquilo o dançarino almeja que seja. Ele se molda e se encaixa dependendo do meio em que está inserido, dependendo de que uso o dançarino quer fazer dele e de seu corpo. O corpo se retorce para se adaptar à barra e a barra é “adaptável” a esse corpo. Ambos se transformam juntos naquilo que foi pensado e juntos compõe as mais diversas coreografia com os mais diversos focos, nas mais diversas ocasiões ou meios que estão inseridos. E a partir desse ponto podemos entender também a grande adesão das pessoas pela modalidade: ela não é uma coisa só, não atinge e interessa apenas um tipo de público. (2015, p. 50)

A preocupação com o corpo é algo antigo na antropologia. Para Mauss, sociólogo e antropólogo francês, considerado o “pai” da Antropologia Francesa, o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Não há como olhá-lo sem pensar no ambiente no qual está inserido. Cynthia Sarti (2001) pontua que ele se define de acordo com as regras do mundo social no qual ele se inscreve.

Ao analisar a construção de “corpos que creem” em uma romaria, Denise Pimenta (2013) joga luz a processos de constituição de um corpo religioso através de ritos, caminhadas, pagamento de promessas. Ao mesmo tempo, podemos ver paralelos disso com a construção de um corpo pole dancer, que passa por seus próprios rituais para constituir-se enquanto tal.

Denise Pimenta (2013) defende que “O corpo de alguém que crê é, pois, um corpo que crê, e este passa por todo um aprendizado de técnicas corporais específicas para esta ocasião, assim como o corpo que aprende a correr, nadar ou comer (2013, p. 118)”. O corpo pole dancer para se entender como tal, passa também por técnicas e rituais específicos. A nudez exigida, a ponta de pé sempre cobrada, os hematomas “pole kisses” mostrados com orgulho, como defendido anteriormente, e a própria construção de um corpo sexy demandado para determinadas coreografias são exemplos disso.

Ao mesmo tempo em que todos os corpos podem experimentar a modalidade, nem todo corpo é um corpo pole dancer. Sem as queimaduras da barra, as dores, o sofrimento, o esforço demandado em cada movimento, não se constrói um corpo pole dancer. Um corpo que está sempre em construção, em busca de movimentos mais avançados, maior flexibilidade e técnica coreográfica. E, para isso, demanda processos específicos ensinados em aula. E é modificado pela prática.

Diana, polerina e instrutora no estúdio desde 2021, acredita que o corpo da pole dancer se constrói no movimento:

A partir do desejo de aprender, se inicia um treino específico para auxiliar na evolução dentro da modalidade. Com autocuidado e constância se conquistam giros, travas e sequências. Aceitando o desafio físico, mas também o mental e emocional que é aprender algo novo. Me senti uma polerina quando senti fluir a dança com mais naturalidade, sem cobrança de perfeição. No prazer em simplesmente deixar desaguar qualquer sentimento que estava ali no momento através do movimento que eu estava aprendendo ou treinando. Me senti pole dancer quando compreendi que o movimento exige intenção. (JANEIRO 2022)

Ester se sentiu polerina quando superou o seu medo das acrobacias de cabeça para baixo:

O momento que eu mais me senti pole dancer foi quando consegui inverter na barra. Sempre foi o meu desafio, porque eu tenho muito medo de ficar de cabeça pra baixo. Foi bem difícil o processo de ir me adaptando ao que o pole exige. Quem me via plena, não fazia ideia da briga que tava dentro da minha cabeça. Apesar ser boa com o quesito força, sou muito ruim em flex. Eu ainda me cobro muito pra ter boas aberturas e conseguir fazer movimentações mais limpas. Mas o pole me deu uma segurança que eu não tinha, mesmo já sendo da dança. (JANEIRO 2022).

Tânia Pereira (2015) destaca esse lado da modalidade em seu texto, salientando como é interessante perceber que, mesmo em situações de medo, as praticantes continuam tentando realizar os movimentos “quebrando essa barreira, enfrentando os desafios e levam esse enfrentamento de desafios para fora do Pole”.

Flora se sentiu pole dancer quando começou a se interessar mais pelas roupas e acessórios de pole, para complementar as performances:

Eu fui me sentir uma pole dancer ano passado, acho que 1 ano e meio depois de ter começado. O que marcou pra mim essa mudança e aceitação foi o fato de que comecei a querer ter roupas especiais pro pole, mais chamativas e bonitas. Onde antes eu usava só tops e shorts que eu já tinha em casa mais discretos. (JANEIRO 2022)

Entretanto, suas inseguranças em relação a sua vivência enquanto mulher gorda estão presentes na sua experiência enquanto praticante da modalidade:

Até hoje é super complicado pra mim me sentir sensual ou sexy quando a coreografia é nessa linha sexy. O pole me ajudou muito com aceitar meu corpo dentro e fora das aulas. Mas tipo achar ele bonito já é outro assunto em andamento ainda kkkkkkk (JANEIRO 2022)

Como explicitado nos relatos anteriores, as relações dos diferentes corpos com o pole é única e marcada pela descoberta de capacidades antes não imaginadas. Tânia Pereira (2015), na conclusão de seu trabalho, enumera as diferentes possibilidades que o corpo encontra na modalidade:



O que diz o corpo que dança o Pole Dance? É um corpo que diz sua capacidade, que encontra outros caminhos para superar suas limitações, um corpo que suporta a dor, se habitua a ela, um corpo que se põe presente nos palcos, nas aulas, disposto a experimentar diversas inversões e sensações não habituais, outros ângulos; um corpo que enfrenta seus medos; é um corpo que descobre outras faces. Descobre que pode ser sensual, que pode produzir manifestações artísticas, que pode ter uma rotina de atleta; que é mais forte do que pensa; que pode alcançar amplitudes nas quais nunca imaginou; alcançar alturas; suportar fortes giros da barra e não mais se desorientar. O Pole molda o corpo e o corpo molda o Pole para ambos criarem juntos novas possibilidades. O corpo que dança o Pole Dance nos diz a todo momento que somos capazes de fazer coisas que normalmente desacreditamos ser possível. Que somos movidos pelo desafio e moldados pelas sensações que expomos nossos corpos. Isso que um corpo que dança o Pole Dance nos diz. (2015, p. 66)

A relação entre as alunas e a instrutora é algo fundamental para a construção desse corpo pole dancer. É através da confiança depositada na instrutora que a aluna começa a realizar coisas que antes achava impossível para o seu corpo, pois sabe que, a todo o momento, está segura para experimentar. Qualquer escorregão ou queda conta com um suporte que não a deixará sair machucada. Isso, claro, não impede que muitas tragam seus medos, como explicitado anteriormente, mas é algo essencial para o processo de superação dos mesmos.

Diana compartilha sua experiência como instrutora, ressaltando toda a parte emocional envolvida:

Ao decidir ser instrutora a autocobrança de perfeição e evolução constante começou a me deixar insegura. Independente de estudar e praticar, tinha receio de não ser boa o suficiente. Quando comecei a dar aula, dizia para as alunas que elas deveriam respeitar esse processo de aprendizagem, mas eu também fui ouvindo e internalizando. Percebi que as trocas em sala de aula são de uma densidade incrível e incomparável. Ser instrutora é acolher, ensinar, observar e ouvir. Nesse espaço de motivação, risadas e carinho, aprendi a me amar exatamente como sou e oferecer todo o conhecimento que tenho. (JANEIRO 2022)

Annelise Gonçalves (2017) acredita que essa relação aluna-instrutora ajuda a “moldar o corpo” da nova polerina e que “a prática do pole dance é uma jornada de autoconhecimento, pois no decorrer da prática a aluna passa a conhecer melhor o próprio corpo, entretanto esse não é um caminho que é percorrido sozinho” (p. 27). Mesmo sendo uma modalidade realizada, em sua essência, individualmente, o pole e a construção desse corpo pole dancer não é feito sozinho.

A dor também é um aspecto bastante citado quando falamos com qualquer praticante da modalidade. Isis Leal e Silva (2014), busca “compreender a dor no pole dance como um fenômeno que é vivenciado e sentido de acordo com os significados daquele espaço, uma vez que acredito que possa ser pensada como parte de um habitus pole dancer, que é construído e incorporado (2014, p. 3)”.

Podemos pensar a dor como Cynthia Sarti (2001), que a analisa inserida em um universo de referências simbólicas, configurando, assim, um fato cultural. A autora defende que as formas de senti-la e expressada são regidas por códigos culturais e através dela conseguimos ver uma manifestação clara da relação entre indivíduo e sociedade. Para isso, considera o próprio corpo como algo que não existe fora do social.

Loic Wacquant (2002) em seu clássico trabalho sobre boxe, mostra como os pugilistas devem suportar a dor. É uma marca que presente no esporte e é necessária para a formação do pugilista.

(...) essa aprendizagem da indiferença à dor é inseparável da aquisição da forma de sangue-frio própria ao pugilismo. A socialização adequada do pugilista supõe uma habituação aos golpes, cujo inverso é a capacidade de domesticar o primeiro reflexo de autoproteção que produz uma falha na coordenação dos movimentos e que dá vantagem ao adversário. (2002, p. 115)

Da mesma forma, no pole dance, a dor é um aspecto essencial. O calejamento da pele é algo necessário para conseguir realizar os movimentos com um pouco menos de dor. Alguns movimentos, claro, são considerados mais doloridos e algumas alunas não gostam de fazê-los. Mas não deixam de realiza-los por isso.

O superman é um desses movimentos. Como demonstrado na imagem abaixo, nele a pessoa deve ficar em posição perpendicular à barra, com a barriga voltada para o chão, segurando a barra entre as coxas e com apenas uma das mãos. O atrito das coxas, pelo esforço, assa a parte interna. Além disso, para descer, vai se escorregando barra abaixo, fazendo quase uma “drenagem linfática” como é frequentemente referida pela instrutora e alunas.

Figura 11 - Figura do Superman, executada pela autora.



Fonte: arquivo pessoal.

Dentre as diversas colegas que pude dividir a aula, sempre lembro de Diana quando falo sobre dor. Extrovertida, deixava bem claro através de gritos a dor que sentia com determinados movimentos. O que rendia boas risadas entre nós. Conversando com Vanessa, ela me explicou que todas sentem dor, mas a sensibilidade da pessoa a ela varia muito, algo que ela pode perceber dando aula para várias alunas.

Flora reclama que tem a pele sensível, então tem dias que não consegue realizar o que é pedido, mas ressalta que isso “faz parte” e que para ela tudo bem:

Pra mim (a dor) é de boas, eu não gosto kkkkk é um sofrimento, mas gosto do resultado. Que nem fazer tatuagem. O processo dói, mas o resultado compensa. (JANEIRO 2022)

Os roxos, como citado anteriormente, também são marcas frequentes da modalidade. Michelle Judith Paredes (2019) que, em sua dissertação de mestrado, buscou explorar o âmbito desportivo da modalidade, também encontrou essas referências a dor, interpretadas por ela como um ritual de transformação a fim de alcançar o “corpo pole dancer”:

Essa receita se obtém através do sofrimento como uma porta de entrada às capacidades através de uma dor positiva. O resultado: inscrever a identidade do pole no corpo e, sendo uma maneira de romper os limites pessoais, forja o estado mental (p. 39)

A modalidade exige que se tenha o atrito entre pele e barra para a realização dos movimentos, já que isso é o responsável por manter as travas (forma de pressionar os membros ou articulações contra a barra para conseguir ficar suspensa/ pendurada). E isso, conseqüentemente, gera dor, em menor ou maior grau, dependendo do movimento. Além do aparecimento de marcas na pele, os “roxos”. Como constatado na pesquisa da autora e corroborado por minha experiência de campo, esses hematomas são expostos com orgulho, como “marcas de batalha”. Recebem até um nome carinhoso entre as pole dancers: pole kisses (Figura 12).



Figura 12 - Pole kisses.

Fonte: Grupo do whatsapp do estúdio.

Os roxos, como também constatado no trabalho de Ísis Leal (2014) são tema de comentários em tom de brincadeira, referindo-se a eles como se tivessem sido resultado de atos sexuais ou até de ações de violência. O fato de os roxos serem localizados em braços e pernas lembram muito resultados de apertões ou chutes comumente encontrados em caso de violência física. Certa vez, uma menina do estúdio comentou que foi indagada e recebeu apoio de uma desconhecida caso quisesse denunciar alguém por conta de seus pole kisses.

O corpo da pole dancer também é um corpo que influencia e é influenciado pela tecnologia, pela imagem. Molda-se ao ângulo e ao posicionamento do celular. Dobra e desdobra para caber em um frame que depois virará um post. Essa corporeidade que, para Achille Mbembe (2021) perpassa o que há de maciço no corpo e em tudo que objetivamente está a ele ligado, é um conceito necessário para entender de que forma esse corpo polerino é construído:

A corporeidade também se refere ao modo como o corpo é objeto de percepção, ou seja, como é criado e recriado pelo olhar, pela sociedade, pela tecnologia, pela economia ou pelo poder; o modo como se posiciona em relação a tudo o que o cerca ou que se move e cria um mundo ao seu redor. (MBEMBE, 2021, p. 12)

O vestuário também é uma marca de distinção desse corpo, algo característico da modalidade e que pode ser visto como parte desse processo de criação de um corpo pole dancer. As roupas curtas são necessárias para os movimentos, mas seus usos e características são particulares. Flora talvez seja a aluna que mais usa conjuntos diferentes de pole dance, todos comprados de marcas famosas que produzem para praticantes da modalidade. É comum que paremos para elogiá-la. Mas isso também mostra sua distinção social. Roupas de pole, assim como o próprio custo das aulas, não são coisas baratas. Bodys, peças únicas usadas como maiô, chegam a custar 300 reais sem o frete.

As personalidades e a forma como as interlocutoras se relacionam com a questão da exposição de seus corpos também refletem neste uso do vestuário. Algumas meninas, neste caso, a minoria, preferem usar shorts e camisetas mais compridas, enquanto outras já pensam em como as roupas irão destacar suas curvas nas fotos. Vitória, mesmo não tendo as mesmas condições financeiras de Flora, gosta muito de exibir roupas novas e que destaquem seu bumbum nas imagens. Essa distinção relacionada ao poder de compra, entretanto, não aparenta ser tão importante entre as mulheres. O empréstimo de vestuários, principalmente

para as fotos, é recorrente. E todas têm, minimamente, um ou outro conjunto de pole dance, já que, como comentado anteriormente, a modalidade exige que se tenham recursos financeiros.

Para os pés, as meias ou ponteyras – espécies de meias que cobrem apenas a parte da frente do pé – são necessárias principalmente para giros e movimentos que necessitem algum tipo de deslizamento. Mas também há as pleasers, sapatos com saltos que podem passar de 20 centímetros, utilizados principalmente em apresentações. Algumas das interlocutoras têm as suas. Ainda em 2019, adquiri uma usada na internet que hoje, junto com cerca de três outras, permanece em uma estante no estúdio, para ser usada durante as aulas, principalmente aquelas de pole coreográfico, ou ainda para tirar fotos, por quem desejar.

Figura 12 - Pleaser.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Para Annelise Gonçalves (2017), podemos entender essa questão do vestuário, do despir-se de várias maneiras:

Desta forma, podemos entender que se despir de uma roupa nessa situação é também despir-se de uma posição social, de alguma ocupação, é um desprender-se de um mundo para entrar em outro específico, que vai permitir a criação de um novo corpo, um corpo que foge ao corpo padronizado que é criado dentro de uma moralidade e fim específico da nossa sociedade. Sabemos que grande parte das instituições disciplinadoras as quais somos submetidos – escola é o melhor exemplo – tem como parte da ação disciplinar o ato de manter nossos corpos rígidos, parados, ordenados, isso gera grandes limitações na nossa capacidade de mover-se e é nesse sentido que atividades físicas e artísticas que promovem outros deslocamentos corporais e espaciais e se tornam espaços de criação e revolução. (2017, p. 18)

Esse corpo, construído dentro desse espaço do estúdio e fora dele através das redes sociais e suas imagens, é um corpo utópico, que ao se adornar, usar de suas máscaras constrói e é transportado para um novo espaço:

Usar máscaras, maquiar-se, tatuar-se, não é exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais

facilmente reconhecível. Tatuar-se, maquiar-se, usar máscaras, é, sem dúvida, algo muito diferente; é fazer entrar o corpo em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis. A máscara, o sinal tatuado, o enfeite colocado no corpo depositam no corpo toda uma linguagem: uma linguagem enigmática, cifrada, secreta, sagrada, que evoca sobre esse mesmo corpo a violência de um deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo. A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, o fazem entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem desse corpo um fragmento de um espaço imaginário, que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. (FOUCAULT, 2013)

O corpo utópico da pole dancer cria-se nesse espaço heterotópico do estúdio e das imagens, um lugar ao mesmo tempo fora de todos os lugares. Lugar de contestação de todos os outros espaços, criando outro espaço perfeito, meticuloso. Espaço este onde o corpo pole dancer pode ser livre do julgamento, das opressões, do machismo e pode simplesmente explorar o seu potencial. Laura Gomez e Débora Leitão (2017) trazem outra perspectiva a essa ideia de Foucault (2013), considerando também as plataformas digitais como heterotopias, lugares onde outros modos particulares de vida tornam-se possíveis. Através dos usos que fazem de suas redes, das maneiras que nelas usam as imagens para performar, as pelerinas também estão imersas nesse processo.

Esse espaço heterotópico é o estúdio, mas não somente ele. Não se encontra na barra ou nas plataformas e imagens. Desenvolve-se no conjunto das relações estabelecidas nesses ambientes e fora deles, no corpo que vai se transformando e experienciando novas possibilidades de ser, sentir e estar, nesse corpo que segundo Foucault (2013) é o ator principal de todas as utopias.

Álvaro Gomez e Sara Salgado (2012) também irão demarcar as potencialidades do corpo em alojar tanto operações de dominação como práticas de desobediência, mostrando como ele pode assumir “linhas de fuga” frente às delimitações impostas. Para os autores, o corpo pode ser visto como o primeiro território de poder de todo ser humano, o qual vai se construindo ao longo do tempo, no processo de formação do sujeito:

Por conseguinte, quando se entende o corpo o espaço em que se objetivam não só as violências, mas também as resistências, este se pode reconhecer como meio e fim no processo de constituição do sujeito, neste caso, do sujeito jovem. É um lugar de existência único para cada ser humano em qual se ressalta o poder para decidir, ser, e fazer por foram de suas determinações históricos e do que o marcou. O corpo não é, pelo contrário, se vai fazendo. Em consequência, o corpo vai sendo. (2012, p. 117)

Todos esses processos relatados pelas interlocutoras, que envolvem aulas, treinos, dores, marcas, memórias, vestuários específicos e um senso de comunidade, são fundamentais na construção desse corpo pole dancer, que busca, em vários momentos, subverter a lógica imposta às mulheres de cerceamento de expressão da sexualidade e de quais corpos podem ser vistos como “dignos” de exposição e desejo.

O corpo da pesquisadora também não passa incólume a esse processo. Ao adentrar na primeira aula de pole, em um lugar que era ainda composto por uma barra no meio de uma sala, minhas percepções eram muito diferentes sobre a modalidade. Antes mesmo de transformar o tema em tese, eu já havia pensado e discutido sobre muitos dos assuntos aqui propostos.

Francirossy Ferreira (2013) defende a premissa de que a etnografia “não é só olhar, escutar e escrever, é, também, fazer do corpo instrumento do exercício etnográfico” (2013, p. 12), argumentando que o corpo deve estar disposto e empenhado em descobrir o outro, mas também a si.

Wacquant (2002) também vê a importância dessa participação efetiva do corpo na pesquisa:

Se é verdade, como afirma Bourdieu, que nós aprendemos pelo corpo e que a ordem social inscreve-se no corpo por meio deste confronto permanente, mais ou menos dramático, mas que sempre abre um grande espaço para afetividade, impõem-se que o sociólogo submeta-se ao fogo da ação in situ, que coloque, em toda a medida do possível, seu próprio organismo, sua sensibilidade e sua inteligência encarnadas no cerne do feixe das forças materiais e simbólicas que ele busca dissecar. (WACQUANT, 2002, p. 12)

Toda essa imersão de mais de quatro anos me auxiliou a ter a sensibilidade de mapear temas e me aproximar das interlocutoras. Além de conseguir entender mais facilmente a linguagem da modalidade. Mas, mais que isso, me fez questionar várias das minhas certezas e entrar em um universo ainda maior que aquele que eu imaginava existir.

### 3.4 O SENSO DE COMUNIDADE CONSTRUÍDO ATRAVÉS DO POLE DANCE

Vários trabalhos destacam o senso de comunidade que é construído entre as praticantes da modalidade. Annelise Gonçalves (2017) defende que por mais que seja um esporte praticado individualmente, o pole possibilita uma vivência coletiva experienciada, com as alunas se vendo, conversando e se apoiando mutuamente:

As alunas se veem o tempo todo e conversam sobre suas dificuldades em cada movimento, sobre seus avanços, sobre o que gostam e o que não gostam. Conversam também sobre elas mesmas, sobre suas experiências, suas vidas pessoais, relacionamentos, política, viagens, etc. É importante perceber que por se constituir como um espaço majoritariamente feminino, certos temas que são normalmente considerados tabus aqui são discutidos abertamente. Cria-se um espaço de discussões seguro onde estas mulheres podem expor diversas questões pessoais e manter um diálogo que em vários outros espaços não teria como acontecer. (p. 29)

Para a autora, a relação corpo-sujeito se modifica através da dimensão do afeto e das trocas que ocorrem nesses espaços, criando um novo espaço de comunicação que irá extrapolar a dimensão das aulas. Sendo assim, a categoria pole dancer irá dizer respeito não

apenas a trajetórias individuais, mas ao pertencimento a um grupo “que compartilha experiências que lhe são próprias, possibilitando uma rede de apoio e trocas que fortalece os desempenhos individuais na prática da atividade (2017, p. 32)”.

No Valente Pole Dance isso também se verifica. Naquele 08 de março, enquanto andavam pela rua, iam desde mulheres curiosas que nunca tinham praticado o pole e haviam visto o anúncio da atividade nas redes sociais do estúdio, até aquelas que praticam há anos. Independente do nível, quando uma conseguia fazer algo - nem que fosse o mais básico – isso era recebido com gritos e aplausos.

Assim como muitas das mulheres lá presentes, tenho dificuldades em realizar alguns movimentos. Por mais que tivesse vontade de tirar as fotos nas placas, tinha receio de mostrar os erros que cometia até chegar em determinadas figuras (formas estáticas que são formadas pelas travas). Passei o trajeto todo lutando contra esse sentimento. E foi só na última placa, perto da praça central da cidade, que tive coragem de pedir ajuda para a professora para tentar tirar “aquela foto”. E, instantaneamente, ela abriu um sorriso e disse “ -vamos lá”. E a partir daí todo o receio que eu poderia sentir se transformou em algo diferente, envolto pelo clima de apoio que me rodeava.

Figura 13- A foto tirada no 8 de março, que só foi possível devido a esse “senso de comunidade”.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2020).

Nas aulas, isso se manifesta de maneira notável. A cada movimento conseguido, gritos de apoio, palmas, sorrisos. Nos vídeos postados nas redes sociais essa “trilha sonora” é



comum. O apoio, entretanto, não se limita a questões específicas da aula. No final de 2022, pude compartilhar um desses momentos. Uma de minhas colegas ao tentar realizar um movimento, lembrou-se de um acidente sofrido algum tempo atrás e instantaneamente começou a chorar. Nesse mesmo momento, todas as colegas foram ao seu auxílio, abraçando-a e consolando-a com palavras de apoio. Por momentos assim, que não são raros, é comum que muitas praticantes refiram-se ao pole como uma terapia, um momento de compartilhamento de experiências em um local acolhedor e seguro.

Figura 14 - O que o Pole representa para você?



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2020).

A figura 16, de um quadro pendurado em uma das paredes do estúdio e aberto para que as praticantes respondam “O que o pole dance representa para você?” traduz um pouco do que foi dito. Palavras como terapia, troca, afeto, alegria e paz demonstram a percepção das interlocutoras sobre o espaço e a prática.

Em um vídeo gravado para o Instagram do estúdio, em julho de 2022, uma aluna fala da importância desse pertencimento dentro do pole:

Eu marquei minha aula experimental e desde lá não parei mais. O pole é meu xodó. Eu faço duas vezes na semana. De longe é a atividade que eu mais me reconheci e muito disso é por conta do Valente. Eu sinto que lá é um lugar de pertencimento, é uma comunidade, eu me sinto acolhida. É um lugar incrível que só conhecendo pra entender do que eu to falando.

Essa pertencimento, essa partilha encontrada no pole dance encontra eco nas ideias de Jacques Rancière (2005) que traz à discussão a aproximação do estético ao político ao analisar os atos estéticos como configurações da experiência que, para o autor, irão trazer novas formas de sentir e novas formas de subjetividade política. As artes nesse contexto podem ser percebidas e pensadas como algo que inscreve esse sentido de comunidade a partir de algo que é partilhado. As novas formas de relação com a sensibilidade criadas a partir da experiência estética auxiliam nessa “emancipação estética” como designa o autor e são capazes de forjar um novo corpo “além dos esforços musculares”.

Essa partilha se fez ainda mais presente nos momentos em que essa comunidade divide e performa no mesmo espaço. Dois eventos realizados pelo estúdio são emblemáticos para pensar sobre isso: o Halloween e o Festival das Queens.

O Halloween do estúdio foi uma ideia que surgiu da instrutora Vanessa em 2020, ainda na sala anterior, em um período não muito distante da reabertura do estúdio por causa da pandemia. A ideia foi de estimular as alunas e dançarem uma coreografia de Halloween, que seria ensaiada nas aulas e, posteriormente gravada para ser compartilhada no Instagram do estúdio. As alunas foram estimuladas a usar fantasias temáticas de Halloween e o estúdio também foi decorado para isso. No primeiro ano, a dança era gravada individualmente, mas as colegas que dividiam a aula assistiam e também participavam incentivando. No segundo ano, em 2021, já na sala atual, com o sucesso da ação, mais pessoas foram envolvidas. Em um sábado de outubro, as alunas interessadas gravariam em grupo a coreografia no estúdio.

Em 2022, a atividade seguiu os moldes do ano anterior, em um fim de semana para as alunas que se atraíssem pela ideia. Horas antes do horário da gravação, várias pole dancers já estavam lá se maquiando, vestindo e ensaiando juntas. No momento da gravação, que era realizada em grupo, mas também individual para poder capturar detalhes de cada aluna, as mais destemidas e seguras com a coreografia iam à frente. Algumas bebidas haviam sido buscadas para a tarde, e várias usaram desse artifício para se tranquilizarem.

No início de 2023, Flora me confidenciou que não bebeu nem comeu nada até gravar, pois estava nervosa com medo de passar mal. Várias meninas não estavam tão seguras, seja pelo medo da câmera, pelos vários movimentos da coreografia que teriam que lembrar ou ainda pelo fato das fantasias atrapalharem os movimentos. Entretanto, no final das contas, todas que lá estavam gravaram suas coreografias, ao som de palmas e gritos de apoio, e seguiram no estúdio, onde se realizou uma confraternização.

Durante a confraternização, em meio a performances de danças, bebidas e um clima de afeto até entre aquelas que não se viam com tanta frequência, abriu-se espaço para falar sobre

como era bom poder compartilhar aquilo, dançando seminuas, bebendo e se divertindo sem ter o medo sentido nesse tipo de situação fora dali. Ainda sendo um período pré-eleições, a política também esteve presente ao cantarem em coro músicas que apoiavam o então candidato a presidente, que acabaria vencendo as eleições, Luiz Inácio Lula da Silva. Algo espontâneo, assim como muitas das conversas envolvendo política e feminismo que surgem quando há o encontro das mulheres do estúdio.

Também em 2022, no dia 5 de março, para comemorar o aniversário de quatro anos do estúdio, foi realizado o Primeiro Festival de Pole Dance, no qual as alunas do estúdio, assim como também de estúdios externos, foram convidadas a se apresentar. Para muitas das pole dancers, incluindo eu, foi a primeira vez se apresentando para um público externo, e criando sua própria coreografia – como ocorreu com a maioria.

Pole dancers consideradas referências no estado, e que também foram importantes para a criação e desenvolvimento da metodologia do estúdio, foram convidadas e iriam participar. O clima era de entusiasmo, mas também de muita tensão. Tensão essa que algumas tentavam quebrar com exercícios de respiração e conselhos como os comuns “se tu errar a coreografia, ninguém vai saber. Tu que criou ela” ou “Se esquecer alguma parte, finge que tá tudo bem e sustenta no carão”. Esse suporte, mesmo através de brincadeiras e partindo de pessoas que também estavam nervosas, foi algo muito importante no momento.

Não consigo descrever aqui nada além do clima que senti, das conversas que ouvi e, claro, do que passou pela minha cabeça e pelo meu corpo quando eu, que sempre fugi das partes coreográficas na aula, me apresentei. Mesmo dançando individualmente, eram as palmas, os gritos que variavam de vogais estendidas a elogios como gostosa e linda, que me empurraram, que me fizeram sentir que estava no lugar certo, fazendo algo certo, mesmo com os erros que cometi devido ao nervosismo.

Como nunca tive experiência com dança antes do pole, usei elementos teatrais para minha performance. Fui a Leia, de Star Wars, libertando-se das correntes e ressignificando o famoso maiô dourado, vestuário antes usado para oprimi-la e que agora era usado por que ela assim desejava. Como desejava abraçar o “lado negro da força” e explorar seu corpo e sua sexualidade de pole dancer.

Figura 15 - Primeiro Festival de Pole Dance.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A temática do evento era “Cinema e Séries”. Trinity, da trilogia Matrix, Leelo, de O Quinto Elemento, além de outras personagens femininas fortes se apresentaram, com coreografias que traziam elementos do teatro e das mais diversas formas de explorar a dança, focando desde aspectos contemporâneos até aqueles que exploraram com maior força a sexualidade.

Momentos de choro e emoção se multiplicaram ao longo da tarde, porque todas nós dividíamos aquele sentimento de orgulho, de superação dos medos. Todas sabíamos das dificuldades que existiam, em diferentes graus, em se expor dessa forma frente a outras pessoas. Naquele dia, mais que em qualquer outro dia que eu tenha vivenciado nesses mais de quatro anos no Valente Pole Dance, todas nós sentíamos, no corpo e na alma pole dancer, algo que nos unia.

## 4 O VALENTE POLE DANCE

### 4.1 HISTÓRIA

Vanessa, a fundadora do Valente Pole Dance foge do estereótipo fitness relegado às professoras de pole dance. Com seus quase 1,7m e não magra, chama a atenção tanto por fugir desse padrão, tanto quanto por seu comportamento extrovertido ou “meio cavalona” como prefere explicar. Muitas das mulheres que chegam ao estúdio se sentem encorajadas justamente por esse perfil, por verem um corpo mais próximo ao seu praticando a modalidade.

Formada em Relações Públicas, se apaixonou pela modalidade ainda em 2014, quando, após finalizar a graduação, acabou voltando a morar em sua cidade natal e se deparou com aulas de pole dance.

Figura 16 - Grupo de Whatsapp do estúdio Valente.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (2020)

Ao retornar para a cidade onde se formou, após descobrir a chegada da modalidade, continuou praticando e sua paixão pelo pole dance só foi crescendo. Até que, em julho de 2018, após algumas experiências frustradas trabalhando em sua área e já tendo um pouco de experiência empreendendo em um pequeno negócio anteriormente, resolveu arriscar e transformar o pole em sua fonte de renda:

Nisso eu já estava sabendo um pouquinho do nível básico do pole dance. Não sabia muita coisa ainda. Tinha uma baixa estima em relação ao fato de eu nunca ter dançado antes, só cheguei direto no pole. Nessa área, a gente vê profissionais que dançaram ballet desde crianças, foram da ginástica rítmica ou já tinha algum outro

histórico na área da dança. Eu ainda era “crua”, estava aprendendo as técnicas de movimentos isolados sem saber criar uma coreografia direito. Mas diante da situação em que eu vivia, uni os pontos: 1) toda a mulherada que eu conhecia me acompanhava no Instagram e me perguntava onde eu fazia pole dance, ficavam curiosas. Na época, a escola de dança que ministrava as aulas tinha 11 alunas por turma, um caos... não conseguiam atender a demanda. 2) estou em período de instabilidade de novo, tenho um dinheirinho da rescisão contratual e eu acordo e durmo olhando vídeo de pole dance no Instagram. Ou seja, pole dance tem demanda, tem mercado, eu sei pouco, mas sei algo e tô precisando trabalhar. Acendeu a lâmpada do lado da cabeça e pensei: “vou dar aulas de pole dance!” e fui lá, na cara e na coragem, para Curitiba, fazer a minha primeira capacitação para dar aulas de nível básico.

Eu já tinha uma barra de pole dance em casa para treinar sozinha eventualmente. Ajeitei alguns móveis dentro de casa para poder ter mais espaço para as aulas. Comecei devagar, aulas em duplas, 1 barra para 2 alunas. Na época, eu tinha a ideia de que era melhor dividir a barra com alguém porque, enquanto uma aluna estava treinando na barra, a outra descansava. E como era em casa, enquanto as alunas descansavam, podiam dar carinho nos gatos que eu tenho em casa, rir da colega, tirar umas fotos, fazer uns stories no Instagram. Era um ambiente bem gostosinho de estar. (MAIO 2020)

Depois de mais de um ano dando aulas em seu apartamento, surgiu oportunidade de ampliar o estúdio e ofertar mais vagas, pelo aumento do espaço e do número de barras. Algo que foi realizado no início de 2020:

Eu queria ampliar para uma sala comercial, ter um estúdio profissional, bonito igual aos que a gente vê em Instagram, mas tinha medo. Eu sempre vendi o conceito das “aulas personalizadas sem grandes turmas” para me diferenciar da escola de dança que dava aulas em grandes turmas na cidade. Então eu calculava os valores da sala comercial + as aulas personalizadas e ficava em um dilema: ou eu alugo a sala comercial e oferto aulas para várias alunas ao mesmo tempo, ou eu aumento o custo da minha hora/aula. Na época, eu cobrava R\$50,00 a hora/aula e a dupla dividia o valor, ficava R\$25,00 para cada.

Eu queria ampliar, pensei em sociedade na empresa para dividir os custos, mas também tinha um problema: COM QUEM eu amplio? As minhas colegas de profissão tinham um perfil bem diferente do meu para trabalhar. Eu não me identificava muito com elas no nível de sermos sócias ou algo assim.

Em novembro de 2019, uma aluna minha, a G., comentou que queria fazer capacitação de Pole Dance. Eu fiquei muito feliz! Era a primeira pessoa que comentava que queria viver do pole que eu me identificava. Temos perfis parecidos, pensamos da mesma forma, de um jeito que nossas posturas se encaixavam com o perfil da empresa e com o conceito que eu tinha criado para o Valente Pole Dance. Ela fez a capacitação e entramos em acordo que eu passaria a minha lista de espera para ela. Como ela tinha barra em casa, espelhos e um espaço bom, criamos um “sistema de franquia”. Ela é a nova instrutora do estúdio, eu passei a minha lista de espera para interessadas que poderiam fazer aula após às 18h, uso a marca Big Queen para divulgá-la e ela me paga uma taxa pelo uso da marca.

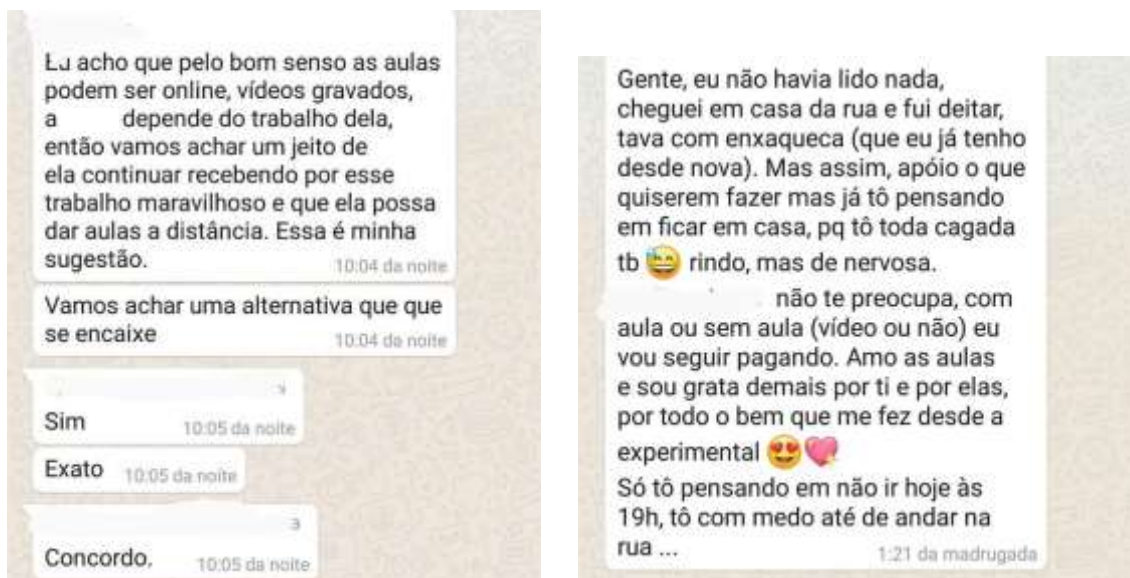
E hoje tenho a sala alugada na Rua X e reformei somente com o básico para poder ministrar as aulas lá. Hoje está muito mais profissional porque tem 3 barras de 4 metros de altura cada. Na minha opinião, ainda não tem aquele espaço aconchegante que eu tinha em casa, mas aos poucos vou melhorando o lugar, decorando, colocando luzinhas e deixando o estúdio mais decorado e bonitinho. (MAIO 2020)

Com isso, o número de alunas aumentou, chegando a 43. E tudo ia bem até o dia 19 de março de 2020, quando as aulas tiveram que ser paralisadas devido ao isolamento social

durante a epidemia de Covid-19, doença respiratória e altamente contagiosa que afetou o mundo a partir do final de 2019.

Como tinha investido todas suas reservas no novo empreendimento, essa situação fez com que a dona do estúdio temesse pelo futuro do estúdio e pela sua fonte de renda. Entretanto, no grupo de whatsapp, todas as mulheres que não eram autônomas e, conseqüentemente, perderiam sua renda ou grande parte dela, combinaram de continuar pagando a mensalidade, mesmo sem ter aulas.

Figura 179 - Grupo de Whatsapp do estúdio Valente.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2020).

Além disso, foi durante o afastamento que o grupo passou a ter uma proposta mais abrangente, não apenas passando recados, mas servindo como um espaço de discussões e apoio entre as integrantes. Tornando-se assim um rico material para as análises aqui pretendidas.

Mesmo com todas as dificuldades da pandemia, o estúdio conseguiu inaugurar um novo espaço em 4 de outubro de 2021, carinhosamente chamado de “Palácio das Queens”. Um espaço amplo, central, com sala de espera, janelas enormes (o que sempre foi um desejo de Vanessa) e várias plantas, muitas delas trazidas pelas alunas e batizadas com os seus nomes.

A nova sala conta com 7 barras. Com o novo espaço, foram abertas novas vagas e absorvidos também novos integrantes para a equipe de instrutoras e instrutores. No total, a

equipe até o final de 2022 contava com 5 instrutoras, todas alunas do estúdio e um instrutor, que praticava a modalidade em outro local e que tem experiência na dança e arte circense.

Sobre a absorção de novas pessoas para dar aula no estúdio, Vanessa explica:

Eu sempre me preocupo muito se a pessoa tem um pensamento alinhado ao do estúdio, que é o de tratar a modalidade de forma inclusiva, de ter um olhar humanizado quanto ao ensino do pole.

Já tive muitas propostas de professores(as) de dança que quiseram dar aula no estúdio, mas não aceitei porque eram bailarinos(as) clássicos(as) que, geralmente, costumam ser mais "ditatoriais" em relação às técnicas de dança. Como essa não é a visão do estúdio, não quis adicionar essas pessoas à equipe.

Agora, com uma equipe para gerir, eu coloco em prática o que vi na faculdade de Relações Públicas sobre comunicação interna da equipe, sobre o que é Gestão de Pessoas no ambiente de trabalho, sobre tratar pessoas que estão ali trabalhando como humanas e não "mão-de-obra" apenas.

Como eu passei, antes do pole, vários perrengues trabalhando em outros lugares, hoje que tenho a minha própria empresa, procuro tratar a minha equipe como colegas e dar poder de decisão para elas também. Muitas coisas eu só decido no estúdio depois de perguntar para elas o que elas acham. Claro que o poder de decisão e de liderança vem da minha parte, mas tento fazer isso tendo a visão da equipe toda também. (MARÇO 2021)

Essa visão de trabalho em equipe também é fruto de experiências anteriores de trabalho, nos quais passou por situações complicadas. Mas, inicialmente, conta que teve dificuldade em compartilhar decisões, pelo fato de ter trabalhado sozinha por muito tempo, mas, na terapia, percebeu que deveria deixar a equipe participar mais, o que, segundo ela, acrescentou muito para o estúdio, pois “O pessoal que trabalha comigo é muito querido e tem ideias ótimas”.

Antes de começarem a dar aulas, as novas instrutoras e instrutor passam por treinamento específico com ela, a fim de padronizar a metodologia, que sofreu um grande processo de alteração ao longo do tempo que, como afirma Vanessa, baseou-se em sua experiência em aulas e contato com as alunas:

A minha primeira formação foi com a grazy. Primeiro eu fiz vários cursos com a grazy, as capacitações de nível básico, intermediário e avançado. Mas notei que a metodologia dela é bem difícil. Ela é educadora física, daí ela pensa sempre em fazer as coisas do jeito mais difícil possível pra já fortalecer o tempo todo. Ela tem essa visão da educação física sobre corpos em alta performance e tal, que eu não concordo muito ali com a linha que eu gosto de trabalhar que é justamente o contrário, na real hahaha. Eu gosto de ver as alunas com o processo evolutivo delas, com carinho e tempo, com respeito. Curtindo mais as aulas, o ambiente, o processo de aprendizado sem, necessariamente, ter que estar performando alto rendimento o tempo todo.

A minha metodologia mudou totalmente quando eu fiz um curso com a Renata Gralha, em Porto Alegre. Ela é proprietária do Lusty. O nome do curso era O Dance do Pole/ Ela falava sobre criar variações dos movimentos, entender a física por trás do Pole. Enquanto a grazy tinha a coisa da alta performance e os movimentos "fechados" e "padrões", a Re tinha sobre criar variações dos movimentos e todo movimento ser dança. Se eu ergo um braço, ele já pode ser um movimento dançante se eu quiser. No método da Grazy, o fortalecimento acontece antes e durante o movimento. No método



atual, o movimento só acontece depois que o fortalecimento e o educativo me mostrar que a aluna tá pronta pra ir pra ele. E tem uma coisa que eu aprendi por conta própria, inclusive, minhas primeiras alunas gordas tiveram uma participação fundamental nisso, que foi dar aula pra alunas gordas. Isso nenhum curso ensina. A Flora, a Natália, dentre outras, todas alunas começaram comigo e eu tava iniciando também. Eu super perguntava pra elas como elas se sentiam nos movimentos. O que tava incomodando, o que tava limitando. Foi bem uma experimentação, sabe? Eu disse pra elas que tava aprendendo e queria que elas fizessem parte. Foi uma troca maravilhosa, guria. Me sinto muito privilegiada em ter tido elas comigo. (FEVEREIRO 2023)

Com todas essas alterações, o estúdio chegou a contar com 90 alunas. Algo que variou entre os meses de dezembro e janeiro de 2023, devido ao período de férias e esvaziamento da cidade. A equipe de instrutores também sofreu alterações ao longo da escrita da tese, mas Vanessa sempre buscou pessoas que pensassem no ensino do pole dance de uma maneira inclusiva, a fim de possibilitar a prática de todos os corpos, algo sempre defendido pelo estúdio.

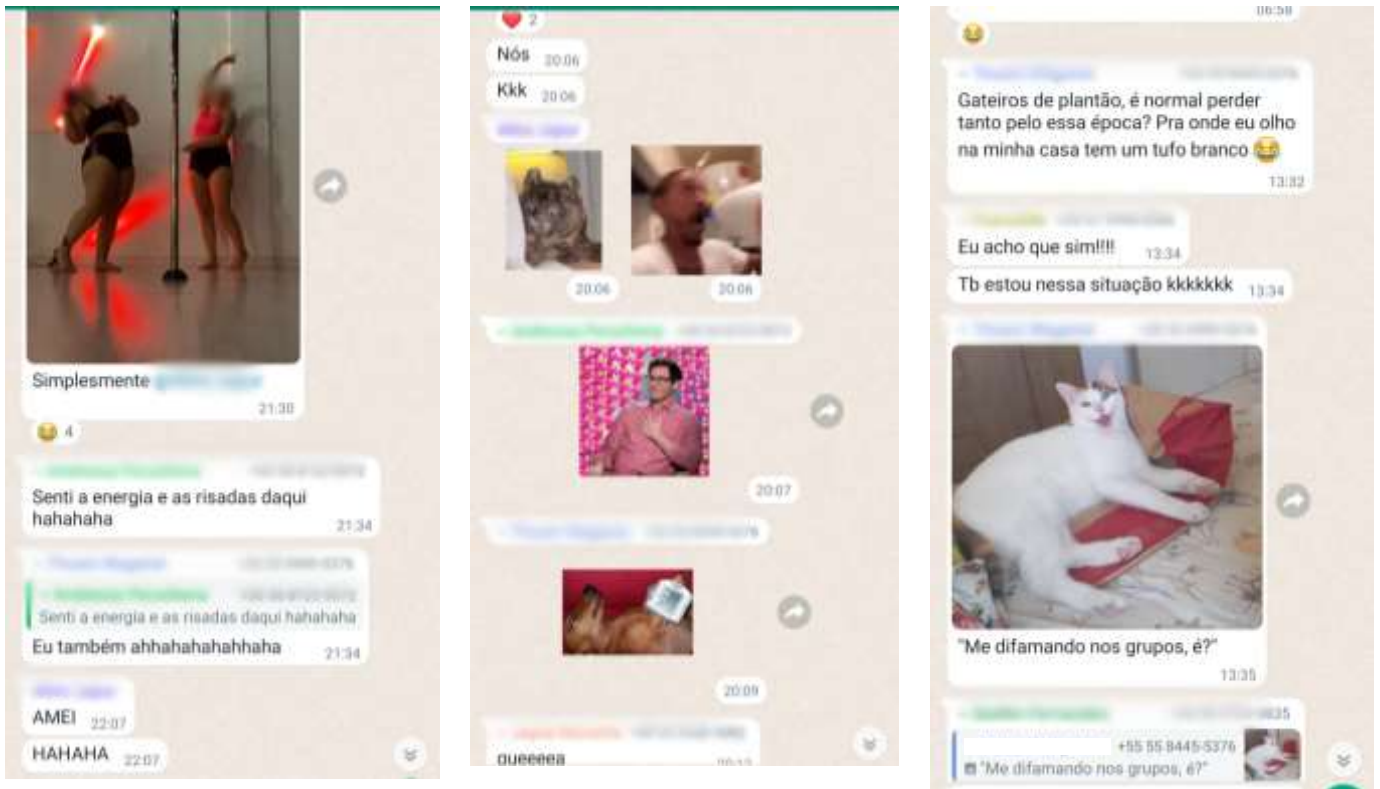
Figura 20 - Nova sede do estúdio.



Fonte: Instagram do estúdio Valente. (2022)

Hoje, mesmo tendo o papel primordial de passar avisos para as alunas, o grupo do Whatsapp continua trazendo marcas dessa relação construída durante a pandemia, com desabafos, declarações de amor ao pole e colegas, brincadeiras e compartilhamento de inúmeras fotos.

Figura 21 - Grupo do Whatsapp do estúdio.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As imagens mostram como, mesmo com a finalidade do grupo sendo alterada para algo mais institucional a partir do final da pandemia, os assuntos nele compartilhados continuam sendo os mais variados possíveis, destacando a importância de considerar as redes sociais dentro das especificidades de cada contexto e dos usos feitos pelas interlocutoras.

#### 4.2 “FAZ PONTA DE PÉ” – POR DENTRO DE UMA AULA DE POLE DANCE

As aulas de pole costumam se distanciar bastante do imaginário comum sobre o tema. Quando comecei na modalidade, já tinha uma certa ideia do que iria encontrar, pois o estúdio divulgava de uma forma bem clara o tema e meu interesse resultou em uma pesquisa prévia. Entretanto, para a maioria das pessoas, incluindo Samantha Holland (2010) essa percepção errônea sobre o pole dance é modificada a partir do momento em que se tem contato com uma aula:

Antes de iniciar esta pesquisa, eu tinha, agora percebo, uma compreensão tênue do que aulas de pole e pole dance realmente eram. E, com o maior respeito, imagino que seja o caso de muita gente. Meu entendimento veio da mídia ou de imagens de filmes, como os dançarinos de pole no fundo terreno de programas de TV como The

Sopranos ou The Wire, quase nu, entediado e fazendo beicinho, e não fazendo muito mais do que andar ou encostada no mastro (e, não se esqueça, provavelmente aquelas atrizes não eram polers) ou fotos confusas de Demi Moore ou Kate Moss do filme ou vídeos de música. (2010, p. 2)

Como já comentado anteriormente, a modalidade está fortemente relacionada ao sexo, devido, em grande parte, sua massiva presença e origem em clube de strippers. A mídia corrobora essa ideia, reforçando esse tipo de imagem. Também é frequente o uso da barra em cliques de artistas, muitas vezes apenas como um acessório no qual se encostam e dançam em volta, sem necessariamente executar movimentos de pole dancers, como giros e travas. Seu uso, salvo exceções, apenas remete ao lado sensual da modalidade.

Mas ao pisar em um estúdio pela primeira vez, não é difícil de descolar dessas ideias, como constata Samantha Holland (2010):

Portanto, para imaginar adequadamente uma aula de pole, você deve invocar a imagem de um grupo de mulheres, muitas vezes com o rosto vermelho e suando, de idades e tamanhos variados, o som de música, palavrões, risos, conversas e grunhidos ocasionais de esforço. Quase sempre não é glamoroso. Mas o pole cativou a imaginação do público e sua imagem nem sempre é precisa e nem sempre positiva. Provoca uma resposta apaixonada naqueles que o criticam como sendo parte da indústria do sexo e, portanto, é humilhante para aqueles que o fazem e uma reação igualmente apaixonada daqueles que realmente o fazem. (2010, p. 3)

Inclusive, uma das brincadeiras mais feitas dentro da aula é usar a frase “pole dance é sexy” enquanto o que se vê são mulheres penduradas de formas estranhas, descabeladas, suadas e cheias de marcas. A modalidade, apesar de vista dentro desse estereótipo, exige muita força e as aulas, longe de focarem no aspecto da sensualidade, trazem uma diversidade grande de ações. Isis, instrutora do Valente Pole Dance, defende que a modalidade exige muita técnica:

No pole não é só passar uns movimentos e colocar a pessoa na barra pra fazer uma foto. A gente trabalha ensinando posicionamento, encaixe, muita consciência corporal antes de chegar em determinado movimento, muita explicação, muita técnica envolvida. (JULHO 2020).

Annelise Gonçalves (2017) pontua que o esforço realizado nas aulas pode não ser visto por um observador externo, mas que demanda muito das participantes:

(...) mesmo numa figura estática o corpo nunca está relaxado, é preciso que a pole dancer tenha consciência de cada músculo, cada centímetro do corpo e de como ele deve estar, porque mais que para o observador você esteja parada, na verdade você está fazendo força o tempo todo para se manter na posição, e manter a linha do desenho. (2017, p. 26)

Ao chegar ao estúdio, após deixar os sapatos em um local específico na sala de espera, as mulheres que chegam para a aula começam a se preparar, vestindo, ou como na maioria das vezes, despindo-se de suas roupas, a fim de colocar algo mais apropriado para a

prática. Apesar de ter um banheiro disponível para isso, com o passar do tempo, e a intimidade criada entre as alunas – e instrutora – não é raro que se faça isso no meio do estúdio, uma na frente das outras, sem pudores, principalmente partindo das alunas mais antigas.

Antes do uso da barra, são passados exercícios de fortalecimento como abdominais e os chamados “didáticos”, que estimulam os músculos necessários para a realização de movimentos que irão ser feitos mais tarde na barra. Um exemplo de didático é uma espécie de abdominal levantando as pernas enquanto as mãos seguram a barra. Outro é ir, aos poucos, sustentando seu próprio peso com a força dos braços, através de treinamentos que envolvem “se puxar”. A figura 21 mostra uma sequência de um desses movimentos, realizada para treinar a pegada “full bracket” a do braço inferior, que coloca uma grande carga no antebraço. Vários são os giros e travas que utilizam esse tipo de pegada, então, esse movimento didático ajuda a conseguir a força necessária para isso, além de acostumar o corpo a posição e a dor advinda dele.

Figura 18 - Sequência de movimento didáticos – Julho 2021.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em alguns dias, são passados também nesse momento exercícios de “flex”, como são chamados aqueles que têm como meta melhorar a flexibilidade das alunas, algo também necessário para a evolução no pole. Movimentos como esses envolvem fazer alongamentos,

principalmente com as pernas, a fim de se aproximar de uma abertura total, o famoso espacato das dançarinas. Alongamentos de coluna também são frequentes.

Com o novo estúdio, algumas mudanças quanto à organização das turmas foram feitas. Inicialmente, as alunas que ocupavam o mesmo horário eram agrupadas, principalmente, pela disponibilidade de horários, já que todas têm ocupações envolvendo trabalho e/ou estudo. Agora, as turmas são divididas, preferencialmente, por níveis- Pole 1 e Pole 2 - dentro da modalidade. Para avançar de nível, a aluna precisa conseguir executar determinados movimentos considerados mais avançados.

Abaixo, através do próprio instagram do estúdio, podemos ver de que forma os níveis funcionam:

Figura 19 - Informações sobre o funcionamento das aulas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ainda há o nível misto, que mistura iniciantes com mulheres que praticam a modalidade há mais tempo, fazendo com que a atenção da instrutora seja mais difusa, mas, ao mesmo tempo, as trocas e dicas entre as alunas sejam mais ricas.

A partir do novo estúdio, essa organização foi sistematizada através de um aplicativo (Figura 23), com download a partir da playstore, no qual as alunas podem agendar e desmarcar aulas com as diferentes instrutoras e instrutor e visualizar as colegas de turma do horário. Além disso, o aplicativo possibilita a visualização e renovação do contrato e conta com espaço para avisos gerais. As outras abas que aparecem no aplicativo não são próprias para a modalidade.

Figura 20 - Aplicativo usado pelo estúdio.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Dependendo do dia, a aula foca em aspectos diferentes do pole, como o acrobático e o coreográfico. O estúdio busca intercalar as diversas nuances da prática e se adaptar ao interesse das alunas.

Eu, como instrutora, não trabalho muito o pole sensual no começo das aulas porque sei que esse é um processo longo para a maioria das alunas. Eu começo com movimentos isolados, giros, acrobacias, que são mais fáceis de evoluir e de tirar fotos, de fazer esse momento de visão de si mesma. O sensual vem surgindo aos poucos e, caso alguma aluna não goste do lado sensual, ainda sim temos outras vertentes como o acrobático, o pole contemporâneo (que mistura várias danças como Dança Contemporânea, Ballet, Dança do Ventre, etc.). (MAIO 2020)

As aulas que envolvem acrobacias, que buscam chegar nas chamadas figuras, poses estáticas com nomes como gênio, scorpion, crucifixo, golfinho,<sup>4</sup> dentre outras, exigem, além da força, coordenação e flexibilidade, uma boa dose de resistência a dor. Para a sua execução, o atrito entre a barra e a pele produz queimaduras, deixando os roxos e assados característicos da pele de uma pole dancer, principalmente das iniciantes, nas quais a pele ainda não teve o contato suficiente para minimizar ou, como diz a instrutora “se acostumar” a isso.

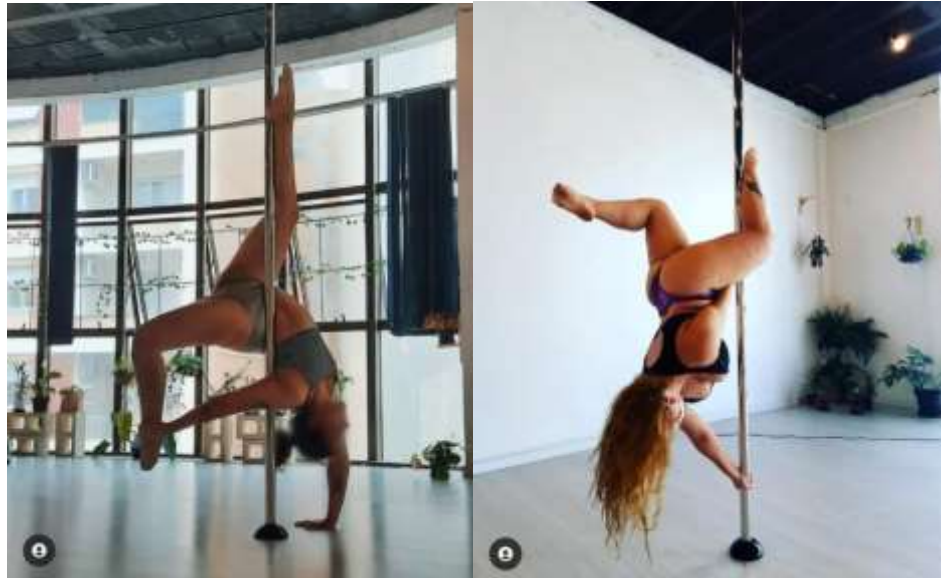
A cada mês uma instrutora do estúdio fica com a responsabilidade de criar uma coreografia, com o seu estilo, que depois é repassada para todas as alunas do estúdio, independente do instrutor. Assim, o contato com a dança sempre está presente. O que faz parte da ideologia do estúdio, de não focar em uma vertente do pole, mas apresentar o máximo possível da modalidade para as alunas.

No final da aula, um alongamento é feito. Também há um tempo utilizado para as fotos, que muitas vezes ultrapassa o horário da aula, que é de 1 hora 15 minutos, afinal, pole sem foto é exceção.

---

<sup>4</sup>Nos apêndices deste trabalho, há um pequeno manual fotográfico demonstrando as principais figuras citadas na tese.

Figura 21 - Movimentos passados em aula.



Fonte: Instagram do estúdio.

Independente do foco da aula, uma coisa é sempre cobrada, a “ponta de pé”. Assim como no ballet, o pé tem que se manter curvado durante a execução dos movimentos. Já na primeira aula, é comum ouvir Vanessa gritando “- cuida esse pé, pelo amor de deus”. O que acaba virando uma piada recorrente e gerando memes através das fotos que mostram os pés errados e os dedos sobressalentes. Essa cobrança também diz respeito a imagem que o estúdio quer passar, já que muitas dessas fotos são postadas e, ao mostrarem algo considerado errado na prática, podem passar uma visão ruim sobre o trabalho desenvolvido no local.

Apenas no final de 2020 surgiu outro estúdio focado apenas no ensino de pole na cidade. Também existem profissionais que ministram aulas, além de uma academia de dança que também oferta a modalidade. Com essa última, já houve problemas, com o surgimento de boatos que comentavam sobre o Valente Pole Dance e sua forma de ensino. Antes disso, a própria fundadora do estúdio havia se desligado dessa academia, onde continuava praticando, mesmo já dando aula, por discordar de práticas quanto ao vestuário, já que a citada academia havia proibido roupas muito curtas o que, para a fundadora, parecia incoerente, já que o pole necessita disso e trabalha com uma lógica de não julgar as vestimentas das participantes.

Durante as aulas, o apoio visto nas ruas da cidade durante o 08 de março também se faz presente. Não que não exista rivalidade ou inveja. Algumas meninas se destacam, principalmente aquelas que têm um histórico na prática de esportes. Mas, como tempo, as



alunas são incentivadas a pensar que cada progresso é único. E que, sendo assim, não há motivo para nutrir sentimentos de competitividade. Annelise Gonçalves (2017) encontrou semelhanças em seu campo:

Uma outra característica que pode diferenciar o clima do studio de outros lugares é que a competitividade entre praticantes não é estimulada. Eu não estou dizendo que ela não existe, mas que o clima geral que é compartilhado difere de outros ambientes mais competitivos, como o ballet. Ninguém aqui está competindo para ser solista, e não existe uma hierarquia marcada dentro das aulas. Quando as alunas vão para uma competição, por exemplo, elas vão com o espírito de pertencer ao mesmo studio, e não com a intenção de disputar entre si. Quando alguma aluna percebe a dificuldade de outra com determinado movimento, ela dá dicas de como melhorar, muitas vezes porque já teve a mesma dificuldade (p. 32)

Entretanto, isso não significa que haja momentos de fofocas ou comentários que mostrem desaprovação por alguns posicionamentos de outras frequentadoras do estúdio ou por algumas políticas do estúdio, algo que não costuma ser visualizado nas aulas em si, mas em conversas de corredores antes e após as aulas.

Vanessa já relatou algumas vezes sobre mulheres que não se adaptaram a política do estúdio, que costuma exigir um rígido controle quanto a horários, faltas e pagamentos. A maioria dessas pessoas acaba saindo. Também há preferências quanto a instrutoras. Vanessa é considerada a melhor tecnicamente, mas sua personalidade forte, que em algumas situações já foi vista como agressiva, já rendeu comentários.

Em novembro de 2022, o Halloween trouxe um incômodo ao estúdio. Em meio à confraternização Vanessa, com a anuência das outras participantes, pediu mais bebidas que, posteriormente seriam divididas. Várias delas acabaram não pagando, argumentado posteriormente que beberam pouco, o que gerou estresse, principalmente para Vanessa, que desembolsou mais de R\$ 400,00 nessa situação.

Em março de 2023, uma aluna acabou saindo do estúdio ao desaprovar uma política de não divulgação de empresas no whatsapp de recados do estúdio. Nos intervalos entre as aulas, é comum que as alunas e instrutora troquem confidências e isso também acaba gerando um ambiente propício para que as fofocas se desenvolvam.

As disputas no campo da prática se dão em um ambiente mais macro, sobre sua consolidação e métodos oficiais de ensino. Há vários estúdios e professoras, com várias técnicas diferentes, assim como competições com regras distintas. Todas pleiteando ser a voz oficial do pole dance. Ísis Leal da Silva (2016) acredita que isso se dê pelo fato da modalidade ser nova e que, dessa forma, ocorre “uma busca por diversos ganhos, sejam simbólicos ou financeiros (p. 31)”.

O Valente Pole Dance, com menos de cinco anos de funcionamento, já se destaca no cenário da cidade como uma referência para quem busca aulas de pole dance. Dentro do principal grupo de mulheres da cidade no Facebook que oferta serviços, o “Feito para Mulheres”, que reúne, em sua maioria, mulheres identificadas com o feminismo, ele sempre aparece quando alguém pergunta sobre um local para praticar a modalidade. A rede formada pelas alunas está sempre presente para destacar o que o pole fez por suas vidas e como o ambiente do estúdio lhes acolhe.

#### 4.3 POLE DANCE EM MEIO A PANDEMIA

No início de junho de 2020, após quase dois meses fechado, o estúdio reabriu com modificações em virtude da pandemia do novo coronavírus. A decisão foi tomada, principalmente, por questões financeiras, já que a renda da proprietária diminuiu muito, mesmo com algumas alunas tendo continuado a pagar as mensalidades no período de fechamento do local. Os investimentos, recém feitos, na sala nova e a questão do aluguel de um lugar comercial, foram fundamentais para essa decisão. Entretanto, ressalta a proprietária, que a preocupação com a saúde das alunas foi algo que esteve em sua mente desde o início:

Pra mim, quando eu penso em abrir o estúdio, eu não penso só como reposicionamento de marca, eu penso como responsabilidade social, sabe...que eu resolver abrir as portas do estúdio não é só pela minha renda, mas eu assumo uma certa responsabilidade, além do que eu já assumia, em questão da saúde das minhas alunas. Então eu to tendo um pouquinho de medo, porque no momento que a gente sai de casa a gente fica com um pouquinho de medo. (JUNHO 2020)

Várias modificações estruturais foram feitas no local, como a instalação de exaustores, para a troca do ar entre exterior e interior e dispensers de álcool gel. Mas as modificações de comportamento e de posturas durante as aulas foram as mais notáveis. Além do uso obrigatório de máscaras e toalhinhas, obrigação de limpeza constante dos objetos e das mãos, as próprias dinâmicas das aulas foram afetadas.

A ideia inicial da instrutora era focar em aspectos coreográficos, que não precisam de supervisão tão próxima e não são arriscados, em sua grande maioria, mas isso logo teve que ser modificado, pois as alunas acabaram perdendo muita resistência durante a quarentena e se cansavam facilmente. Outro ponto que teve que ser abolido foi o contato físico entre instrutora e alunas, algo fundamental na modalidade:

E também tem a questão de não encostar na aluna. Que antigamente eu fazia vocês se pendurarem de cabeça pra baixo de qualquer jeito na barra e eu dava jeito de segurar vocês, tanto é que tinha aquela piada do “eu que lute”. Vocês que façam as coisas e eu que lute pra segurar. Daí hoje em dia eu tive que mudar muito o meu método, no sentido de deixar as aulas pesadas mesmo pras intermediárias, mas sem inversão. Isso era uma coisa que eu tive que mudar muito. Antigamente eu tinha uma ordem de figuras que ajudavam a sequência das aulas e, gradativamente, a aluna ia criando força e ela começava a inverter, a fazer scorpion, gemini, tudo isso faz parte de uma ordem de figuras. E aí agora como eu não posso mais segurar vocês, e essas figuras são perigosas, eu acabo cortando essa linha de exercícios, essa ordem de exercícios no final ali, corto ela pela metade e aí eu fico tentando improvisar só entre as figuras mais fáceis e transição mais fáceis. (JUNHO 2020)

Esse “novo normal”, alcunha popularmente utilizada para se referir as mudanças durante a pandemia, trouxe consigo novos rituais que foram incorporados ao dia a dia das alunas. Ao chegar no estúdio, nada de calçados, que são deixados em uma prateleira na entrada. É comum ver a professora limpando o chão no intervalo entre as aulas. “Ganhei até um mop de uma aluna porque sou meio neurótica com limpeza” – conta ela.

Ao entrar no estúdio, passamos direto ao banheiro, onde devemos lavar a mão por no mínimo 20 segundos. Após isso, devemos limpar nossa barra – que não é compartilhada com ninguém durante a aula – que também já foi limpa pela aluna anterior. A realização dos exercícios com máscara é, talvez, um dos maiores desafios. Além do fato de termos de nos acostumar com o objeto, a própria exigência respiratória durante a execução dos movimentos faz com que haja um desconforto, principalmente nos primeiros momentos. É a saudade das aulas, comentada frequentemente no grupo de whats, que faz com que o retorno, mesmo com essas dificuldades e o medo da pandemia, aconteça.

Com o novo estúdio a partir de outubro, com um espaço mais amplo e repleto de janelas, juntamente a vacinação em curso no país, algumas normas foram alteradas, como o uso obrigatório da pff2, que pôde ser substituído por máscara cirúrgica. Além disso, houve situações de gravações nas quais a máscara foi dispensada, mantendo o cuidado com o distanciamento. No momento, apenas alunas vacinadas – mediante comprovação através da carteira de vacina – podem frequentar o local.

Flora voltou para as aulas presenciais assim que o estúdio reabriu. Segundo ela, essa decisão foi baseada na confiança na instrutora e na política do estúdio:

O que me levou a voltar foi a confiança de que a Vanessa (instrutora) está seguindo à risca todos os protocolos de segurança e que nos momentos em que as alunas se sentiam mal ela logo cancelava a aula pra não colocar ninguém em risco. E o tamanho do estúdio e número de alunas por aula me passa também essa confiança de que o contágio lá dentro tem chances mínimas.

Ela diz já ter se acostumado com as novas dinâmicas e que a principal diferença que notou nesse retorno foi justamente a questão da distância instrutora – aluna, já que, anteriormente, a professora costumava, além de encostar para ajudar na consciência corporal, ficar por perto casos de emergência, como a iminência de uma queda.

Flora defende que a prática leva vantagem sobre outras atividades nesse período de pandemia pelas suas peculiaridades:

Eu acredito que fora a questão das máscaras, distância e a limpeza extra o pole dance já tinha uma vantagem sobre as outras atividades já que já fazíamos o uso de toalhas, copos e barras individuais. E o álcool também sempre presente 100% do tempo. Se eu frequentasse academias ou outras atividades do gênero eu não voltaria durante a pandemia. (AGOSTO 2020)

Ela sentiu bastante as diferenças no primeiro mês, por ter ficado sem praticar por um tempo “e no início Vanessa tinha que ficar me lembrando de lavar as mãos assim que eu chegava, mas depois também entrou pra rotina”. Questões como limpar a barra frequentemente só se tornaram mais meticulosas, pois antes já existiam, então a adaptação não foi tão difícil, afirma Flora.

As fotos também tiveram modificações. No lugar do sorriso, máscaras. Com a sua obrigatoriedade, muitas a encaram hoje como um acessório que se adapta aos diferentes estilos. Antes de retornar às aulas presenciais, mandei fazer uma especialmente para as aulas de pole, com escamas de sereia. Acho que a associação de seres míticos conhecidos por seu poder de sedução com um esporte que é popularmente taxado de sensual acabou fazendo sentido para mim.

Apesar de esconder o rosto e dificultar a respiração, a máscara também é vista como uma coisa positiva em determinadas situações, afinal, esconde, nas fotos, as caras de dor, frequentes na realização dos movimentos. E assim, cheia de modificações, foi seguindo a rotina desse “novo normal” dentro do Valente Pole Dance. Um normal cheio de incertezas, tendo como única constância o amor pelo pole.

Em maio de 2022, com a lei que desobrigou o uso de máscaras em vários ambientes, o Valente permitiu às suas alunas a retirada do acessório. Algo comemorado por muitas alunas, já que, além do incômodo causado, agora poderíamos ver o rosto uma das outras, algo novo entre diversas colegas. Com isso, voltaram também os batons e demais formas de maquiagem entre aquelas que gostam de ir prontas para as fotos. As outras regras, também, aos poucos,

foram sendo flexibilizadas até sua total exclusão, em um momento posterior quando a vacinação foi expandida e a Pandemia pareceu estar controlada.

## 5 TODO O CORPO DANÇA: POLE E DIVERSIDADE

### 5.1 O CORPO GORDO NO POLE

Uma das bandeiras levantadas pela modalidade é justamente de que “o pole é para todas”, independente de seus corpos ou da realização de uma atividade física anteriormente. E, apesar de ser notório que determinados movimentos são realizados com mais facilidade por corpos magros e/ou atléticos, é comum ver diversidade nesse quesito presente nos estúdios. E as aulas são adaptadas para abranger as diferentes realidades das alunas.

Figura 22 - Relato de aluna do Valente.



Fonte: instagram do estúdio.

Os corpos gordos, como o da mulher do relato acima (Figura 25), têm espaço no Valente Pole Dance. Ao passar o olhar sobre o feed do Valente no Instagram, podemos perceber que várias mulheres gordas são ativas no estúdio. Muitas das interlocutoras da pesquisa creditam isso ao ambiente do Valente Pole Dance e sua receptividade. O fato de a instrutora não ser uma mulher padrão e a sala onde ocorre a prática ser fechada, algo que, por

exemplo, não ocorria em outro estúdio da cidade, ajuda com que muitas dessas mulheres, que sofrem ainda mais o julgamento da sociedade em virtude de seus corpos, se sentissem mais à vontade no local.

A metodologia do estúdio também tem um papel importante nisso, pois trabalha com poucas alunas e garante um atendimento personalizado, que se adapta às dificuldades e necessidades das mesmas. Alguns movimentos são mais difíceis ou mesmo impossíveis de serem realizados por mulheres gordas, e é nesse momento que a instrutora ou instrutor trabalha através de adaptações.

No início de 2022, dividi a aula com duas colegas gordas e isso ficou mais evidente em minhas observações. Alguns movimentos demandavam que se abraçassem as pernas cruzadas na barra. Entretanto, para minhas colegas, isso não poderia ser feito, em razão do tamanho de suas coxas. Vanessa rapidamente adaptou esses movimentos com troca de posições de braços ou pernas para que a execução fosse possível. Isso, segundo a instrutora, é comum em diversas aulas.

Eu aprendo com as alunas. Na internet é difícil achar esse tipo de conteúdo. Eu sempre pergunto o que elas estão sentindo quando estão fazendo o movimento. Sei que mulher peituda, cadeiruda, “mulheruda” a maioria tem dificuldades em fazer figuras “bolinha” com o corpo como o seat berço, martini não é anatomicamente feito por elas no modo tradicional. Daí tem adaptações, como por exemplo em vez de fazer o Martini com a trava de cotovelo segurando a perna, o que ia exigir que o peito dela fosse pra perto da coxa, eu ensino com o braço esticado, porque o Martini é a trava de perna na barra, o que acontece a partir daí é variação.

Até tem uma mulherada que é gorda, que é do “pole gorda” no instagram que falam das experiências no pole e eu tento me basear também mas a maioria das coisas eu aprendo com as minhas alunas mesmo. E tem algumas coisas que eu noto que não tem como adaptar, por exemplo a figura do gênio, que exige que o braço de fora empurre, daí a gente tem que tentar fazer justamente pra esse braço que empurra tenha força de travar no gemini. Mas tudo o que eu notar que seja de adaptação por questão do corpo, aí eu adapto. Mas tem coisas que a pessoa tem que fortalecer, daí eu não adapto. Que daí é fazendo que a pessoa fortalece pra conseguir evoluir. (ABRIL 2022)

Diana, instrutora do estúdio, explica de que forma essas adaptações são feitas nas suas aulas:

Tem coisas que eu converso com a Vanessa, mas eu também sigo muitas instrutoras e pole dancers gordas porque tem coisas que eu tirei da minha cabeça pelas minhas próprias dificuldades, porque eu sei que não sou uma mulher grande, então algumas coisas eu tenho que consultar essas pessoas a partir da diferença delas. Então eu sigo muitas pessoas, leio material sobre isso porque pra mim é muito importante esse progresso natural do movimento sem que aquela pessoa esteja sendo torturada em fazer uma posição que o corpo dela não está pronto ainda. Existem inúmeros movimentos, por exemplo, que a gente meio que tem que se esmagar contra a barra, por exemplo vai fazer um martini da vida, que tu tem que fazer aquela travinha de cotovelo, então por exemplo pro martini eu tenho adaptações, tem movimentos que te fazem também desenvolver aquele movimento final. Tu vai treinando pra ter uma progressão dentro dele, porque às vezes não é só a questão do corpo ser maior, é uma questão que o nosso corpo não está acostumado a fazer certos movimentos.

Mas com certeza é a questão das coxas, panturrilha, barriga podem dificultar certos movimentos e digo pela minha própria prática também. Então tem movimentos e adaptações que eu fiz a partir da minha própria experiência, mas desde que eu comecei a dar aula eu sempre busquei conhecimento nesse sentido porque eu sempre tive alunas gordas e também alunas gordas maiores do que eu. Mulheres maiores do que eu já demandam uma atenção diferente porque o meu corpo consegue fazer coisas que talvez o dela não consiga fazer da mesma maneira. Então eu preciso buscar conhecimentos de instrutoras, não necessariamente gordas, com cancha e conhecimento sobre isso. Sigo muitas pessoas body positive dentro do pole porque pra mim é muito importante isso até porque na minha experiência inicial do pole isso não existiu. Eu tive muita dificuldade em fazer movimentos específicos pela questão do meu corpo ser como ele é. (ABRIL 2022)

Diana ressalta, entretanto, assim como Vanessa, que muitas vezes a questão do corpo ser maior não é o fato determinante para as dificuldades em realizar os movimentos:

Às vezes é uma questão das dificuldades do nosso corpo, eu por exemplo sempre tive pouquíssima força nos braços e quando eu comecei a fazer pole eu tava bem magra e eu não conseguia sustentar o peso do meu corpo e hoje sendo mais gorda eu consigo por causa do meu treino, então às vezes só a questão do corpo da pessoa mas a questão de como o corpo dela trabalha com atividades físicas. O pole é muito diferente dos outros exercícios que a gente é acostumado a fazer, então é necessário que todas as pessoas tenham um período de adaptação inicial pra isso, pra que elas aprendam que musculatura ativar e quando e isso serve pra todas as pessoas. Então eu vou te dizer que tem coisas que eu fazia para uma experimental pras uma aluna gorda ela era sempre de um jeito específico e eu e as alunas, gorda menor como eu, até as mais magras e atléticas eu fazia um outro estilo e hoje eu uso a mesma aula que eu usava pras manas gordas porque na realidade não era a questão do peso da aluna e sim a experiência física dela, a capacidade do corpo dela. Então, hoje em dia, eu dou as minhas aulas mais baseadas nisso, tipo olhar pra essa pessoa e ver como que ela vai executar certos movimentos pra progredir em outros porque na realidade não é porque uma pessoa é atlética por exemplo que ela vai conseguir fazer os encaixes específicos da musculatura dela pra executar certos movimentos De tudo o que eu tenho aprendido mais focado nessa questão das minhas alunas gordas eu tenho aplicado em várias outras coisas porque eu tenho percebido que não é necessariamente uma dificuldade delas, é uma questão mais geral que as vezes a gente só liga ao corpo gordo. (ABRIL 2022)

Figura 23 - Figura do Martini, citada pelas instrutoras e por várias mulheres gordas como difícil de ser realizada pela posição das coxas na barra.



Fonte: Instagram do estúdio.



Flora é aluna de pole há mais de três anos no estúdio. Mulher gorda, ela chama a atenção por sempre ter lindos figurinos para as aulas, muitos deles nos quais lança mão de peças sensuais, que desnudam grande parte de seu corpo. Entretanto, isso não impede que inseguranças relacionadas ao seu corpo dentro da prática venham à tona, conforme relato abaixo:

A minha maior insegurança é notar que eu demoro mais pra evoluir comparada com algumas das outras alunas, principalmente se eu começo a me comparar com as alunas mais magras. Eu preciso de várias adaptações nas figuras que envolvem se curvar ou abraçar o corpo, porque a barriga fica no meio. (JANEIRO 2022)

Apesar de não ser considerada uma pessoa gorda, me encaixo no que é chamado atualmente de “não-magra” e diz respeito a todo aquele limbo que existe entre mulheres que não estão nesses dois extremos. Diversas vezes senti as dificuldades de possuir coxas e bunda pesadas, que me dificultavam, principalmente, os processos de inversão, que envolvem ficar de cabeça para baixo. Em inúmeros momentos, frustrei-me com a facilidade em que meninas magras conseguiam fazer esses movimentos.

Foi um marco para mim quando, em junho de 2022, após de mais três anos de pole, consegui, pela primeira vez, realizar o movimento de inverter todo o meu corpo apenas usando as forças dos braços e abdômen. Imediatamente, pensei na minha instrutora e em todos os aprendizados sobre respeitar o seu corpo e o seu próprio processo, que o pole me ensinou ao longo desse tempo. Como de costume, a aula estava sendo gravada, e usei as fotos e os vídeos do momento para fazer um post e agradecer todos esses ensinamentos.

Esse momento, que pode parecer pequeno ao observador ou observadora externo, significou muito para mim. Corri direto para Flora que, atualmente é minha colega, e eu sabia que entenderia, pois me acompanha, entre indas e vindas de formações diferentes de turmas, há um longo tempo. E o que senti dela foi a alegria, muito presente no pole, daquela torcida e companheirismo entre aquelas que praticam a modalidade.

Aqui não tento equiparar minha opressão, que advém da pressão estética que nós, mulheres, sofremos, com a gordofobia sentida por Flora e as outras meninas gordas do estúdio. Compartilho aqui minha experiência para mostrar como corpos não-padrão têm suas peculiaridades dentro da modalidade, que requerem adaptações e, na maioria das vezes, um maior tempo para a execução dos movimentos.

A gordofobia, segundo Renata da Silva (2021):

é o preconceito dirigido às pessoas gordas, que opera estigmatizando-as, marginalizando-as, culminando na perda de direitos essenciais e acessibilidades, tais como: saúde (tratamento desumanizado e com instrumentos do tamanho

inadequado), transporte público (catracas e bancos pequenos), moda (roupas com numeração limitada e valores altos), entre outros acessos que limitam as possibilidades de existências desses corpos no mundo. (2021, p. 3)

A gordofobia está presente em todos os âmbitos da vida de pessoas gordas. No esporte, encontram ambientes não receptivos e que não garantem sua plena acessibilidade. O pole dance, por exigir o uso de roupas curtas e, assim, evidenciar ainda mais os corpos desviantes do padrão, também poderá ser um ambiente hostil para pessoas gordas, principalmente aquelas que se expõem nas mídias sociais.

Renata da Silva (2021) destaca como a dança, pode reforçar ainda mais esses padrões pois “é uma arte cênica em que os movimentos do corpo protagonizam o acontecimento, o que destina a atenção, das bailarinas e dos espectadores, a se voltar para o corpo” (2021, p. 4)

Drea Costa é uma pole dancer conhecida, com mais de 20 mil seguidores na rede social Instagram e mais de 100 mil no Tik Tok. Ela pratica, principalmente, o pole coreográfico e participa de diversos festivais. Drea é uma mulher e ativista gorda que se preocupa com o tema da gordofobia, seja no pole ou na sociedade como um todo, e usa de sua rede social para abordar a questão. Além disso, também ministra cursos de como ensinar pole para mulheres gordas.

Em diversos vídeos e posts ela relata sua incomodação por ser sempre cobrada, em suas coreografias, a fazer movimentos acrobáticos na barra, ouvindo que não os faz por ser gorda e não conseguir. Ela destaca que vê várias pessoas magras fazendo o mesmo sem ouvir esse tipo de discurso. Em um post de 4 de outubro de 2020, ela afirma:

Euzinha com meu corpo de pole dancer! Confesso que to cansada de ver alguns posts e/ou comentários (não só nas redes sociais) falando coisas tipo “isso que é braço de pole dancer” e por aí vai. É claro que em todos os casos são corpos magros e com músculos definidos. Então só queria lembrar a todes que corpo de pole dancer é o corpo que a pessoa tem. Todos os corpos, quaisquer corpos. Independente do tamanho, peso, formato, idade, cor, se tem ou não deficiência. Todos são corpos aptos e capazes de fazer pole ou qualquer outra atividade que se tenha vontade. Pra finalizar: UM CORPO É UM CORPO NÉ? Sim, um corpo é um corpo e apenas isso. Cada um é de um jeito. Não significa que seja superior a outro.

No dia 18 de junho de 2022, Drea postou duas fotos no palco de um festival de pole, realizado no Rio de Janeiro. Na segunda, apenas foto do momento e na primeira uma série de quadros mostrando alguns dos comentários recebidos que criticam seu peso e suas capacidades enquanto pode dancer, tais como: “o pole mesmo não consegue fazer, é só enfeite porque sabe que não aguenta nada, não é leve e não segura o próprio peso”.

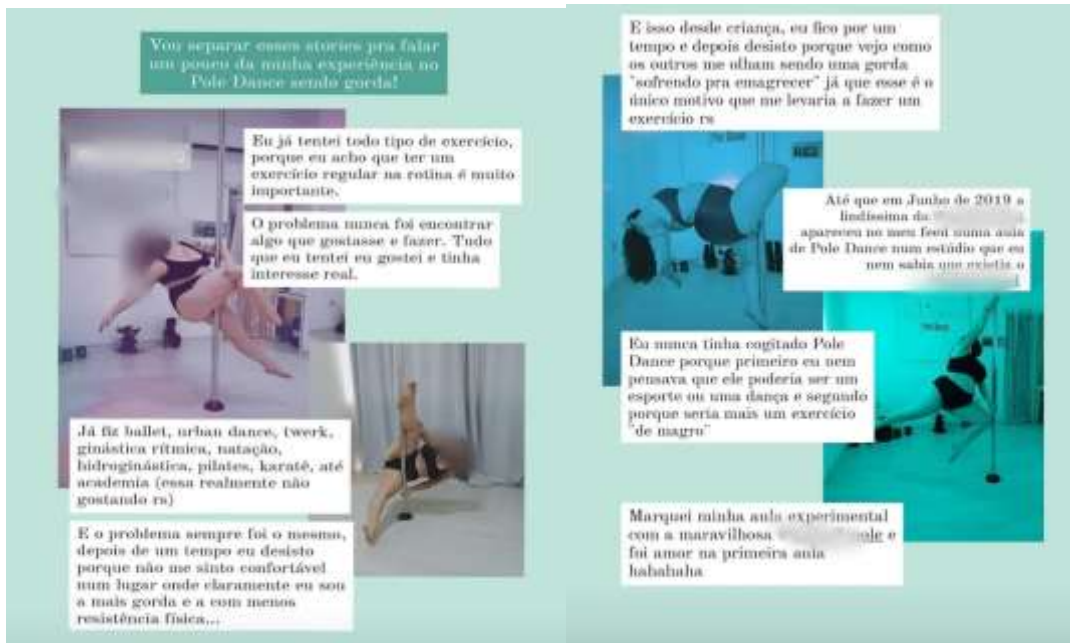
Figura 24- Comentários gordofóbicos no perfil de praticante de pole dancer.



Fonte: Instagram Drea Costa.

O Instagram do estúdio traz um destaque para o tema, denominado “Gordas no Pole”. Além de exemplos de mulheres gordas que praticam a modalidade, ele traz depoimentos de alunas do estúdio, conforme demonstrado nas figuras 26, 27, 28, 29 e 30.

Figura 25 - Relato de Flora, aluna regular do Valente Pole Dance.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

Figuras 26 e 28 - Relato de Flora, aluna regular do Valente Pole Dance.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

Figura 29 e 30 - Relato de Natália, aluna regular do Valente Pole Dance.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

Percebe-se, nos relatos, que a relação construída com o pole dance rompe com muitas dessas barreiras enfrentadas pela gordofobia, principalmente em espaços de realização de atividades físicas que, na maioria das vezes, para esse público, são pensadas com o único intuito de emagrecer. Flora relata, por exemplo, como passou por vários tipos de exercícios e sempre acabou desistindo por não se sentir confortável em ser “a mais gorda e com menos resistência física” e por sentir o olhar dos outros com reprovação.

Natália mostra como a convivência com outras mulheres parecidas com ela fez com que o processo de aprender pole dance fosse algo prazeroso. Ao refletir sobre o seu processo, ela mostra como a relação com seu corpo se modificou, descobrindo “um corpo gordo que é capaz! Um gordo que pode, e que vai. Que pode se sentir sexy, que pode fazer acrobacias, que pode ser forte e ter resistência física”.

A relação que Natália relata ter com o pole perpassa a relação de exercício físico, e toca em questões de autoestima, empoderamento e cuidado. Ela destaca como é importante procurar espaços que não demonizem o seu corpo, colocando-o como impeditivo. Algo que encontrou no Valente Pole Dance.

Na parede da recepção do estúdio, entre outros vários quadros, um deles deixa bem explícito que mulheres gordas têm lá o seu espaço.

Figura 31 - Quadro do estúdio Valente.

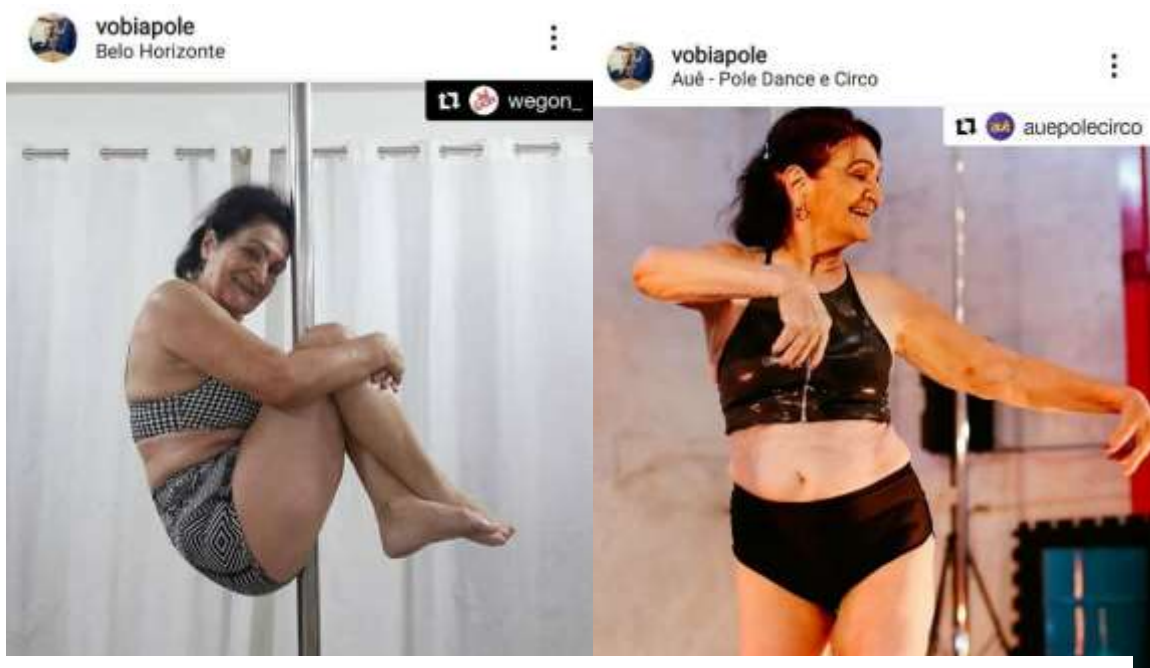


Fonte: Arquivo pessoal da autora.

## 5.2 DIFERENÇA GERACIONAL

A diferença geracional também é algo que aparece no esporte. Uma das referências quando se fala em idade dentro da prática, é Beatriz Couto, a “Vó Bia”, uma senhora de 77 anos, de Belo Horizonte, com mais de 4 mil seguidores do Instagram, que encanta com suas performances no pole.

Figura 32 - Vó Bia.



Fonte: Instagram @vobiapole

Em entrevista ao site Dibradoras, contou que sempre se encantou ao ver mulheres dançando nos filmes, mas que na sua juventude, mas décadas de 1950 e 1960, aquilo era visto como "dança de mulheres da vida" e não era propício para "moças de família". Foi só aos 71 anos que iniciou na modalidade e hoje a considera essencial em sua vida:

O melhor é o bem-estar que me traz. Eu me sinto leve. Dona do meu nariz, voando, vendo as estrelas de cabeça pra baixo. Meu marido está doente, na cama, é muita confusão na minha cabeça, são empregados tomando conta dele, muito gasto, muita pressão, cinco filhos, e cada um dá um palpite, é muito difícil. Mas no pole eu encontrei um lugar feliz pra mim (2018, site Dibradoras)

Hoje, já consegue realizar movimentos complexos e conseguiu fazer com que sua neta, nora e sobrinha aderissem à prática. Apesar do que os comentários recorrentes sobre a modalidade possam afirmar, o espaço da prática é incluyente para toda a família.

Mais de uma vez, mães que não tinham onde deixar suas crianças, as levaram até o estúdio durante as aulas. Pude presenciar uma dessas ocasiões, em agosto de 2020. Quando cheguei, atrasada, para a aula, logo percebi aquela menina loirinha, de máscara de bichinhos - afinal, nesse tempo a máscara já era obrigatória devido a pandemia – inquieta pelo estúdio.

Enquanto sua mãe fazia os exercícios em uma barra, seus olhinhos perscrutavam cada canto da sala. E não demorou muito para que se aventurasse em uma barra, tentando imitar a mãe. Em resposta a isso, a professora tentava, de uma maneira meio desajeitada, afinal, não é seu público usual, explicar algumas coisas para ela. A pequena de três anos ouvia e logo voltava a se pendurar, com aquela facilidade incrível que só as crianças têm.

Eu me limitava a observar com curiosidade – e encantamento – essas interações e a servir água para a pequena, que sempre me acompanhava até o bebedouro, e constantemente reafirmar para a mãe que sua filha não era, de forma alguma, um incômodo para mim, o que era uma preocupação que ela levantava constantemente.

No final de 2021, essa situação se repetiu, já no estúdio novo. Um menino, de cerca de oito anos, acompanhou sua mãe durante a aula. No início da classe, ela se preocupava, já que ele brincava em todas as barras, obrigando a mãe a ir com um pano limpando cada uma, devido às exigências da Covid de não divisão da barra. Depois que foi convencido a escolher uma, se pendurava, chegando a ficar de cabeça para baixo e tentava imitar os movimentos das outras pessoas. Vanessa tentava ajudar ele, mas acabava assustando-o com a forma não natural para uma criança de realizar aquelas acrobacias. Por fim, em momentos de tensão, gritava “mãe” e era resgatado da forma que queria.

A presença dele foi tão constante no estúdio que, seguidamente, participava das fotos. Quando sua mãe mudou de cidade e saiu do estúdio, o Instagram do estúdio postou uma foto dos dois em uma homenagem, que ressaltava, além da importância dos conselhos dela na Pandemia, por ser da área da saúde, a participação de seu filho no estúdio (Figura 33):

Figura 33 – Diversidade Geracional no Pole Dance.

...ni é uma aluna que faz o estúdio a brilhar ainda mais. Durante a pandemia, foi ela quem me ensinou que eu podia dar aulas tranquila, desde que desinfetasse tudo com álcool 70, usasse máscara e não coçasse os olhos. Podem ter sido dicas simples durante uma fase caótica que todas nós estávamos vivendo, mas ver uma enfermeira se sentindo tranquila pra frequentar o estúdio e me dizendo que eu tava fazendo tudo certinho, fez toda diferença pra mim.

Uma colega super acolhedora, todo mundo que faz aulas com ... ama essa mulher! Toda sorridente e conversadeira, a gente sempre tem assunto sobre tudo porque ela é uma pessoa que o papo flui naturalmente.

Vale a pena ressaltar também que a ... é aloca dos figurinos lindos e das coreografias de salto com cabelos esvoaçantes. Tocou um batidão, pode ter certeza que ela tá ali prontíssima!

... seguido tava participando das aulas e dando "chineladas na nossa cara": enquanto a gente sofre e demora 1 ano pra escalar na barra, ele sobe na maior facilidade. Todas nós sofrendo pra inverter, o ... vai e inverte só de assistir uma explicação 😊 Não tinha como não ficar impressionada com essa criança! Um doce de menino super esperto e inteligente.

Vocês dois vão fazer muita falta por aqui 💙 Fica aqui o textão de despedida, com o coração quentinho por saber que vocês vão morar em um lugar que vai propiciar uma qualidade de vida incrível pra toda a família 🍷 Me esperem por Natal, certo que a prof vai visitar vocês 💙



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

Sem contar esses momentos, oficialmente, no Valente Pole Dance, até 2020, existiu uma dupla formada por mãe e filha, Amanda e Karina com seus quase 1,90m, costuma dizer que é uma “mulher grandona”. Professora de anos iniciais, sempre gostou de dançar, e se interessou ao ver a postagem sobre as aulas de pole no facebook. Necessitava praticar alguma atividade física, principalmente uma que fortalecesse a musculatura dos braços, já que sua mãe, falecida atualmente, era cadeirante e necessitava de auxílio.

Aí eu vi a postagem e até depois comentei contigo e tu me falou que conhecia a Vanessa, e eu não sei se tu ia começar ou já tinha começado a fazer. Aí eu comecei a acompanhar as tuas postagens e eu simplesmente achava maravilhosas, eu adorava aquilo. Era uma coisa que me deixava muito feliz só em ver, ver as pessoas realizando aquela atividade. (JULHO 2020)

Mesmo tendo interesse, ficou receosa. Não acreditava que pudesse realizar os movimentos, pelo seu peso. Após chamar a professora pelas redes sociais e descobrir que poderia praticar, iniciou a atividade:

Em janeiro de 2019, eu iniciei o pole. E foi uma mudança bem grande na minha vida e na percepção das coisas, porque o que eu pensava? Eu pensava que eu, do meu



tamanho, eu não conseguiria fazer. E, claro, eu tenho muito medo de algumas coisas dentro do pole, pelo meu histórico que eu sou uma pessoa mais medrosa, uma pessoa que tem mais medo de fazer muita acrobacia, coisa com o corpo. Mas eu pensei que não ia nem chegar a fazer muitos movimentos, e pra minha surpresa não. Eu faço, eu tenho força bastante, eu consigo movimentar bem o meu corpo. Comecei o pole e já notei que eu comecei a ter uma outra relação com o meu corpo. Comecei a visualizar meu corpo de forma diferente. Não que eu não enxergue defeitos no meu corpo, mas eu não visualizo meu corpo de forma mercantil só. Eu visualizo hoje em dia como um corpo em possibilidades. Então ele tem muitas possibilidades que eu não enxergava nele e que hoje em dia eu enxergo. E que bom que eu to enxergando isso! (JULHO 2020)

Quando já fazia alguns meses que estava no pole, sua filha, Amanda, de 14 anos, foi a uma aula com ela. Como sua mãe, vó de Amanda., estava hospitalizada, a menina não tinha com quem ficar, então acompanhou Karina.

Amanda é uma adolescente que gosta de sair com os amigos, ver séries e escutar músicas, assim como muitas outras. Sempre gostou de dança e ao ver a aula de pole dance, ficou “atraída pelo novo”. Também nota mudanças positivas tanto física quanto mentalmente.

No físico eu fiquei mais forte, criei mais flexibilidade. Mentalmente fiquei mais feliz, conversamos bastante no pole e recebo bastante conselhos, eu gosto bastante de dançar então modificou minha autoestima, do jeito que vejo algumas coisas, maturidade e meu humor. (JULHO 2020)

Considera “legal” realizar atividades com sua mãe, pela possibilidade de passarem mais tempo juntas e diz que isso melhorou muito o relacionamento entre as duas. Aos seus amigos e amigas, conta sobre suas aulas de pole. A maioria fica animada e diz querer fazer também. Entretanto, já passou por um momento desagradável, um comentário sobre o lado sexy do pole vindo de uma dessas pessoas próximas:

Eu reagi com dúvida do porque a pessoa falou daquele jeito, aí perguntei o porque de achar isso, aí ela falou "aí é só uma brincadeira", aí não falei mais com a pessoa. (JULHO 2020)

Karina acredita que o fato de fazer uma atividade mais “cabeça aberta” facilita com que Amanda a veja de uma forma diferente das mães tradicionais:

Desde pequena eu considero a Amanda uma criança bem diferente pelo que eu noto das outras crianças, pelo que eu tenho experiência. Ela sempre foi muito mais carinhosa, muito mais atenciosa. Em relação à adolescência, o que eu noto: que ela tá entrando na adolescência, ela tem a rebeldia da adolescência. Mesmo assim a gente tem as brigas e mesmo assim ela ainda me escuta muito e ela sempre fala que eu sou uma mãe diferente das mães dos amigos e dos colegas dela. Então, eu acho, que isso talvez seja uma diferencial nesse ponto de eu estar fazendo uma coisa que é uma atividade até mais cabeça aberta, mais jovem com ela e ela perceber que eu não tenho tanto aqueles paradigmas que ela esperava talvez que eu tivesse enquanto mãe. (JULHO 2020)

Karina acredita que esse laço que chama de “laço de sororidade” se expande a todas que participam da modalidade :

Não é só entre eu e a Amanda, mas entre todas as mulheres que estão ali, que vivenciam aquele espaço, mesmo que a gente não vivencie na mesma sala, no mesmo espaço junto, mas a gente consegue transpor aquilo ali. É uma experiência coletiva, que a gente consegue se interligar mesmo não fazendo junto. (JULHO 2020)

Figura 34 - Mãe e filha no Valente Pole Dance



Fonte: Instagram do estúdio.

Aliando-se a essa perspectiva do estúdio como um lugar aberto para as famílias, em 2023, o Valente propôs uma atividade comemorativa do dia das mães, convidando mães e filhas para um sábado especial, através de uma coreografada conjunta. O resultado da iniciativa foi compartilhado com entusiasmo por Vanessa tanto no grupo do Whatsapp quanto no Instagram do estúdio, salientando a importância desses laços criados no estúdio e das trocas que lá são realizadas.

Figura 35 - Comentários atividade dia das mães.



Fonte: Instagram estúdio Valente.

O vídeo com o resultado final da proposta foi postado no Instagram do estúdio e rendeu, como podemos perceber pela imagem acima, comentários salientando a beleza da atividade e dos momentos que são lá compartilhados. Comentários comuns entre as polerinas, que enxergam o espaço como um lugar de acolhimento, o que se reflete nas presenças de mães, filhos e demais pessoas próximas nos eventos realizados e nas próprias aulas.

### 5.3 NEGRITUDE E POLE DANCE

Brianna Robinson (2019) nos ajuda a avançar na questão da diversidade. Seu trabalho examina porque mulheres negras praticam pole dance e como essa participação influencia e impacta aqueles ao seu redor. Uma de suas conclusões é de que a modalidade contribui para aumentar a confiança dessas mulheres e colabora na criação de espaços onde podem expressar sua sexualidade:

Este estudo demonstra como as mulheres negras resistiram e criaram espaços para que as mulheres negras se empoderassem e se vissem representadas dentro da comunidade do pole. Esta pesquisa explorou as maneiras e até que ponto as mulheres negras podem explorar sua sexualidade através do pole dance, uma vez

que se opõem às percepções sociais das mulheres negras como seres hipersexuais (2019, p. 2, tradução nossa)<sup>5</sup>

A autora defende que os estudos existentes de pole dance não abordam com profundidade a perspectiva racial, também presente nos estúdios e, com isso, deixam de analisar as experiências das mulheres negras na modalidade. Sua abordagem parte do feminismo negro, por entender que o mesmo tem origens e lutas diferentes do feminismo branco e por considerar que as mulheres negras têm experiências diferentes devido a intersecção entre racismo, classismo e sexismo. Considerando a história das mulheres negras de não terem agência sobre seus corpos, ela defende que o pole dance serve como uma forma de “consertar essa ferida histórica e restaurar um senso de poder”.

No Valente Pole Dance, as alunas negras são minoria. Vanessa instrutora do estúdio, me contou, em uma conversa em julho de 2020, que já parou para pensar sobre isso e que planeja fazer algo para atrair mais alunas negras e trans:

Então, eu tinha algumas alunas negras, mas pararam assim que começou a pandemia. Agora tenho 3 alunas negras só tô pensando em lançar bolsa de descontos pra mulheres negras e/ou trans a partir de agosto e dar prioridade pra elas na lista de espera.

Então, em agosto de 2020, essa ideia foi posta em prática, através da criação da bolsa Marsha P. Johnson. Marsha foi uma pioneira no ativismo LGBTQIA+. Mulher negra transgênero, trabalhadora sexual e drag queen, ela foi uma das figuras centrais na Revolta de Stonewall em 1969.

Figura 37 – Bolsa Marsha P. Johnson.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

<sup>5</sup>This study demonstrates how Black women resisted and created spaces for Black women to be empowered and see themselves represented within the pole community. This research explored the ways and to what extent Black women can explore their sexuality through pole dancing as they oppose societal perceptions of Black women as hypersexual beings (2019,p. 2)

Algo que lhe chamou a atenção de Vanessa em relação às alunas negras foi o receio em postar fotos delas no pole. Segundo a instrutora, várias comentavam sobre a imagem delas ser sexualizada.

Das alunas negras, eu tava puxando na memória aqui, das poucas que já tive, umas 4 ou 5 já me falaram do medo da sexualização em relação às fotos. (MAIO 2020)

Em comparação as alunas brancas, conta que apenas uma pediu para que suas fotos não fossem postadas nas redes sociais do estúdio, por dar aula em um curso majoritariamente frequentado por homens.

Dandara é uma mulher negra, de 27 anos, que trabalha como vendedora em uma loja de roupas no centro da cidade. Começou a praticar a modalidade há mais de um ano. Sua experiência enquanto mulher negra dentro do pole vai ao encontro da percepção da instrutora Vanessa no que diz respeito à sexualização:

Já tive conhecidas que falaram que ‘já tem bunda grande, usa afro e ainda faz pole, vão chamar de puta’ ou faz pra se aparecer para homem. Ainda tem muito preconceito. Eu enxergo como a sociedade querer esconder o negro, a mulher, o pole. Negra esconde teu afro e teu corpo. Mulher não exhibe teu corpo. (JULHO 2020)

Entretanto, no pole percebe um ambiente mais livre para ser quem é.

Assim, a mulher negra é excluída de diversas coisas e lugares, eu mesmo fazia ballet, e por causa do cabelo tinha que ser apresentada atrás porque os penteados não eram para o meu tipo de cabelo. No pole tu tem mais liberdade, liberdade de ser como quiser, liberdade de expressão. Tanto que Vanessa deixa claro que o movimento é de tal forma, mas tu pode adaptar. Não é algo engessado. (JULHO 2020)

Segundo seu relato, o pole a ajudou a sair do sedentarismo, já que ‘odeia academia’, além de elevar o seu ego e a fazer se ‘sentir melhor como mulher’. Antes retraída, hoje diz se aceitar mais. Quanto às fotos, costumava postar semanalmente, depois das aulas, antes da interrupção da quarentena.

Sabem, começou com julgamento e as pessoas achando feio, depois irmã e primas começaram a se interessar, no serviço também começaram a se interessar e não ter julgamento negativo. Mas tem que assumir, porque se não vive fazendo só o que os outros querem. (JULHO 2020).

Alice também é uma aluna negra do estúdio. Tem 27 anos e trabalha como cabeleireira em um salão. Foi no seu trabalho, que acabou conhecendo mulheres que praticavam a modalidade e logo se interessou. O fato de ver meninas gordas, assim como ela, no pole, a estimulou a procurar o estúdio.

Considera que a prática ainda envolve muito preconceito, principalmente vindo de homens, que a relacionam com prostituição. O estereótipo relacionado à mulher negra também influencia muito nesse pensamento:

É bem diferente quanto pra mulher branca quanto pra mulher negra. Os homens sempre largam essa charadinha ‘a mulher branca está fazendo pole para o marido e a mulher negra está fazendo pole pra ter um ‘q’ a mais no trabalho. O homem ainda tem muito estereótipo da mulher negra por causa da bunda e peito, que negra #partiucomer bem a grosso modo como falam. (JULHO 2020)

Mesmo com essas questões, acredita que a modalidade a está ajudando a descobrir novas possibilidades de seu corpo.

E, sinceramente, miga, a primeira vez que eu escalei eu me senti muito poderosa porque eu achei que não ia conseguir nem subir a minha perna e eu consegui. Sério, eu me senti em questão de força uma mulher maravilha porque foi muito foda. (JULHO 2020)

Quanto às fotos, apenas tem a preocupação em separar do seu perfil profissional, principalmente para deixar “organizadinho o feed”, mas diz não ter vergonha de mostrar seu corpo nas redes.

Ariana, pelo contrário, não tem essa mesma relação com as imagens. A militar, de 30 anos, conta que já postou algumas mas “contra a vontade do boy”. Seu trabalho e os possíveis julgamentos advindos de colegas, também a impedem de ter uma relação mais aberta de exposição nas redes.

Ela destaca que algo que chama a sua atenção, enquanto mulher negra, é a pequena quantidade de outras mulheres negras na modalidade.

Eu sigo algumas meninas que são cariocas, mas isso é uma questão que elas já levantaram, que são poucas as mulheres que a gente vê como referência sendo negras, mas isso aí, infelizmente, faz parte de um processo que a gente tem que trabalhar bastante porque tu sabe né? As mulheres por si só já sofrem bastante nesse quesito e aí quando se trata de uma modalidade tão difamada a gente sofre um pouquinho mais. (JULHO 2020)

Ela considera que dois fatores são preponderantes para isso. O econômico, já que pole costuma ter custos altos, principalmente em seu estado, o Rio de Janeiro. E também a questão de críticas à modalidade, a maioria sexualizando-a, e como ela afeta ainda mais as mulheres negras já que a “mulher negra, ou preta, como prefiro chamar ainda é vista como objeto sexual e isso pode trazer um pouco de medo nas meninas”.

Annelise Gonçalves (2020), em suas observações em festivais de pole dance, observou que o debate sobre a questão racial ainda ocupa pouco espaço no meio, devido a diversas questões, sejam elas de regulamentos em eventos que abordam o lado puramente esportivo da modalidade e proíbem certas formas críticas de expressão até a questão aquisitiva, dos locais e preços desse tipo de evento: “se historicamente no Brasil a população negra é dotada de um menor poder aquisitivo, não só a prática da atividade como um todo se torna mais difícil, como esse evento se torna complicado ou até excludente. (sem pag.)”.

Para compreender melhor essa questão da objetificação dos corpos das mulheres negras, trago Lélia Gonzalez (2020) que, ao fazer um apanhado histórico da situação da mulher negra no Brasil, defende que ser mulher negra no país é ser colocada no mais alto nível de opressão, devido aos estereótipos gerados pelo racismo e sexismo. A autora critica ferozmente a noção de democracia racial desenvolvida por Gilberto Freyre nos anos de 1930, que ajudou a disseminar uma visão de que não havia preconceito contra os negros no Brasil, destacando como as imagens utilizadas para comprovar essa teoria fornecem estereótipos preconceituosos sobre a população negra:

Imagens positivas são aquelas em que os negros desempenham papéis sociais a eles atribuídos pelo sistema: cantor e/ou compositor de música popular, jogador de futebol, mulata. Em todas essas imagens, há um elemento comum: a pessoa negra é vista como um objeto de entretenimento. Essa tipificação cultural dos negros também assinala outro elemento comum condensado em atributos corporais: força/resistência física, ritmo/sexualidade. Não é preciso dizer aqui que o homem ou mulher negros que não se adequam a esses parâmetros são rejeitados pelo estereótipo. (2020, s/p)

A imagem atribuída à mulher negra, segundo a autora, irá variar entre dois papéis sociais, a de “doméstica” ou “mulata”. A primeira irá colocar como natural enxergá-la em uma série de atividades braçais e de cuidado como empregada, babá, merendeira, dentre outras. A segunda imagem, que mais nos interessa aqui para compreender a relação das mulheres negras com o pole dance, reforça o papel sensual da mulher negra, enxergada dentro de uma lógica de “produto de exportação”:

Esse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira. Que se pense no processo de apropriação das escolas de samba por parte da indústria turística, por exemplo, e no quanto isso, além do lucro, se traduz em imagem internacional favorável para a “democracia racial brasileira”. (2020 s/p)

Para Lélia Gonzalez (2020) é importante observar como as escolas de samba, as gafieiras, dentre outros espaços semelhantes são usadas como espaço de dominação sexual de uma elite branca. A autora nos indaga se a “mulata” que está nessas festas não deveria ser considerada uma profissional da dança. Para ela, isso não acontece porque são vistas como uma “espécie diferente” que não pode fazer parte de uma categoria profissional existente pelo fato de serem negras e porque o que mais interessa não é sua dança, mas sim a sua sexualização.

Esses fortes estereótipos podem, também, em nosso contexto, serem vistos como algo que afasta as mulheres de uma modalidade que já é sexualizada por si só pelo senso comum, ajudando a reforçar ainda mais um discurso que muitas mulheres negras ainda esforçam-se

para rechaçar. Nessa mesma lógica, a exposição através das fotos, também é evitada por essas mulheres.

Entretanto, é importante perceber que, mesmo com essas questões apresentadas, há a presença de mulheres negras dentro do pole dance. Nos relatos apresentados, as interlocutoras reforçam que enxergam no pole uma maior liberdade se comparada a outras atividades. Dark Cinammon é uma dançarina negra de pole dance brasileira com 11,2 mil seguidores no Instagram que também aborda a questão da negritude dentro do pole dance.

Em uma série de reels realizados em abril de 2023, com o intuito de vender um curso sobre erotismo e sensualidade na dança denominado “Find Your Inner Bitch”, a influenciadora discute a objetificação dos corpos negros na história, aliando-se à perspectiva de Lélia Gonzalez, mas trazendo exemplos de mulheres que subvertem essa lógica dentro da dança, negando-se a ser “apenas um corpo”. Dark Cinammon instiga as mulheres pretas do pole dance a fazerem o mesmo.

Um corpo nu preto em um palco dançando sempre vai ter um valor diferente de um corpo branco. Temos muito o que ressignificar. Essa dança como vocês conhecem hoje em dia ela foi inventada e criada por mulheres pretas e não brancas. As danças que você reproduz foram popularizada por mulheres pretas e não brancas porque elas precisavam ganhar dinheiro e como tinha esse objeto nos bares, nos circos elas passavam a utilizar esse objeto para dançar. Eu gosto de subverter esse jogo pensando que eu estou devorando o meu público e não que eu sou um pedaço de carne girando em um pedaço de pau e eu estou em um lugar de poder. (Live Instagram, abril de 2023).

Em sua rede, a pole dancer também denuncia o racismo das competições de pole dance e o uso da inclusão dentro da modalidade como apenas um discurso para ganhar dinheiro. Essas questões mais macro não encontram grande eco dentro do Valente Pole Dance. Isso pode ser resultado do número limitado de alunas negras ou ainda do distanciamento que o estúdio tem de competições da modalidade. As interlocutoras negras de minha pesquisa veem essa falta de colegas negras como algo ligado mais a problemas estruturais ligados ao racismo e a estereótipos de objetificação do que necessariamente a algum tipo de postura negativa do estúdio.



## **6 “SEGURA MAIS UM POUCO PRA EU TIRAR A FOTO”: POLE DANCE E A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS**

### **6.1 AS IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DO “SER POLE DANCER”**

Os relatos do pole, não por acaso, vêm acompanhado de fotos. As fotos são companheiras das pole dancers de todos os níveis. Desde uma foto desajeitada na primeira aula para demarcar sua chegada à atividade até aquela que mostra a evolução de um movimento. As redes sociais da maioria das polerinas, principalmente o instagram, demarcam com orgulho as conquistas através de imagens.

No estúdio em que faço meu campo, as câmeras dos celulares são presença confirmada nas aulas. A instrutora, Vanessa, investiu em objetos para deixar seu local de trabalho mais “fotografável” desde o início, pois sabia da importância das imagens na modalidade. Na cortina branca posta na janela, principal local usado de fundo para as fotos no primeiro local onde funcionou o estúdio, as luzinhas penduradas ajudavam a trazer um efeito diferente para as imagens. No atual estúdio, o cenário repleto de plantas e os janelões que permitem a entrada da luz natural, auxiliam ainda mais na produção de belas imagens.

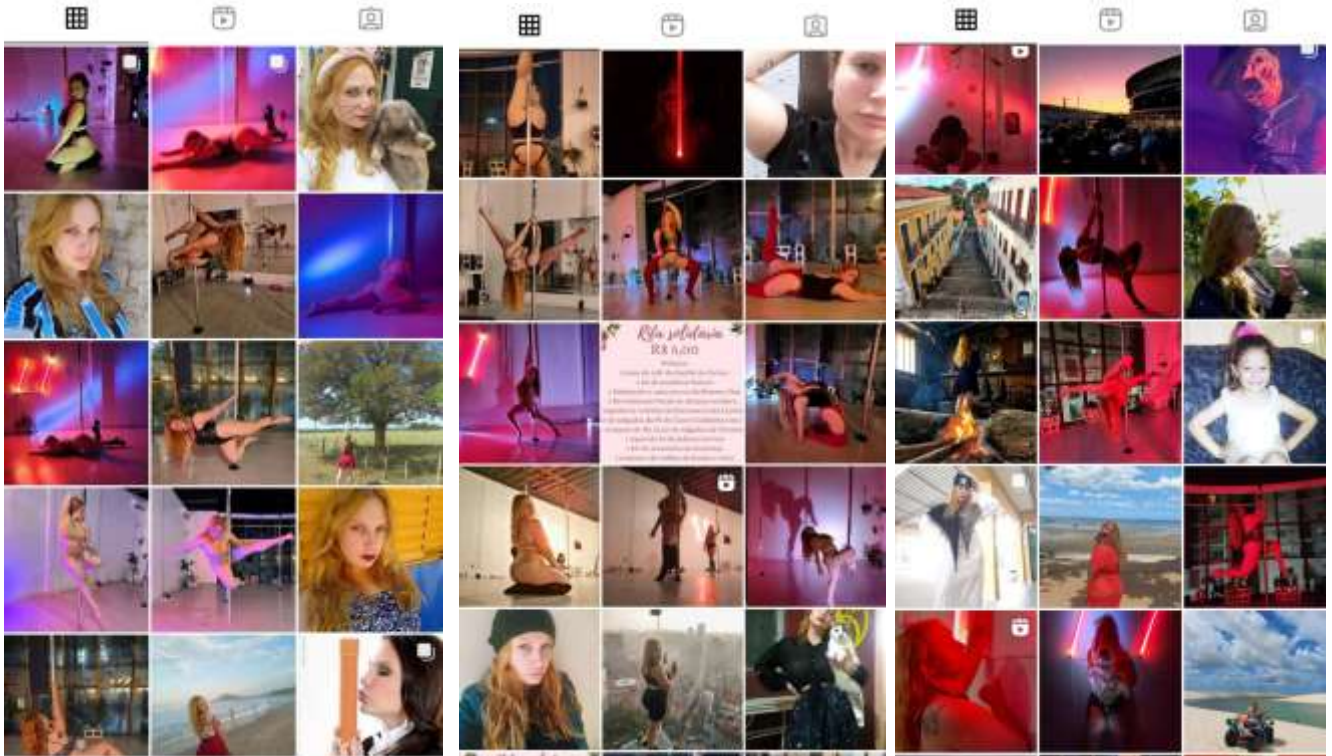
Vanessa, inclusive, investiu em um celular com câmera mais moderna para poder obter uma qualidade melhor nas fotos tiradas para as alunas que, frequentemente, são usadas também como divulgação no instagram do estúdio. Os celulares são companheiros frequentes durante as aulas. Saem das bolsas (ou dos bolsos) ainda na recepção e entram no estúdio, onde já ficam posicionados em locais estratégicos para melhores ângulos e iluminação, saber compartilhado entre colegas e instrutoras.

Pensar o telefone e as mídias sociais a partir de seus usos é o que nos propõe Daniel Miller (2022). Em sua obra “O Smartphone Global” (2022), o autor defende que “o smartphone consiste unicamente nos usos observáveis, em meio às populações específicas com quem trabalhamos”. (2022, p. 7). Mais importante que considerar a tecnologia em si e para que foi projetada, é importante pensarmos como esse aparelho é transformado pelo usuário em “uma forma de artesanaria que começa apenas após a compra” (2022, introdução). Como uma ferramenta que pode se tornar múltipla, aqui nos detemos, principalmente, naquele uso que pareceu predominante, através da observação no campo estudado, o da utilização do smartphone para produzir imagens e postá-las nas redes sociais.

O instagram de uma polerina, salvo exceções de mulheres que não se sentem à vontade para postar, passa por uma transformação visível a partir da entrada na modalidade. Fotos com a barra se multiplicam. A cada aula realizada, no mínimo uma imagem deve ficar

“boa o suficiente” para ser postada. Entre fotos que mostram o dia a dia e selfies, meu instagram é intercalado por várias fotos de pole. Uso minha rede como exemplo (Figura 38), mas a lógica se repete na maioria das redes sociais de minhas interlocutoras. Dentre as fotos cotidianas, o que se destaca como um padrão são as fotos de pole.

Figura 38 -Instagram da pesquisadora.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)

Uso aqui meu perfil na rede social Instagram também pensando na proposta de Débora Leitão e Laura Gomes (2017) de também considerar as experiências do pesquisador no uso das plataformas:

(...) é preciso ir além do simples registro do conteúdo daquilo que vemos nesses ambientes on-line, ou do que é narrado por nossos interlocutores de pesquisa, observando igualmente o uso que nós mesmos estamos fazendo das plataformas, numa postura reflexiva que incorpora as vivências – emocionais, subjetivas e mesmo corporificadas – do próprio pesquisador nas e com as plataformas, além das observações entre os interlocutores. Daí a importância do diário de campo na etnografia em ambientes digitais, do registro de impressões, sensações e experiências que não podem ser plenamente acessadas apenas através de recursos como printscreen, ou do copiar e colar, ou seja, do congelamento do fluxo discursivo e imagético. (2017, p. 63).

Ao mesmo tempo em que tentamos entender a trajetória dos sujeitos de pesquisa transitando entre o online e off-line, advertem as autoras, devemos pensar que o contrário

também pode ocorrer, situando “o próprio etnógrafo como potencial “stalkeado” por aqueles que participam e transitam pelos ambientes de seu campo de pesquisa”(2017, p. 57). Isso também nos leva a refletir, novamente, sobre o impacto da presença da pesquisadora no campo. O fato de minhas fotos também aparecerem com frequência no feed do Instagram do estúdio há um tempo faz com que eu seja reconhecida inclusive pelas alunas que nunca foram minhas colegas ou fizeram aula comigo, propiciando uma entrada mais fácil em campo, através de minhas redes e imagens.

No instagram, algumas das interlocutoras, algo que acontece mais entre as instrutoras, mas também está presente na rede de outras praticantes, fazem perfis próprios dedicados a mostrar somente sua vida enquanto pole dancer. Os perfis, que comumente terminam com as letras “pd” de pole dancer são dedicados a mostrar a evolução e dia a dia dos treinos.

Encontrarmos uma multiplicidade de fotos de pole do instagram e não no facebook não é à toa. Fernanda, estudante de medicina, que faz pole há cerca de três anos no estúdio, somente posta no Instagram, pois diz ter muitas pessoas conservadoras no facebook e, com isso, tem o receio disso ser “usado de alguma forma nesse mundo machistinha que vivemos”.

Esse uso de mídias diferentes para fins diversos pode ser entendida dentro da perspectiva de sociabilidade escalonável que nos apresenta Miller (2019). Ao pensar que as mídias sociais são lugares onde os sujeitos contemporâneos se relacionam e não locais separados “do mundo real”, o autor propõe pensarmos nas escalas criadas que consideram o tamanho dos grupos e seus graus de privacidade dentro das mídias:

Cada uma dessas plataformas que os jovens utilizam corresponde a uma escala específica, que expressa diferentes tamanhos e graus de privacidade dos grupos. Não há regras capazes de reger tudo isso. Grupos e plataformas podem se sobrepor. Porém, de forma majoritária, encontramos plataformas associadas a gêneros específicos da comunicação, com usuários que, naturalmente, entendem-nas como criadas para uma ou outra finalidade específica. (2019, p. 6)

As polerinas usam o instagram para postar suas fotos porque nelas tem um controle maior sobre quem as visualiza. Enquanto no Facebook, considerado uma mídia social onde há maior inserção de pessoas mais velhas, convivem com familiares e pessoas que não consideram tão abertas a compreender a prática da modalidade.

Débora Leitão e Laura Gomes (2017) ajudam a corroborar essa ideia. Longe de outros ambientes no qual outras lógicas como hashtags são mais importantes que o perfil do emissor, o Facebook se insere em uma lógica em que há uma convergência identitária, com seus dados sendo solicitados na criação e uma correspondência maior entre as redes de amizade online e off-line.

O Instagram de Vitória e Flora tem várias imagens de Pole Dance, justamente por ser um espaço mais reservado que o Facebook, onde convivem com parentes e pessoas mais próximas de seu dia a dia. As fotos raras que são vistas no Facebook costumam focar em aspectos não vistos como sexualizados, sem dar destaque a partes como bundas, seios ou poses vistas como mais provocantes. Beatriz Preciado (2014), ao defender que a arquitetura do corpo é política, nos provoca a indagar como a designação determinadas partes do corpo como não sexuais, e seu oposto, as sexuais, são arbitrárias, naturalizando práticas. A própria política das redes sociais corrobora com isso. Posts que expõem essas partes – apenas as femininas, cabe ressaltar - são vistos como passíveis de exclusão.

Alisson Machado (2019) em sua tese de doutorado “Toda Trabalhadora na wi-fi: Cotidiano Travesti em Trajetórias Digitais” que investiga as formas como a internet é apropriada pelas travestis em seu cotidiano, nos traz reflexões interessantes acerca dessa normatividade, deixando claro que ela pode variar entre indivíduos de uma mesma sociedade. Para as interlocutoras de sua pesquisa, o espaço online, principalmente das redes sociais, aparece como elemento constituinte de suas trajetórias. A questão da privacidade não é uma discussão central, já que, como nos alerta “para elas, faz pouco sentido pensar que o Facebook escancara a vida da pessoa, porque as travestis sempre tiveram uma vida escancarada”(p. 139).

Em meu campo, que também trabalha com mulheres da região sul do país, algumas diferenças fazem com que essas relações se alterem profundamente. Minhas interlocutoras, todas cisgêneras e, em sua grande maioria, pertencentes à classe média, expressam preocupação com a exposição nas redes, e isso advém, em grande parte, de uma cobrança social que determina que, enquanto mulheres, devem assumir um papel longe de associações diretas com a sexualidade.

O medo de julgamentos faz com que várias alunas, mesmo tendo vontade, deixem de postar imagens realizando a prática. Mesmo entre aquelas que postam, existe a constante preocupação com o acesso de homens que, frequentemente fazem comentários impróprios. Vários são os relatos que confirmam isso:

Posto mais no Instagram pois ali há um círculo de pessoas mais receptivas, no Facebook eu não me sinto tão a vontade pois há pessoas lá que eu não quero que vejam minhas fotos.

Gostaria mas tenho muito receio de que homens vejam e sexualizem (o que acontece muito). (MAIO 2020)

Vanessa costuma dizer que há uma noção entre eles que as fotos são postadas para “agradar homens” ou conseguir algo relacionado a sexo, enquanto entre as pelerinas a

ideia da postagem está relacionada à demonstração de habilidades e sentirem-se bem consigo mesmas, como confirmado nos relatos abaixo:

Eu fui me entendendo enquanto alguém potente e forte e pra mim as fotos representam muito isso, também fui me achando mais bonita nelas com o tempo.

Gosto de acompanhar a evolução e tenho amigas, amigos e familiares que gostam também da prática e com quem gosto de partilhar a experiência. (MAIO 2020)

Importante também pensarmos como esse uso do celular pode ter alterado nossa relação com as imagens como nos alerta Daniel Miller (2021)

Não apenas a câmera do smartphone consolidou a inflexão do analógico rumo ao digital, ao transformar nossa relação para com a imagem, como pode, ainda, ter tido um impacto equivalente em como vemos o mundo ao nosso redor.. Ao tirarmos retratos, criamos molduras em torno de algumas das coisas que vemos, separando-as do que não foi enquadrado. O enquadramento através da fotografia é, no mínimo, análogo com o enquadramento enquanto uma distinção da arte e do que não é arte, do sagrado e do mundano. (2021, p. 15)

Antes, nos esclarece o autor, a fotografia trazia consigo a ideia de armazenamento à longo prazo. Agora, produzidas em grande parte para as mídias sociais, ela é uma das principais manifestações da transitoriedade. Manuela Salazar (2017) também destaca essa mudança na relação com a fotografia advinda do da difusão da fotografia digital e, em especial, os smartphones. As fotos não são relegadas somente a ocasiões especiais, como as câmeras analógicas e seus filmes com poses contadas, determinavam. Agora, o cotidiano, o trivial, passa a fazer parte dessas imagens que, para a autora, são feitas com o principal objetivo de serem compartilhadas nas redes sociais.

Essa nova relação com a fotografia modifica as formas de sociabilidade contemporâneas, como defende Mariana Musse (2016). A fotografia, para a autora, também deve ser vista em uma posição de destaque na forma de autorrepresentação dos sujeitos. Isso advém da facilidade em tirar fotos, propiciada pelo celular, assim como de compartilhamento, que irá alterar “as formas como os indivíduos se relacionam entre si, consigo mesmos e com os que o cercam. (2016, p. 14)”.

Para a autora, a função da memória, antes imputada à fotografia, agora não é mais a prioridade. Ela agora registra momentos cotidianos com a função primária da conectividade entre os indivíduos através das redes sociais. Ao analisar essa transformação dada do analógico ao digital, Julia Almeida (2015) chega a conclusões semelhantes, defendendo, inclusive que hoje temos uma banalização da fotografia, devido a essa facilidade de ser produzida e descartada o que, para ela, causaria uma ameaça da fotografia enquanto memória

documental, com um esquecimento de seu significado e uma pouca visualização das imagens que produzimos.

Aqui não compartilhamos de modo integral das ideias de como as fotografias trabalham com a memória. Se antes o espaço físico de compartilhamento através de álbuns e reuniões era importante para evocar as memórias, hoje temos acesso a qualquer momento às imagens produzidas. O saudosismo que evoca os momentos em que a família sentava e olhava os álbuns eram, de fato, tão recorrentes quanto essas memórias hoje tentam imputar? O acesso ao google fotos e galerias de celular, além dos feeds de redes sociais, não cumprem hoje um papel semelhante? Quando vamos mostrar a foto recente de nosso animal de estimação ou o novo feito dentro do pole dance é o celular que tiramos do bolso e que pode ser acessado a qualquer momento para mostrar essas imagens.

Essas imagens demarcam, como irá nos indicar Miller (2021), “um modo de prestar atenção”, reivindicam uma presença, uma experiência em tempo real. A evolução no pole ao longo do tempo é fortemente demarcada por essas imagens que evocam uma ideia daquele tempo do post mas que ao mesmo tempo trazem a ideia de passagem, de evolução, própria da modalidade.

Pesquisas como a de Sandra Rúbia Silva (2010) evidenciam esse tipo de lógica afetiva. Em seu campo, conta que a frase que mais ouviu foi “Eu não vivo sem celular”. São artefatos símbolo da sociedade contemporânea que é marcada pela lógica da conectividade, sendo assim necessários para o estabelecimento de vínculos, já que não o possuir pode causar a exclusão de determinados grupos sociais. É essa possibilidade de manter e criar laços através dos celulares uma das razões que estimulam essa ligação emocional com o aparelho.

Hoje, esses laços encontrados na pesquisa de Sandra Rúbia Silva (2010) são ainda mais fortalecidos com a expansão e criação de novas redes sociais. Para Manuela Salazar (2017) a centralidade dessas redes “parece estar na capacidade de se comunicarem através de olhares, intenções e vivências e, assim, se conectarem a uma comunidade em busca das mesmas coisas” (p. 110). E a proximidade constante com o aparelho celular estimula isso que a autora irá chamar de “voracidade criativa” não apenas em observar, mas também em produzir imagens.

Com isso, o celular e as redes sociais acabam tornando-se tecnologias afetivas. O Instagram, para minhas interlocutoras, é quase um diário de sua evolução no pole, no qual mostram suas conquistas e exibem com orgulho seus aprendizados. Manuela Salazar (2017) encontrou lógicas semelhantes na plataforma:

Um perfil do Instagram pode funcionar, por exemplo, como uma declaração autobiográfica, um testamento, um arquivo, um documento, uma peça de ficção. Através do enquadramento, da edição e do compartilhamento de momentos escolhidos, e da exclusão de outros instantes, constroem-se mundos-mosaicos individuais. As imagens que os compõem passam também, então, a integrar o mundo-mosaico da comunidade, que, pelo constante movimento de atualização, demonstra fluidez permanente, com temporalidades que escorrem pelos dedos, a qualquer tentativa de entender este conjunto como uma unidade coesa ou fechada. (2017, p. 50)

Com essa evolução rápida e constante dos telefones e redes sociais, novos hábitos são criados. Seria inimaginável alguns atrás pensarmos em pagar contas usando QR codes ou pedirmos as mais variadas coisas usando aplicativos de delivery. Hoje em dia há aplicativos para a maioria das coisas que imaginamos e vários são criados a todo o momento. Essa “cultura do celular”, como denomina Mariana Musse (2016) irá ter impacto direto nas formas de sociabilidade, no “estar no mundo” dos indivíduos, com as diferentes formas de construção de identidades.

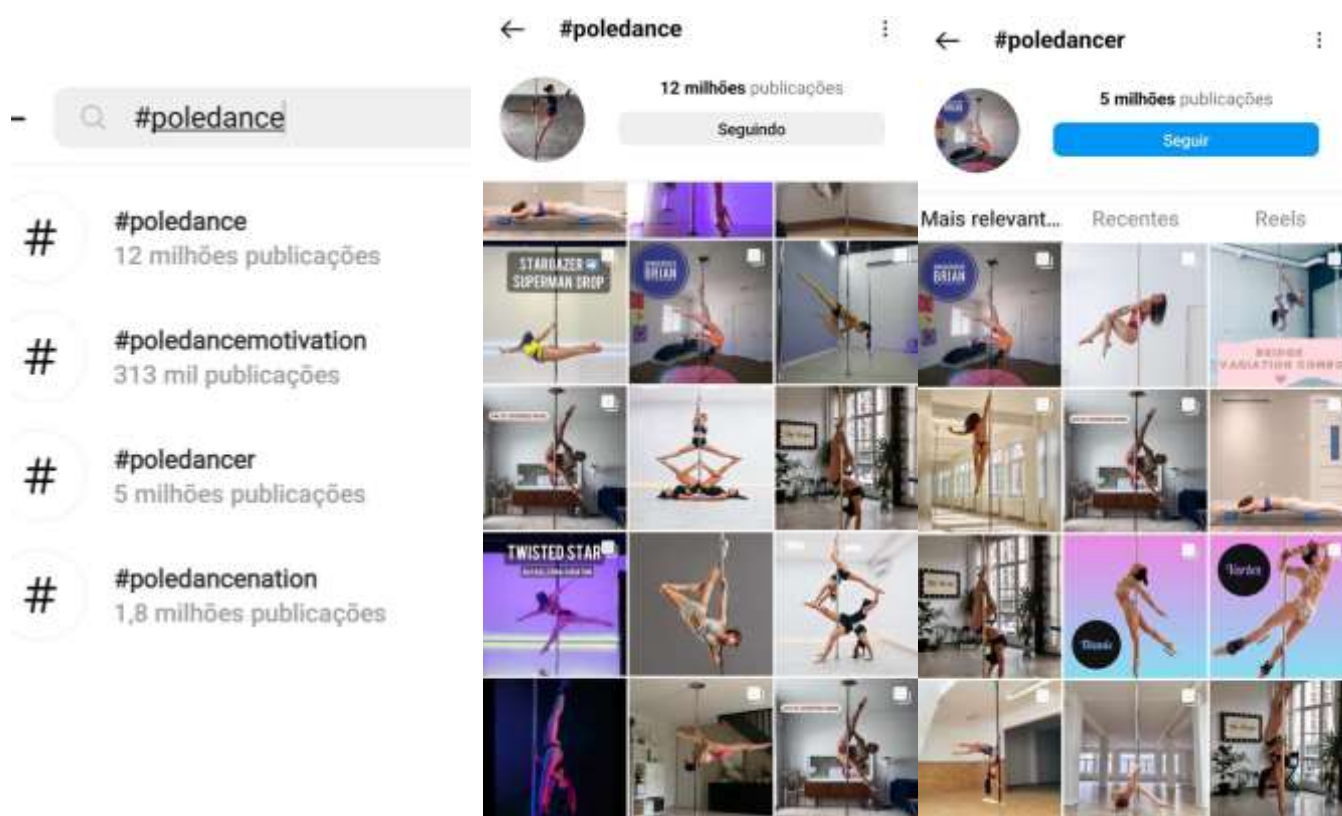
O celular, por meio de todas as ferramentas que oferece, desde a possibilidade de enviar texto, falar, ouvir música, tirar fotos e gravar vídeos, deu ao indivíduo ferramentas básicas para que ele mesmo pudesse criar instantaneamente narrativas e registros sobre seu cotidiano, o que sutilmente o tornou mudam a própria vida e os acontecimentos do dia-a-dia como ir ao ginásio, um almoço de negócios ou mesmo aqueles acontecimentos mais diferentes – uma viagem ou um sonho realizado – em situações relevantes não só para si mas também para todo o seu “público” que interage nas postagens. Afinal, hoje, toda experiência é possível de ser compartilhada, pois ela é única e incomparável pois há a possibilidade de individualizar cada uma delas através da história ou do registro visual ou audiovisual de cada experiência através de um ponto de vista particular de cada um indivíduo que se torna singular. (2016, p. 83)

O Instagram torna-se, assim, um espaço de construção de identidades com a fotografia sendo o objeto que aciona essas possibilidades. A autora irá defender que essas identidades se fazem culturalmente por meio de discursos como textos e imagens que irão trazer ideias de pertencimento. Julia Almeida (2015) dialoga com isso, defendendo que as fotografias nas redes sociais digitais partem do propósito do “valor de exposição”, de como ela poderá ser associada à forma como somos vistos pelo outro, assim como a forma como pretendemos ser vistos; querendo passar uma ideia de pertencimento.

Essa necessidade de impressionar os outros torna-se cada vez maior com as redes sociais. De acordo com Mariana Musse (2016) a aceitação de si e de sua própria identidade “está diretamente ligada ao sucesso de suas postagens, o que pode ser medido pelo número de curtidas, compartilhamentos e comentários que uma determinada postagem recebe”(2016, pág. 67). A hashtag, para Manuela Salazar (2017) é uma reafirmação desta busca de validação, pois mostra a necessidade do querer integrar-se. Nesse caso, a imagens semelhantes, de pessoas que, teoricamente, tem a mesma visão.

No pole, colocar hashtags para demarcar essa associação é algo usual. As principais hashtags relacionadas ao pole dance no Instagram são, como demonstram as imagens abaixo #poledance com mais de 12 milhões de publicações e #poledancer com mais de 5 milhões de publicações. A hashtag específica do estúdio, criada e estimulada nas postagens pelo próprio Valente, que não divulgaremos pois contém o nome real do estabelecimento, conta com mais 500 publicações.

Figura 39 - Hashtags de pole dance



Fonte: Instagram.

Através de seus celulares as polerinas produzem e compartilham suas fotos, entram em contato com novos movimentos e praticantes, acompanham o progresso de suas colegas e as novidades do estúdio através de sua página institucional. Nos intervalos entre a aula, as mãos saem das barras e procuram rapidamente o aparelho, que está a centímetros de distância, para verificar se o ângulo estava bom, se a iluminação não precisa ser alterada, se a última gravação vai render um bom print.

Essa preocupação com o uso que essas interlocutoras irão fazer de seus celulares e da internet – através das redes sociais – nas aulas de pole também está entre as preocupações de Christine Hine (2020). A sua metáfora sobre o etnógrafo que estuda a comida de uma população cabe aqui para mostrar o que buscamos:



Para um etnógrafo, um estudo sobre a comida de uma população particular não começaria e terminaria olhando para o que as pessoas comiam. Em vez disso, uma etnografia focada na comida permaneceria aberta para ser surpreendida com os significados que a comida tem para as pessoas em questão e estaria interessada em qualquer aspecto de sua organização da vida cotidiana, suas rotinas e rituais, suas relações e suas identidades que influenciaram ou foram influenciadas pelas práticas em torno da comida e dos significados nelas investidos. (2020, p. 8)

Só sei que Vitória pega seu celular na saída da aula e, perigosamente, escolhe descendo as escadas aquelas que irá postar e aquelas que irá enviar para seu crush porque conversei com ela sobre isso, porque observei suas dinâmicas que se repetem semana após semana. Seu celular, que não tem uma câmera que considera boa, é usado apenas para compartilhar as imagens que Flora e outra colega tiram com seus celulares modernos.

Todas essas lógicas acima explanadas só foram possíveis de serem percebidas porque considerei a importância de perseguir diferentes conexões na etnografia, tal qual nos aponta Christine Hine (2020). Se acompanhasse apenas as redes sociais ou delimitasse meu campo a frequentar as aulas, ou ainda não observasse tudo o que envolve o antes e após esses momentos presenciais, não conseguiria ter essa visão mais ampla do uso dos celulares e das redes sociais.

Trabalhamos, então, com esse contexto de Christine Hine (2020) de uma internet incorporada, corporificada e cotidiana, que nos traz importantes chaves analíticas para pensar o caso do pole dance. Uma internet incorporada que não está apartada da vida cotidiana e que nos indaga a pensar os significados diferentes que evoca para cada um; e uma internet que é acessada a partir de um sujeito corporificado que pode, como o pole dá a indicar, auxiliar na reafirmação de um corpo pole dancer.

As imagens postadas e como são produzidas através dos celulares são essenciais para entendermos essas lógicas. Os recipientes de álcool gel, os vasos de plantas e vários outros suportes improvisados são usados para colocar o celular na posição ideal. É comum que existam 4 ou 5 celulares em posições diferentes apontados para cada barra. Há todo o cuidado de não “passar na frente” e estragar o vídeo ou futuro print da colega.

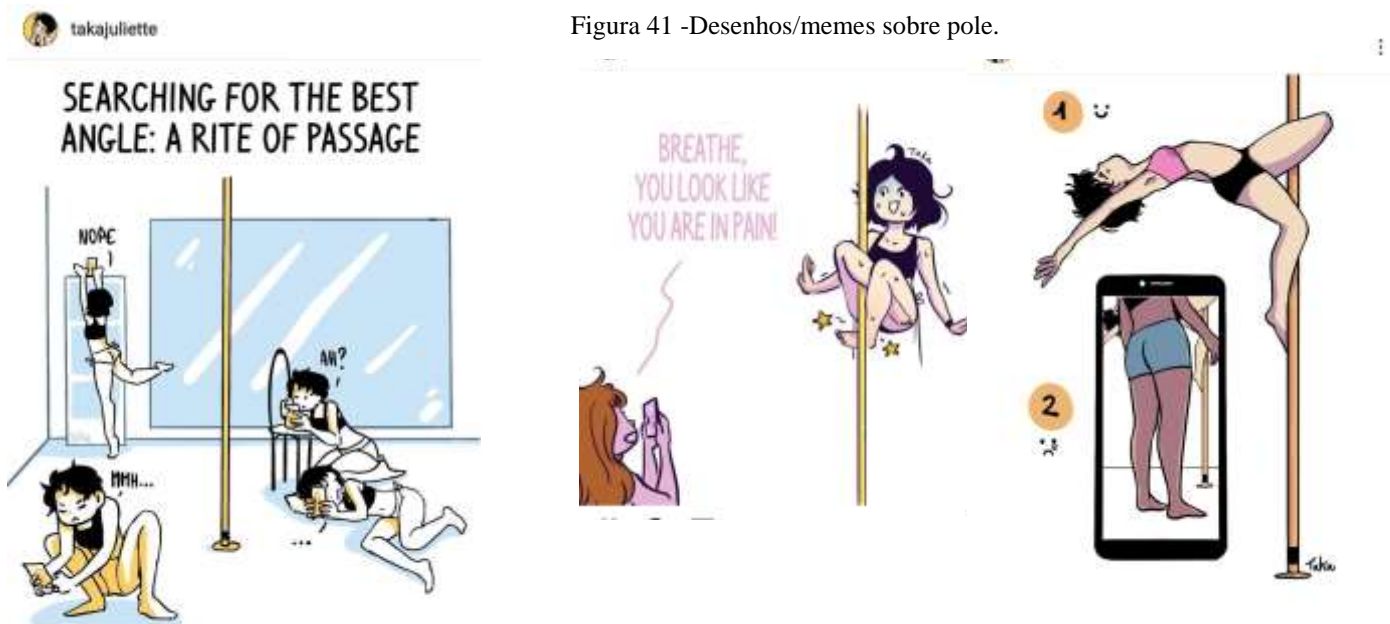
O fato disso ser tão comum faz com que memes que retratem o uso dos celulares nas aulas ,a procura pelos melhores ângulo e os esforços para conseguir uma foto boa, como os abaixo, sejam frequentes em páginas de pole dance:

Figura 40 - Memes sobre pole.



Fonte: Instagram Pole Dance News.

Figura 41 -Desenhos/memes sobre pole.



Fonte: Instagram Taka Juliette.

Vitória faz questão de postar sempre suas fotos e vídeos. Normalmente tira uma foto no espelho quando chega e já coloca em seu instagram e na saída já posta alguma tirada em aula. Quase sempre usa aplicativos em seu celular para procurar um filtro ou luz que a destaque. É a única aluna que já ouvi falar abertamente sobre usar photoshop para “tirar as imperfeições”. Mesmo sendo uma mulher considerada padrão, é muito exigente para que suas fotos postadas não mostrem nenhum aspecto do seu corpo que não goste.

Mesmo que as outras meninas não falem abertamente sobre correções nas imagens, não significa que não tenham suas técnicas. Tirar várias fotos para escolher aquela que mais

se aproxime do desejado é uma delas. Em março de 2023, após uma aula recebi as minhas fotos tiradas pelo celular de Flora, nossa colega com o melhor celular e que normalmente empresta para fotos. Assustei-me ao ver que eram 89 imagens, tiradas em menos de 15 minutos.

Sendo colega de Vitória já me acostumei com sua paixão pelas fotos. Seguidamente levo imagens para referência, movimentos realizados e postados por outras pole dancers para reproduzirmos em nossas fotos. Já é comum que, ao me ver, ela logo pergunte se trouxe algo. Vitória não é a única a se preocupar com isso. Dia de pole é dia de foto e atualização das redes.

Annelise Gonçalves (2017) ao buscar entender as relações entre corpo, gênero e cidade a partir da experiência de praticantes de pole dance, destaca essa forte relação entre pole dance e fotografia em sua pesquisa “Viva o matriarcado pole dance”: uma etnografia das relações entre corpo, gênero e cidade na prática do pole dance”, conectando-a com a mudança de percepção das mulheres sobre seus corpos. A autora defende que a fotografia faz parte, ainda, da construção do “ser pole dancer”:

(...) passa a ser uma das características que imbuídas de significado, se tornam algo identitário. Nesse sentido, é válido observar que quanto mais imersa uma pessoa estiver nesse mundo, mais fotos e mais vídeos serão produzidos e postados. Existe uma preocupação com o cenário, o movimento, o ângulo, é uma performance. Independentemente de participarem ou não de campeonatos, ou mesmo fazerem apresentações, as praticantes de pole dance utilizam o espaço virtual para performar (2017, p. 23)

Annelise Gonçalves (2017) pontua, entretanto, que não se pode criar a ideia de que a foto é o objetivo final, mas que é preciso enxergar todo o contexto envolvido sem nunca deixar escapar que a foto “dialoga com todas as etapas rituais de treino e sacrifício (2017, p. 23)”.

A fundadora do Valente Pole Dance, ao contar um pouco de sua trajetória na modalidade, também chega nessas questões, mostrando que são recorrentes entre as praticantes:

O processo de me enxergar no pole foi curioso porque, nas fotos, eu enxergava o meu corpo de uma forma diferente que eu enxergava sozinha na frente do espelho, por exemplo. A imagem mental que eu tinha de mim não condizia com a imagem que eu via na foto com o pole. Aos poucos eu fui vendo que o meu corpo não era feio ou cheio dos “defeitos” que eu enxergava nele e isso aumentou muito a minha autoestima.

Todo o processo vai acontecendo aos poucos. Eu lembro que eu usava as roupas mais compridinhas no começo e fui criando coragem de deixar os short mais curtos. Depois me animei a tirar a camiseta e ficar só de top, ainda assim me acostumei a usar o short hot pant bem curtinho, mas eu usava com o cós bem alto para esconder a barriga.

E por mais que eu me enxergasse mais bonita, eu sempre tive problemas em aceitar a minha gordura abdominal. Quando chegou a hora de eu ter que mostrar a

barriga para conseguir grudá-la na barra, foi estranho me enxergar no espelho pela primeira vez. Me obrigar a não usar hot pant. Mas depois percebi que esse processo aconteceu com a barriga também. Hoje em dia, uso short cós baixo bem tranquilamente se preciso usar, esteticamente não faz o meu gosto, acho lindo hot pants, mas se tiver que usar um cós mais baixinho, eu uso. Não enxergo mais problemas nisso.

A impressão que me dá nesse processo do pole é que eu aprendi a realmente ENXERGAR o meu corpo como ele é. Eu parei e OLHEI realmente para ele e me ACOSTUMEI a fazer isso. Antes disso, eu só projetava uma visão distorcida pela mídia, pelos padrões e projetava isso para o meu corpo, eu evitava me olhar sem roupa porque me achava feia. Quando eu me analisei através das fotos e do que ele é capaz de fazer, começou o processo de aceitação de mim mesma. (MAIO 2020)

Júlia de Freitas Achôa (2019), em sua monografia, que desenvolveu uma exposição multimídia sobre pole dance e a marginalização da figura feminina na modalidade, corrobora com essa ideia, destacando como a transformação autoestima feminina através da modalidade se dá de forma nítida nas redes sociais, principalmente o instagram, no qual “praticantes do pole dance são amplas consumidoras do serviço e utilizam a plataforma para compartilhar suas coreografias e movimentos. (p. 27)”.

Michelle Judith Paredes (2019) explora três dimensões da fotografia no pole em seu trabalho. Como um instrumento etnográfico que ajuda a explicar rituais e ritos, como parte da performatividade do pole e como um elemento que incide na própria atividade. Além disso, reforça como essas imagens ajudam a explicar os processos que as e os praticantes da modalidade passam ao longo do tempo:

As figuras e transições captadas na imagem são o resumo de horas, dias, meses e até anos de esforço; da soma de capacidades que se adquirem nessa repetição, passando pelo estado mental e corporal porque "por trás de cada foto se tem o seu respectivo sacrifício, o seu treino, a sua dor" (p.53, tradução nossa)<sup>6</sup>

Isis Leal (2014) mostra como a evolução na modalidade está atrelada às imagens:

Essa evolução é sempre motivo de orgulho das pole dancers, inclusive é comum elas terem no facebook fotos mais antigas e mais recentes para mostrar sua evolução. Algumas vezes fazem montagens, nas quais juntam lado a lado fotos de um mesmo movimento em diferentes épocas de sua trajetória para mostrar o quanto evoluíram. Essa satisfação parece estar relacionada a essa representação corporal de uma pole dancer (2014, p. 7)

Os ângulos também são um fator importante, tanto pela beleza da imagem, quanto para mostrar que a figura feita está correta. Em 2019, foi contratada uma fotógrafa profissional para fazer alguns ensaios com alunas que tivessem interesse. Apesar da profissional fazer imagens de qualidade, muito se comentou que as fotos de acrobacias não

---

<sup>6</sup>Las figuras y transiciones captadas en imagen son el resumen de horas, días, meses y hasta años de esfuerzo; de la suma de capacidades que se van adquiriendo en esa repetición, atravesando el estado mental y corporal porque “detrás de cada foto si ha habido su respectivo sacrificio, su entrenamiento, su dolor” (2019, p.53)

havia ficado boas o suficiente, pois ela não havia entendido “a linguagem do pole dance”, focando em ângulos errados.

Annelise Gonçalves (2017) também encontra esse tipo de lógica em seu campo e explica como o conhecimento sobre o “desenho” do movimento e seus ângulos é algo fundamental nas imagens da modalidade:

Cada movimento tem um desenho, a criação de uma imagem, cujo contorno e forma fazem toda diferença para a sua observação e apreensão estética. Também há o desenho que o corpo faz ao entrar em um movimento, onde cada linha conta. Um problema muito comum, que várias pessoas já fizeram críticas, é a incapacidade de fotógrafos que nunca trabalharam com fotografias de pole dance de produzirem um bom ensaio. Quando é este o caso, é recomendado que se converse com o profissional antes e mostre fotos dos movimentos que se pretende executar, e também, explique onde é preciso que se posicione para captar a foto. (2017, p. 25)

As fotos, entretanto, mostram uma parte muito pequena do que significa a aula. E, na maioria das vezes, a parte ideal. Aquela em que se consegue realizar um movimento de uma forma certa e/ou bonita. O que não se vê são as tentativas falhas, as caras de sofrimento, a ajuda da professora para chegar no movimento ou ainda os pequenos truques, como gravar a execução e “printar” depois o momento perfeito, porque não se consegue ficar por tempo suficiente na pose para tirar uma foto. Isso não significa que as fotos contem uma mentira. Elas mostram um recorte, aquele escolhido para representar algo.

Ainda podemos aqui dialogar com a proposta de Manuela Salazar (2017) que também encontrou em sua pesquisa a necessidade de exibir estados emocionais, quase sempre positivos, no Instagram:

Pelo conteúdo geral que analisamos na rede visual Instagram, de fato, a demonstração de felicidade, de vida cercada por belezas é um fator essencial dessa sociedade. Em nosso elogio da superficialidade, a vida transparece em seus “melhores” momentos, os mais fotogênicos... os mais instagramáveis. (2017, p. 114)

A autora encontrou nessas imagens aproximação da fotografia com o design, na preocupação com a elaboração de cenas, com uma “direção de arte” funcionando por trás delas. Mariana Musse (2016) também destaca essa nova relação de “exibição de si” realizada através das redes sociais, evidenciando como a imagem dos sujeitos passou a ser pensada e trabalhada de uma forma não natural.

No Valente, as fotos tiradas hoje diferem daquelas no início do estúdio. Atualmente, há todo um aparato de luzes coloridas e canhões de luz. Há ainda as barras preferidas, a que fica em frente ao janelão e mostra as plantas e aquela próxima aos canhões de luz, que ainda pode projetar as sombras da pole dancer na parede.

Na hora das fotos, enquanto algumas colegas puxam seus celulares e fazem as imagens, outras se preocupam em “limpar” o cenário, tirando os recipientes de álcool e as toalhinhas usadas para limpar as barras, além de meias ou algumas roupas que ficam espalhadas ao longo da aula. Uma câmera apontada modifica não só esse cenário, mas a atitude da pole dancer, algo notado por todas.

“O que uma câmera não faz” costuma dizer Vanessa. Mesmo no fim da aula, com o corpo cansado e dolorido, é comum que as travas aprendidas em aula sejam repetidas e as polerinas permaneçam nelas por mais tempo, inclusive, do que conseguiram ficar durante a aula, somente para a produção da imagem “perfeita”.

Entretanto, também há o inverso. Em menor número que as “fotos perfeitas” mas que já mostram as tentativas frustradas, os momentos engraçados, principalmente em forma de vídeo, que depois viram motivo de comentário e risos entre as polerinas. Vanessa fala sobre esse tipo de postagem e da importância de fugir dessa cobrança de perfeição:

Eu queria ser impecável porque eu sou instrutora e, na minha cabeça, instrutoras devem ter movimentações "perfeitas" que não existem para o meu corpo.

Durante a pandemia, aconteceu um movimento nas redes sociais das pole dancers compartilhando os anseios que cada uma enfrenta no dia-a-dia. Eu vi mulheres que eu acho I-N-C-R-Í-V-E-I-S dizendo que fazem horas e horas de terapia porque não se acham boas o suficiente no que fazem. E aí eu me perguntei...por que somos assim?

Ver que isso acontece com todas, me fez questionar muito quem eu sou nas redes sociais e quem eu sou para as alunas. Comecei a postar meus treinos sem conseguir fazer as coisas, mostrar vídeos e fotos com antes e depois, mostrar que não é fácil para ninguém. Pole dance o que tem de maravilhoso, tem de desafiador. (ABRIL 2022)

Para Daniel Miller e coautores (2019) isso não é uma novidade:

Embora haja uma percepção popular de que a ascensão da expressão individual on-line criou um relacionamento mais artificializado, ou excessivamente construído, como Sherry Turkle ressalta em seus escritos anteriores, os seres humanos sempre viveram, de fato, dentro de papéis e frames. Podemos pensar em postagens on-line como curadorias realizadas para um determinado público, mas também devemos notar que, pelo menos desde o tempo de Erving Goffman, os acadêmicos entendem que os indivíduos estão sempre construindo, executando e apresentando-se conscientemente de formas particulares. (2019, p. 176)

O vestuário, a maquiagem, a fala e outras formas de expressão também são construídos a fim de moldar as impressões de outros. E essas impressões desejadas estão fortemente relacionadas ao contexto histórico- social particular, às normas que as sociedades impõem acerca do que é considerado adequado ou não. Algo que, segundo os autores, é um ponto chave para compreendermos a produção dessas imagens.

Nesse sentido, é importante pensar a forma como os corpos que não se adequam à norma padrão de beleza, focado na branquitude e magreza, usam essas mídias para performar

formas de resistência. Segundo Marcelle da Silva e Agnes Arruda (2021), podemos pensar as imagens dessas mulheres gordas nessa rede social como performances:

as composições imagéticas e textuais que são nomeadas de performances, nos provocam no sentido de pensarmos formas outras de representação e de existência e de resistência daqueles corpos que são tratados como doentes, feios, fracassados e distantes do ideal de feminilidade propagado também pela mídia hegemônica na cultura em que vivemos. (2021, p. 226)

As autoras consideram como performance um modo de posicionar o corpo e sua autorrepresentação para além daquilo visto em um primeiro olhar, buscando outras representações. Elas destacam a importância dessas imagens não esconderem o corpo gordo e dessas mulheres não sentirem a necessidade de esconderem suas marcas, estrias, seus corpos do jeito que são. Ao reinventarem seus corpos postando fotos no Instagram, elas rompem com o apagamento midiático que é imposto aos corpos não padrão.

As fotos de alunas gordas são vistas facilmente dentro do pole. No Instagram do Valente são frequentemente compartilhadas. No pole, todos os corpos são instagramáveis.

## 6.2 UMA AUTOBIOGRAFIA DANÇADA – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA E EXPLORATÓRIA VISUAL

As imagens aqui mostram, mas não são passivas. Elas também modificam. Ao longo de mais de quatro anos elas ajudaram a construir um corpo, um corpo de um sujeito pole dancer. O corpo de alguém que hoje sabe se posicionar, sabe usar os ângulos, as luzes e os movimentos a seu favor. E sabe, muito mais que quatro anos atrás, quando iniciava em uma aula experimental, o que essas imagens significam.

Ao aceitar esse desafio de encarar a minha própria trajetória através das imagens como motivadora desse capítulo, me deparei com memórias há tempos guardadas. Desde a primeira vez que pisei no estúdio, na época improvisado na sala de Vanessa, em 29 de agosto de 2018, até hoje, muito se modificou na forma como encaro a modalidade e a mim mesma. E talvez as fotos, companheiras inseparáveis desde aquela primeira aula, possam dar conta de mostrar um pouco disso, ao serem revividas nesse momento de escrita:

Quando a reencontrarmos, dez ou mil anos mais tarde, quando ela se rerepresentará a outros olhares — longe do momento inaugural que a tinha feito nascer antes de levantar voo —, a imagem não será mais a mesma. Sob outra forma, carregará, no entanto, a memória de um passado que a atualizará e ritualizará novamente. Na realidade, ela não tinha sido apagada. Pelo contrário, arde novamente. Sua chama reavivada, ao lado de outras cinzas — que são partes dela ou lembranças de outras imagens —, queimará no imaginário humano e abrirá a outras cintilações e a outros reflexos, novas sombras e luzes. As imagens estão sempre de viagem, de passagem: sempre elas pensam. (Saman, p. 93)

Para Fabiana Bruno (2012) as fotografias são todas portadoras de “movimento”, de “tempo”, “de memória” e “esquecimento”. Elas são pensamentos e nossos cérebros são suas telas, sempre fugitivas. Aqui no processo tanto de escolha dessas imagens quanto da escrita fui levada a lugares, que aos poucos foram preenchidos por lembranças que conseguirão apenas se aproximar daquele instante, pois são trechos que minha tela, ao vê-las, resolveu pintar.

Entretanto, valorizamos essa incompletude. Como nos ensina Sylvia Caiuby Novaes (2021) nem a fotografia nem a etnografia abarcam tudo, são sempre fragmentos que recortam algo “num mergulho que é, ao mesmo tempo, sensível e inteligível. Isso só pode significar um ganho para nós. É o silêncio eloquente das imagens que podemos levar para nossa disciplina, com tudo que, a seu modo, as fotografias têm a dizer. (p. 9)”.

Isso que está inscrito em minha memória corporal irá trazer à tona aspectos dessa leitura que me proponho a fazer das imagens abaixo. As memórias da dor, que ainda parecem estar marcadas em mim quando olho as imagens, das frustrações, das alegrias e conquistas irão aparecer a partir das experiências que surgiram no momento de produção dessas imagens e agora, anos mais tarde, quando as olho, quem fala sobre elas são essas memórias que prevaleceram diante de outras que aqui poderiam surgir. Essas imagens produzem sentidos sobre os elementos que encontrei até agora nesta tese. Olhando para minhas imagens, a partir desse olhar autobiográfico, pude encontrar recorrências desses elementos que estão nos discursos e nas imagens de minhas interlocutoras.

Figura 42 - Primeiras aulas de pole dance.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (2021)



Em um primeiro momento, prevalecia a ideia de conseguir fazer algo, de produzir algo que pudesse ser transformado em visível, compartilhável. Ideia essa, que ao longo do tempo, também trouxe momentos de frustração, de uma cobrança que parecia impor a toda aula que conseguisse se realizar algo diferente da anterior. Essa imagem remonta ainda as primeiras aulas realizadas em 2018. As mãos, agarradas com muito mais força na barra do que o exigido, mostravam a insegurança e o medo presente naqueles primeiros momentos de contato com a modalidade, assim como a altura, com os pés quase tocando o chão, de quem não conseguia nem sequer subir um pouco no pole.

Entretanto, para um observador menos acostumado com esses detalhes, poderia parecer o contrário disso. E várias imagens de pole, passarão essa impressão de facilidade e segurança. Construídas e estimuladas para que sejam dessa forma. “Disfarça essa cara de dor”, “Sorri”, seriam comandos facilmente escutados durante as aulas.

Figura 43 - Primeiras experiências de cabeça para baixo.

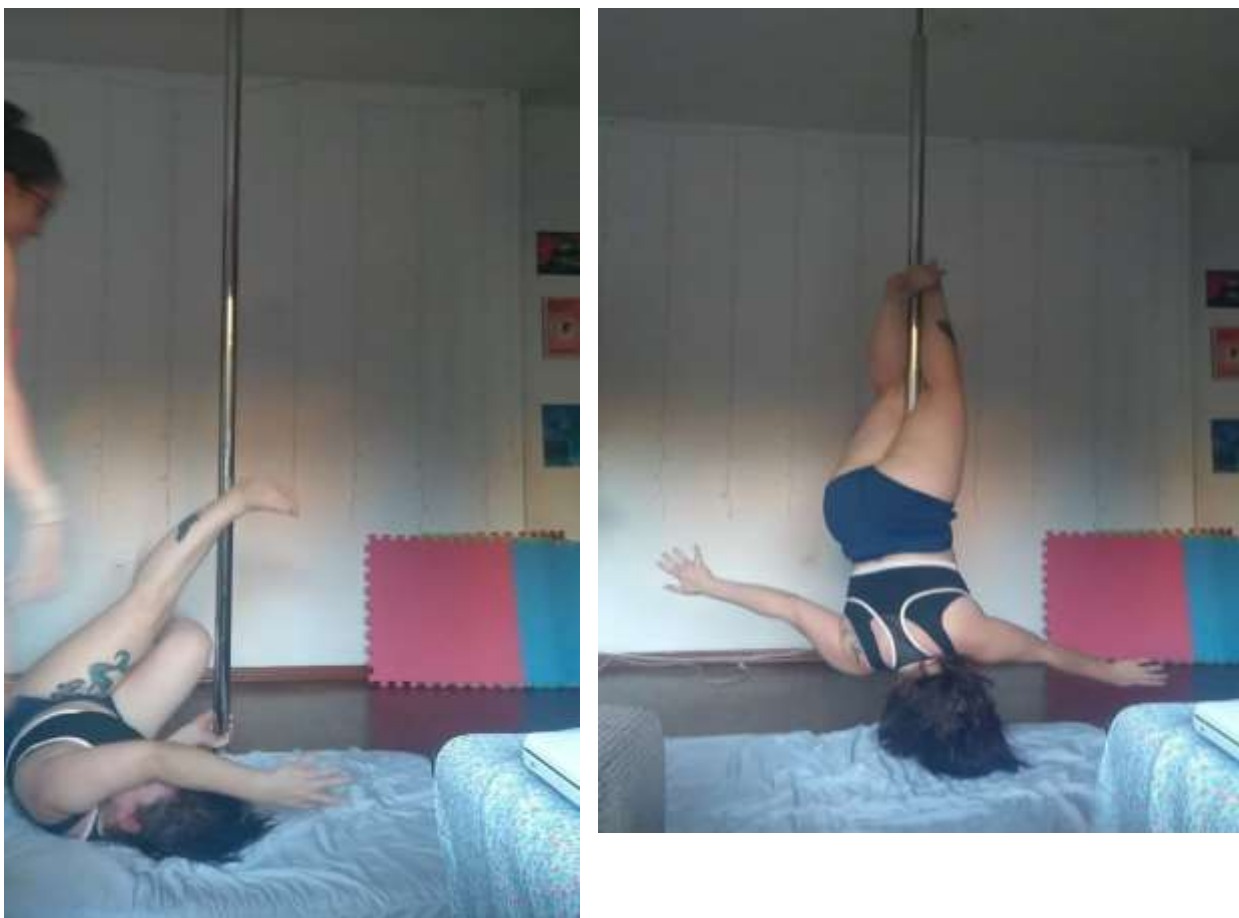


O olhar da Julia naquele 05 de novembro de 2018, menos de três meses depois de ter iniciado no pole dance e em suas primeiras tentativas de ficar pendurada de cabeça para baixo, ainda que em uma altura pequena, corre para sua instrutora, que lhe dá todo o suporte físico e tenta também dar o apoio psicológico necessário para a execução do movimento. Mas

naquele mesmo dia, a foto que é postada na rede social é a da direita. O movimento que se chama “trava 4” por fazer o corpo parecer um número quatro quanto feito, realizado sem ajuda.

Tudo é novo e parece impossível. Em 21 de novembro de 2018 sou apresentada pela primeira vez a travas que exigem inversão. Ou seja, exigem que o corpo “vire” de cabeça para baixo na barra antes dos movimentos serem realizados.

Figura 44- Primeiras inversões.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em um primeiro momento, ainda no início da metodologia do estúdio, e na sala improvisada de Vanessa, é colocado um colchão para proteção em movimentos que envolvem maior risco. O que é mostrado na imagem, o crucifixo invertido, exige que o corpo seja sustentado de cabeça para baixo apenas com a força das pernas contra a barra, para que as mãos sejam liberadas a fim de formar uma imagem próxima de um crucifixo invertido. Antes disso acontecer, a instrutora ajuda o corpo a ficar nessa posição, ainda mais em alunas que recém estão começando e não conseguem realizar isso sozinhas, como o meu caso no momento da imagem.

Nessa aula em específico, lembro-me de postar muitas imagens nas redes sociais. Procurava sempre gravar a totalidade da aula com o meu celular para depois poder “tirar prints” dos melhores momentos – o que normalmente considerava quando conseguia realizar os movimentos. Entretanto, recorro de fazer diferente nesse dia, postando várias imagens de quedas, risos e poses nos stories do Instagram, longe daquela sexualidade entendida como inerente ao pole. Hoje, ao retornar para essas imagens sou levada de novo aos risos, tropeços, suor e quedas e a um crucifixo invertido torto, que só minha mente de hoje consegue enxergar assim.

Entretanto, por mais que gostasse de compartilhar esses momentos de erros e bastidores das aulas, isso só aparecia nos stories, seguindo aquela lógica comum do Instagram de que o feed, lugar das fotos permanentes, é para imagens bonitas, que serão vistas a qualquer momento. Assim sendo, fotos como a abaixo, que demonstram dor, e são facilmente encontradas nas aulas de pole, não tinham espaço nesse local ficando, em sua maior parte, apenas como lembranças nos arquivos de fotos do celular.

Figura 45 -A dor da prática.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Essa foto de 5 de dezembro de 2018 (Figura 45), mostra, de forma clara, a dor. Dor está presente em quase todos os movimentos do pole, tanto pela força exigida de músculos que muitas vezes não são estimulados no dia a dia, quanto pelo atrito da pele com a barra, que

é necessária para que os movimentos se realizem. Nessa foto, nessa pose que viria a se tornar uma figura ou talvez tenha sido tirada após ela, é exigido esse atrito e essa força da perna contra a barra, machucando. A dor é encarada como parte do processo, e nos acompanha nos roxos da pele, nas assaduras, nos músculos cansados, nas torções de pulso, nas batidas e em tantos outros momentos. O corpo da pole dancer continua sendo um corpo polerino mesmo longe da barra. Essa dor, que faz com que os músculos da face se contraíam não impede o retorno à aula, a nova tentativa do movimento ou figura ou a permanência dela em um período quase que insustentável para que a foto possa ser tirada.

Mas essa dor vem com torcidas, risos, aplausos, fofocas. Com o ambiente que propicia as mais diversas trocas (Figura 46). As imagens abaixo são, respectivamente, de novembro de 2018 e abril de 2019.

Figura 46 -Companheirismo durante as aulas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

E enquanto escrevo essas palavras, lembro das companheiras de aula com quem pude conviver, que foram sendo alteradas ao longo do tempo, de suas histórias, de como

compartilhamos coisas tão pessoais e bonitas. Hoje, mesmo que isso não seja vivenciado nas aulas, permanece algo, principalmente através das redes sociais. É no Instagram que acompanhamos os rumos daquelas que se afastaram, os progressos daquelas que permaneceram no pole e, inclusive hoje, tem seus próprios estúdios e alunas.

Figura 47 - Orgulho LGBTQIA+ no pole.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Vanessa sempre se declarou feminista. Como tal, sua preocupação política com as minorias sempre foi algo que deixou explícito. Em junho de 2019, aproveitando o mês do Orgulho LGBTQIA+, advindo da lembrança da Rebelião de Stonewall ocorrida em 1969 neste mês nos Estados Unidos, comprou e deixou à mostra uma bandeira LGBTQIA+ para que suas alunas, que se sentissem à vontade, pudessem tirar fotos com ela na barra.

Na época ficou triste porque queria ter adquirido uma bandeira bi e trans também, mas não encontrou na cidade. Nesta aula, lembro de analisarmos várias poses para a foto, priorizando aquelas que mostrassem a bandeira o mais aberta possível e que não fossem tão fáceis, já que sempre gostei de mostrar que era boa na parte acrobática (Figura 47). Além de

mim, outras 4 fotos de mulheres na barra com a bandeira foram postadas no Instagram do estúdio. Mas, além dessas que foram para o Instagram, outras mulheres também aproveitaram para registrar o momento, postando em seus perfis pessoais ou apenas guardando como recordação.

Nem todas as meninas das fotos se identificam como LGBTQIA+, entretanto, ao longo desses mais de 4 anos na modalidade, tive várias colegas que se identificavam dentro desse espectro, principalmente bissexuais, o que parece indicar que o Valente é visto como um ambiente seguro para esse grupo.

Figura 48 -Scorpion, julho de 2019.



Arquivo pessoal da autora.

O Scorpion (Figura 48) é uma das figuras que, junto com inverter sozinha, marca a transição para o pole 2. Uma das primeiras ensinadas pela instrutora Vanessa quando se tem maior controle sobre a inversão, o “ficar de cabeça para baixo”. Lembro de quando vi essa foto pela primeira vez. O Scorpion é um movimento esteticamente muito bonito, que desenha e destaca as linhas do corpo. Em suas primeiras tentativas ele machuca bastante a parte do quadril que faz um encaixe na barra, mas mesmo assim, nessa imagem, uma dessas primeiras tentativas, não vejo nem trago as memórias da dor. Trago ainda vivas aquelas que falam do orgulho e da superação de, mais uma vez, conseguir realizar algo que até pouco tempo parecia impossível. Das maravilhas que o corpo nos mostra a cada aula no pole e as fotos ajudam a demarcar.

Interessante demarcar também, através das imagens já apresentadas como as roupas passaram também por um processo ao longo do tempo. Esse short listrado, que aparece em várias imagens, foi a primeira roupa exclusiva de pole dance que adquiri. Comprei de uma marca conhecida por fabricar roupas de pole através de uma encomenda feita pela instrutora na época. O short, se comparado àqueles usados tanto por mim quanto pela maioria das outras garotas do pole dance, era grande, tapando a maior parte da bunda.

Hoje eu, assim como a maioria das interlocutoras, temos várias roupas de pole. O estúdio, inclusive, fabrica de tempos em tempos, através de uma marca própria, roupas e disponibiliza para venda, trazendo modelagens específicas que se adaptam aos diferentes corpos.

Buscando as imagens que comporiam essa narrativa, fiquei impressionada com o tempo que levei para registrar e postar algo que destacasse o aspecto da sensualidade dentro do pole. Apenas em maio de 2019 postei a primeira foto com uma pose considerada “sensual” (Figura 49). A partir desse momento, acho importante demarcar, notei também um aumento em fotos desse estilo em meus próprios arquivos, mostrando como o pole dance mexeu de alguma forma com a minha percepção sobre esse tipo de imagem, assim como do meu olhar sobre mim e meu corpo nesse tipo de situação. Não significa que esse aspecto não estivesse presente nas aulas. As coreografias eram comuns em um primeiro momento, pois a própria instrutora estava aprendendo e evoluindo dentro da modalidade e não conhecia tantos movimentos – figuras – para passar em aula.

Figura 49 – O sensual no pole.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 50 -O sensual no pole.



A figura 50 já mostra um vestuário mais próximo do usado atualmente, assim como uma preocupação maior com o ângulo e qualidade da foto. O celular parece estar em uma posição específica em relação ao chão para valorizar o movimento. Movimento esse que exigia muito em um primeiro momento, por demandar uma força no antebraço para levantar as pernas que ainda não se tinha. A concentração e a seriedade no rosto evidenciam esse esforço que imagino que tenha durado bem menos de um segundo, apenas o suficiente para ser capturado.

Figura 51 - 8 de março.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Os cabelos ao vento e essa sensação de liberdade que parece transparecer no rosto (Figura 51), demarcam bem esse dia. Essa foto faz parte daquelas tiradas no evento do 8 de março, ocasião em que um grupo de mulheres apropriou-se dos espaços públicos para praticar sua arte. Por mais que as placas de trânsito e postes de luz não ajudassem na hora de realizar as figuras, todas saíram com alguma imagem, de iniciantes a veteranas, que invadiram as redes sociais nos dias seguintes.

Figura 52 - Halloween



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A figura 52, de outubro de 2020, foi realizada no primeiro Halloween do estúdio. Evento que acabou se tornando uma marca do Valente Pole Dance, na qual ensaiamos e gravamos uma coreografia de Halloween fantasiadas. Em 2020, ainda na pandemia, as máscaras viraram acessórios das fantasias, já que a obrigatoriedade de seu uso ainda existia. Nesse ano, resolvi ir de Pennywise, o famoso palhaço assassino de *It*, do autor Stephen King. Nos outros anos seria Reagan de “O Exorcista” e o temível assassino dos sonhos Freddy Krueger.

Descrevo assim, porque essa performance para mim está intimamente ligada com esse “internalizar” do personagem escolhido, assim como para muitas das outras interlocutoras. Nesse dia, não era a Julia que dançava, talvez pela primeira vez se divertindo (pois dançar

sempre foi a coisa que menos gostei de fazer no pole dance) mas sim o Pennywise. Os movimentos assustadores, os olhares e demais detalhes foram pensados para que essa fosse a ideia final para quem assistisse.

Figura 53 - Nova sede do estúdio.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No início de 2020, conhecemos a primeira sala comercial alugada especificamente para funcionar o Valente Pole Dance. Saindo da casa de Vanessa, na qual o pole era realizado de uma maneira improvisada em meio a seus móveis e gatos, fomos recebidas por uma estrutura muito mais profissional e impressionantes barras de 4 metros.

A imagem que trago foi de uma das primeiras vezes que subi até o topo de uma delas. O orgulho de conseguir escalar tão alto merecia uma imagem, pensada em um ângulo visto de baixo justamente para valorizar o esforço. Olhar para baixo é como observar todo o processo percorrido, toda a evolução, superação, ao mesmo tempo que, nesse novo lugar, também é

observar toda a evolução desde a sala de Vanessa até um local em uma parte central da cidade. Entender a evolução do Valente conectada com a nossa evolução como pole dancer.

Essa conexão, criada com o pole, o estúdio e entre as alunas ajuda a explicar a comoção criada em cada uma das conquistas do estúdio. Quando o Valente mudou-se dessa primeira sala comercial e inaugurou, em outubro de 2021, o seu “palácio das Queens”, com uma estrutura ainda mais profissional e em um espaço nobre na cidade, várias alunas se emocionaram. Ao entrar pela primeira vez nele, gravando pois queria postar um stories no Instagram mostrando esse momento, fui uma das que se emocionou ao relembrar toda a trajetória de crescimento que pude acompanhar de perto.

Figura 54 - Pole dance na pandemia.



Fonte Arquivo pessoal da autora.

Depois de três meses fechado em virtude da pandemia, o estúdio reabriu em junho de 2020. Vanessa instituiu uma série de protocolos que deveriam ser respeitados. Houve até uma menina desligada do estúdio por estar participando de aglomerações no período. Todos esses cuidados foram validados por uma polerina do estúdio, da área da saúde, que tranquilizou

Vanessa sobre as formas de retornar com mais segurança através das exigências de máscara e limpeza constante.

Em um primeiro momento, muitas optaram por não retornar, devido ao medo da pandemia. Aquelas que retornaram tiveram que se adaptar a toda essa nova lógica, que incluía o uso da máscara durante toda a aula. Além da falta de condicionamento de meses paradas, o esforço de respirar com a máscara fazia tudo muito mais difícil.

Usando minha máscara de sereia, especialmente encomendada para ser minha companheira nas aulas de pole - quando ainda não tínhamos total conhecimento da maior proteção com as máscaras cirúrgicas ou PFF2 – senti muita dificuldade nesse retorno. A trava da foto, extremamente básica, foi uma das únicas coisas que consegui realizar em um primeiro momento. Brincávamos seguidamente que se conseguíamos fazer pole dance com a máscara, imagina como estaríamos boas quando pudéssemos tirá-las.

As máscaras foram símbolo desse processo durante a pandemia. Não havia mais batom ou maquiagem. A preocupação com a demonstração de expressões de dor nas fotos não existia mais. Quando o seu uso foi liberado, foi engraçado notar que muitas de nós não nos conhecíamos sem o acessório. Além disso, o cuidado com as fotos teve que ser redobrado, porque nada mais existia para esconder as caras feias nos movimentos doloridos. Costumava brincar com minhas colegas que sempre tentei “manter o carão” mesmo com a máscara, pois além dos olhos mostrarem a dor, isso facilitaria minha vida mais tarde.

Figura 55 -#sundaybumday.



Fonte Arquivo pessoal da autora.

O #sundaybumday (Figura 55) é uma hashtag usada popularmente nas redes sociais para fotos em que o bumbum aparece em evidência. Sua origem é de uma dançarina de pole dance na Austrália, mas agora seu uso é disseminado em vários países. Conheci o termo em 2020, através de uma postagem no instagram e a partir daí tenho frequentemente postado fotos nesse estilo aos domingos. Nas aulas, é comum que eu e outras colegas peçamos para que seja tirada um “bumday”, que nesse contexto significa uma foto que valorize o bumbum. A maioria delas já pensando na postagem de domingo.

Figura 56 -A foto da foto.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A “foto da foto”(Figura 56) é bem representativa de tudo que venho falado ao longo desta tese e por isso a escolhi para encerrar essa narrativa. Nesse dia em específico, ao conseguir fazer um movimento que nunca havia feito, pedi para a colega que estava mais próxima do celular registrá-lo. A colega de trás, no mesmo instante, fazia o mesmo. E várias

são as fotos que acontecem assim, de forma espontânea, ao menor sinal de um movimento realizado.

E tudo isso também me leva a pensar como em meio a posições difíceis de serem mantidas, com mãos nervosas e suadas escorregando e dores nada fáceis de suportar, a preocupação está no registro, na imagem. Em uma foto que fale para aqueles que a verão sobre a potência do corpo, sobre a beleza que se encontra no movimento – ou mesmo em uma pose qualquer que destaque algo que considero bonito em mim. A importância dessa imagem é algo que parece crescer a cada momento que é escrito neste texto e que me deparo olhando as milhares de fotos de mais de 4 anos de prática que mostram uma Julia que quase não se reconhece mais quando olha o início desse processo.

### 6.3 ANÁLISE DO INSTAGRAM DA VALENTE

O Valente Pole Dance sempre se preocupou com as imagens produzidas. No facebook, quando Vanessa divulgava as aulas, que na época ainda aconteciam de forma improvisada em sua casa, as postagens sempre traziam imagens. Naquela época, fotos da instrutora praticando a modalidade. As alunas do estúdio que, assim como eu, iniciaram nessa época, falam que isso foi um fator importante para que fossem atraídas e buscassem mais informações sobre o pole dance.

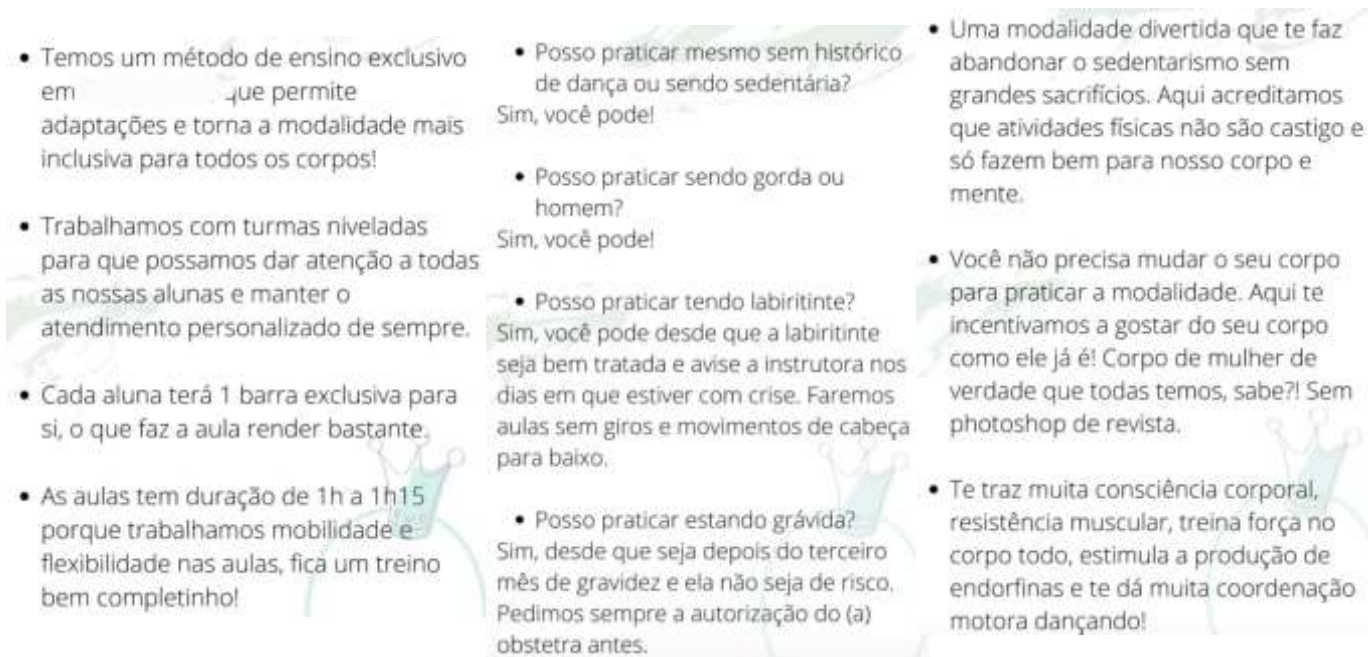
O fato de a fundadora ser da área da comunicação fez com que esse olhar diferente sobre as imagens se destacasse desde o início. Com o tempo, e imersa cada vez mais dentro do Pole Dance, Vanessa percebeu que a presença das imagens ocupava um papel central também dentro das aulas e se preocupou em adquirir materiais para construir um ambiente cada vez melhor para elas, como efeitos de iluminação e materiais como celulares e tripés. A própria escolha do lugar que seria o novo estúdio partiu da vontade que sempre teve em ter uma janela grande com luz natural para que as fotos ficassem ainda mais bonitas.

O instagram é, atualmente, o principal meio pelo qual as pessoas conhecem o estúdio. A partir dele, pode-se entrar em contato por whatsapp ou ainda marcar uma aula ou tirar dúvidas pela própria plataforma. Em abril de 2023, o perfil contava com 2.966 seguidoras e seguidores, 798 publicações e seguia 320 outros perfis.

Nos destaques, há a aba “Planos”, que tira dúvidas acerca das possibilidades oferecidas pelo estúdio para o pagamento de mensalidades e número de aulas na semana,

A aba “Sobre as aulas” (Figura 57) traz informações importantes sobre como o estúdio tenta passar sua imagem para o público externo, defendendo trazer um método de ensino inclusivo, que torna a modalidade possível para todos os corpos.

Figura 57 - Destaque instagram Valente.



Fonte: Instagram do estúdio.

As principais dúvidas relacionadas à modalidade também aparecem nesse destaque. A primeira questão “Posso praticar sendo gorda ou homem?” dialoga com alguns dos pontos relacionados a essa tese, mostrando como o estereótipo criado em relação ao pole dance, visto como uma dança sensual de mulheres padrão, aparece como uma das principais questões daqueles que estão interessados na modalidade.

Outro ponto que merece destaque nessa descrição é o que fala diretamente sobre o corpo para praticar a modalidade. Como já discutimos aqui, o corpo pole dancer é construído através de vários processos. Dessa forma, o destaque explicita que não há a necessidade de um determinado corpo para iniciar a praticar pole dance e também ressalta a importância de gostar do seu corpo como ele é, um “corpo de mulher de verdade que todas temos, sabe? Sem photoshop de revista”.

“Festival das Queens” é outra dessas abas, que trata sobre o evento que ocorreu no início de 2022 e foi o primeiro festival de Pole Dance da região. O destaque traz pequenos vídeos do próprio estúdio mostrando o ambiente pré e durante o festival e várias fotos e vídeos com marcações de quem participou ou assistiu o evento.

Também há três separações denominadas “História do Pole”, “Pole Exotic” e “Pole Contemporâneo”, nos quais a fundadora e instrutora Vanessa grava vídeos, compartilha e escreve sobre algumas das vertentes e a história da modalidade. Também encontramos nesse destaque vídeos de pole dancers de outros lugares, usados como exemplos das vertentes. Para falar da história da modalidade, ela recorre também a outras polerinas e traz curiosidades sobre, como mostra a figura 58.

Figura 58 - História da modalidade.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

Além disso, ainda há uma aba que se refere especificamente ao evento de 8 de Março, “8M”, já citado na tese. Além de vídeos curtos mostrando como foi o dia, também encontramos vídeos gravados por Vanessa depois do evento, compartilhando sua alegria em ter conseguido reunir alunas do estúdio, algo que almejava há tempos. Também diz, nesses vídeos, que recebeu vários comentários das alunas do estúdio dizendo que esse tinha sido o melhor dia das mulheres para elas por três motivos, que Vanessa pontua:



Sem contar também que várias comentaram que foi o melhor dia das mulheres que já tiveram, inclusive o meu, por três motivos: muitas mulheres reunidas, muito pole street e xingamos homens na rua.

Esse xingar pode ser entendido como uma “reparação”. Uma chance de responder aos assédios diários sem medo de sofrer violência física, pelo fato de estarem em grupo. Se a rua não é um espaço convidativo para as mulheres no dia a dia, para pole dancers vestidas com roupas curtas seria impossível pensar em tal liberdade de andar por elas sozinhas.

“Gordas no Pole” é outro destaque, que traz depoimentos de alunas gordas, alguns dos quais já citados anteriormente, e explicações da instrutora sobre como a modalidade é possível de ser praticada também por mulheres gordas. Esses vídeos, afirma Vanessa, foram inspirados no perfil Pole Gordas do Instagram que se dedica ao tema. Um post do perfil é utilizado para mostrar como as barras de pole dance suportam mulheres com peso elevado, algo que parece ser uma preocupação comum, utilizando noções de física para demonstrar isso.

As imagens postadas no instagram do estúdio variam entre fotos e vídeos produzidas pelas alunas em aula, avisos do estúdio, gravações das coreografias do mês, dentre outros. As fotos das praticantes vão de poses sensuais na barra até acrobacias, dependendo do nível e das preferências das alunas. Vanessa pontua que postar fotos das alunas é uma forma de mostrar o trabalho do estúdio sem precisar usar posts de anúncios “aqueles posts que a gente vê que é anúncio e já pula porque não aguenta mais ver propaganda”.

Além disso, Vanessa diz que essas imagens valorizam as alunas porque:

As alunas ficam felizes em aparecer no feed no estúdio. Tem várias que ficam bem felizes quando eu pergunto se me autorizam postar Pq daí pra elas é como se o movimento estivesse bonito, que elas se superaram, sabe? Eu acho bem bonitinho. (JULHO 2021)

As curtidas e comentários são realizadas principalmente por alunas do estúdio, em uma rede de apoio que também se manifesta online (Figura 59). Algumas das postagens mais comentadas são das instrutoras mostrando as coreografias, como a de 27 de maio de 2022, que mostra a instrutora Vanessa dançando uma coreografia com base em um conhecido samba, e recebeu 19 comentários e 93 curtidas.

Figura 59 -Reações no instagram do estúdio.



Fonte: Instagram estúdio Valente.

As hashtags mais utilizadas dizem respeito à modalidade como #pole, #poledance, #poledancenews, #polelovers e também ao nome do estúdio e a cidade. Também são encontrados relatos de alunas nos stories e feed, como o exemplificado abaixo, que mostra várias das relações com pole comentadas anteriormente, como as marcas trazidas pelas alunas e a construção de algo que vai além do esporte ou dança, mas que perpassa a relação consigo mesma e com os outros.

Poderia ser só mais uma foto minha biscoitando, mas eu vim aqui postar textão. As poucas pessoas que me conhecem a fundo sabem de um traço da minha personalidade que eu acredito ser bem marcante: o medo. Medo de cair, medo de me machucar, medo de errar, medo de desapontar, de não ser perfeita. Por muito tempo eu deixei de me jogar no mundo por medo. Quando criança, eu não subia em árvore porque tinha medo de cair e ralar o joelho.

Há pouco tempo, decidi fazer uma aula experimental de pole dance, depois de pegar o gosto por treinar, porque sentia um desejo forte em fazer algo mais por mim. Pensei no pole como meu maior desafio e acertei em cheio. Hoje, eu já consigo escalar a barra e quase toda terça feira eu volto pra casa com as pernas cheias de marcas por repetir muitas vezes os movimentos novos que aprendi na aula - a menina que não subia em árvore sente orgulho!

O pole, agora, vai muito além de um desafio: se tornou minha liberdade. É onde me sinto renovada. É onde mais consigo ser eu mesma. Onde eu me permito errar, mas também confiar em meu próprio corpo, sabendo que sou capaz de fazer qualquer coisa, basta querer. Eu já descobri que sou forte. Estou descobrindo aos poucos a leveza e a fluidez de me soltar do peso milimetricamente calculado. E isso tudo é possível também porque me sinto acolhida, não existem julgamentos. Não imaginei que eu fosse criar um vínculo de carinho e um sentimento tão forte de gratidão em apenas 3 meses por um estúdio de dança. Mesmo pouco conhecendo minhas colegas e as professoras, me sinto próxima de todas, e me orgulho em vê-las dançando também, cada uma compartilhando suas histórias de vida através do espelho.

Ao longo do tempo, como já citado anteriormente, isso foi ficando cada vez mais profissionalizado. A ponto de, entre conversas informais entre colegas e instrutores, surgir a comparação com outros locais da cidade que oferecem a prática e não tem essa preocupação. Em julho de 2022, em um vídeo gravado por uma aluna para ser postado no Instagram do estúdio, é perceptível como a comunicação do estúdio influencia na chegada de novas alunas:

Sou aluna da Valente há 2 anos e meio. Eu comecei no pole 1° pelas postagens que eu via no Instagram das pessoas que eu conhecia que praticavam e eu achava muito legal as poses e as travas mas além disso eu gostava muito da maneira como elas comunicavam o pole, que elas tinham uma fala de pertencimento e de como o lugar era incrível e aquilo me despertou muita curiosidade. (Julho 2022)

Além disso, parece que a ideia que o estúdio tenta passar, de um espaço de inclusão e pertencimento é recebida pelas alunas de forma positiva, mostrando como a construção dessa imagem através do Instagram é elaborada de forma eficiente.

O aspecto político, apesar de não aparecer tão frequentemente de forma direta, também tem seu espaço no Instagram da Valente. Seja em suas propostas de fotos com a bandeira LGBT, conforme demonstrado no tópico anterior ou ainda com posicionamentos sobre a necessidade de respeito às mulheres ou comentários sobre assuntos importantes envolvendo a violência contra elas.

Também na moderação de comentários e seguidores, Vanessa tenta manter uma postura de proteção com as alunas, bloqueando e excluindo aqueles homens que chegam ao Instagram com o intuito de sexualizar e assediar as alunas. Algo que já aconteceu muitas vezes, segundo ela.

Figura 60 – Posicionamento Caso Mariana Ferrer.



Fonte Instagram do estúdio Valente.

O caso Mariana Ferrer, que é citado no post (Figura 60), é sobre a promotor e influencer digital que afirmou em 2018 ter sido estuprada durante evento em que trabalhava. Durante uma das audiências em 2020, o advogado do acusado usou as fotos postadas por Mariana para tentar descredibilizá-la, tentando passar uma imagem de promíscua, dizendo inclusive que a mesma se expunha nas redes em "posições ginecológicas". O assunto repercutiu, gerando uma onda de protestos por parte do movimento feminista.

O Valente, como demonstrado na imagem acima, também se posicionou sobre o caso. O assunto foi bastante comentado no estúdio e muitas das interlocutoras sentiram-se ainda mais mexidas pensando em suas próprias fotos nas redes e como aquilo poderia ser usado também contra elas. Pelos relatos ouvidos, foi importante que o estúdio, o qual trabalha com

imagens sensuais de mulheres com pouca roupa praticando uma modalidade que ainda é vista com preconceito, se manifestasse sobre a situação.

Figura 61 - Post alusivo ao 28 de junho.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

Posts que demarcam datas importantes como o 8 de março e o 28 de junho, Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+, também apareceram no feed desde a criação do Instagram do estúdio, demonstrando esse lado politizado do estúdio, e principalmente da instrutora Vanessa, que programa e cria os posts.

Figura 62 – Príncipe Valente.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

A imagem acima pontua como os princípios de anti-racismo, anti-homofobia e anti-machismo aparecem nas redes do Valente Pole Dance, evidenciando esse aspecto político que aparece entre as interlocutoras, nas conversas durante as aulas e nos eventos realizados pelo estúdio. O Instagram do estúdio reflete fortemente essa política que, através dos comentários das alunas, é reforçada.

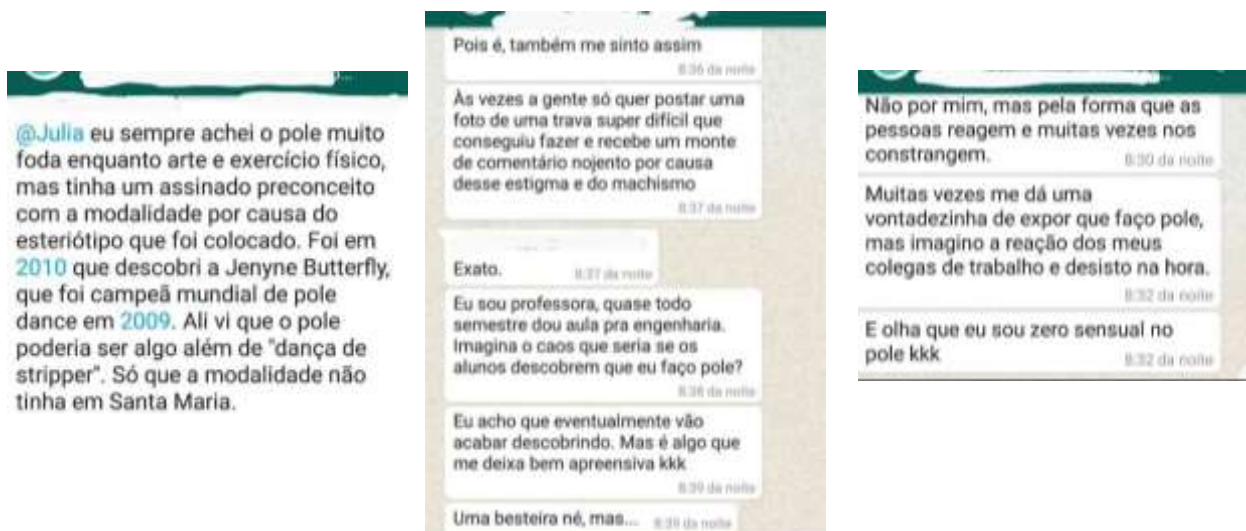
O espaço do Instagram é, assim, uma forma de se conectar com as alunas – incluindo as alunas em potencial - e isso é feito de forma eficiente através de Vanessa, que sempre pontua que sua formação em comunicação lhe ajudou muito a conquistar alunas e mantê-las. A preocupação com o texto e as imagens, como já mencionado, é evidente. A forma como o pole dance é comunicado, de uma forma que não coloca a sensualidade como seu aspecto primordial, mas não o nega, evidenciando as inúmeras possibilidades da modalidade, que irão depender do interesse das alunas, e destacando a criação dos laços entre as mulheres é, defendo aqui, o diferencial do Valente Pole Dance.

## 7 “A PRIMEIRA COISA QUE AS PESSOAS PENSAM QUANDO FALO SOBRE FAZER POLE DANCE É UMA GORDA STRIPPER”: AS RELAÇÕES ENTRE POLE, GÊNERO E SEXUALIDADE

### 7.1 OPRESSÃO E EMPODERAMENTO NO POLE DANCE

Outra questão que também está muito relacionada à corporalidade e imagem é a sexualidade, um dos grandes debates dentro do pole dance. Popularizada em casas noturnas e apresentações de strippers, o pole dance ainda carrega o estigma de ser algo indecente, não praticado por “mulheres direitas”. Essa visão é responsável por afastar algumas pessoas da modalidade ou ainda fazer com que tenham receio de dizer para outros que a estão praticando, como constatado no relato de alunas do estúdio de minha pesquisa:

Figura 63 - Relatos colhidos em maio de 2020.



Fonte: Grupo do Whatsapp do estúdio.

Associações esportivas de pole dance tentam dissociar a modalidade completamente dessa questão, promovendo eventos ligados apenas a parte esportiva e proibindo o uso de roupas muito curtas e saltos. Alguns estúdios também seguem essa lógica, entretanto, há uma parcela crítica a isso, por considerar que esse discurso moralizador retira uma parte essencial no pole dance, além de estigmatizar e querer passar uma visão de que existe um pole dance certo.

Em julho de 2019, uma polêmica envolvendo a ocultação de fotos e perfis relacionadas ao pole dance na rede social Instagram acendeu o debate entre as praticantes da modalidade. O banimento ocorreu em fotos e perfis que utilizaram uma série de hashtags relacionadas ao pole como #poledancer e #polemaniabr. Ao tentar acessar fotos com essas marcações, a rede social informava, através de diferentes formas, que isso violava os termos da comunidade.

As praticantes da modalidade argumentaram que, além de reduzir o pole dance ao aspecto sensual, esses banimentos apenas ocorreram em fotos postadas por mulheres, mostrando a diferença no tratamento entre os gêneros praticantes do pole. E destacando como isso se alia a hipersexualização das mulheres em nossa sociedade.

Amy P. Cadwallader (2017), ao analisar as implicações de levar o pole dance para a dança de concerto, traz o debate “opressão x empoderamento”. Ela constata que há uma visão recorrente de que o pole reforça estereótipos, construindo uma feminilidade não apenas desejável, mas normativa e, com isso, afastando as mulheres da esfera pública e do feminismo. A autora se contrapõe a essa visão, argumentando que em resultados de pesquisa, as aulas de pole dance têm mais diversidade entre os participantes do que foi originalmente sugerido pela perspectiva opressiva.

Sine Nørholm Just e Sara Louise Muhr (2020) trazem contribuições a essa discussão sexualidade e pole dance. Em seu trabalho, entrevistaram instrutoras de pole dance para explorar como eles percebem e gerenciam as ambiguidades de seu trabalho, que defende o empoderamento ao mesmo tempo em que é visto como uma atividade degradante para as mulheres por muitos.

É interessante perceber a trajetória da pesquisadora Sara Louise dentro do tema. Como feminista, já tinha uma ideia preconcebida sobre o pole dance que era associada à sexualização do corpo das mulheres “tudo que eu, como feminista, era contra”, declara a autora. Entretanto, após ser levada, a contragosto, a uma festa com praticantes de pole, pôde perceber que a modalidade não pode ser vista de forma tão monolítica:

Como acadêmicas feministas, compartilhamos a preocupação de McRobbie com a forma como o discurso de empoderamento, escolha e individualização parece legitimar a sexualização (e objetificação) das mulheres ao mesmo tempo em que deslegitimam qualquer luta feminista contra tal sexualização. No entanto, nosso primeiro encontro com o pole dance tornou impossível para nós descartar o pole dance. expressões e percepções de empoderamento de instrutores de dança. Há mais no que eles fazem do que objetivação por escolha, mas isso não significa que suas práticas sejam totalmente isentas de problemas. (2020, p. 3)

O conceito de empoderamento é mencionado frequentemente pelos instrutores entrevistados pelas autoras – e aqui nessa tese, você já deve ter percebido como ele aparece

constantemente no discurso sobre pole dance – que defendem que seu trabalho empodera as mulheres, ensinando-as a (re) reivindicar e ter orgulho de sua própria sexualidade.

As autoras percebem que, nos últimos anos, o pole dance passou por uma revolução que teve como intuito afastá-lo do contexto das casas noturnas e do trabalho sexual e torná-lo mais vendável para o público em geral. Para entrar no mercado fitness, o pole dance teve que ser “limpo”, focando em aspectos como a parte atlética do pole e, para isso, até demonizando o lado sensual da modalidade.

Annelise Gonçalves (2020) aponta como na busca de uma profissionalização do pole, através de federações e campeonatos, ocorre um apagamento do lado sexual da modalidade e, com isso, um julgamento dessa forma de expressão dentro do pole:

Aponto apenas que um dos efeitos da busca por direitos através da institucionalização da prática é a marginalização de algumas pessoas que praticam um pole dance diferente do que passa a ser reconhecido como o legítimo. (...) os regulamentos dos campeonatos que são organizados determinam que não há espaço para nenhuma performance que aborda sexualidade. Ao fazer isso, não só criam e reiteram o que é o sexual como o colocam à margem, como um domínio à parte. Se para algumas mulheres essa determinação é positiva, uma vez que a confere liberdade de fazer a atividade sem o estigma da objetificação feminina e da má reputação, por outro, impossibilita a abordagem de uma temática considerada importante. (2020, sem pág.)

Sine Nørholm Just e Sara Louise Muhr (2020) defendem que ao se atrelar à figura de atividade física, separada da sexualidade, o pole dance tenta reposicionar o corpo da mulher longe do olhar público. No lugar disso, a praticante assume o controle de seu próprio corpo e agora paga para fazer o pole dance, para aprender a dançar, e não é paga para isso, revertendo a lógica clássica da transação econômica realizada no trabalho sexual.

Segundo as autoras, a modalidade pode ser entendida a partir de três figuras quanto a seu relacionamento com a sexualidade. A figura de substituição, que tenta dissociar totalmente o pole dance da sexualidade, apresentando-a através de seu lado atlética; a figura da sublimação, que pode não focar mas entende que a sexualidade pode estar a serviço desse empoderamento; e a figura da subversão, que vê a sexualidade como essencial para esse processo de empoderamento.

No Valente Pole Dance consigo visualizar, principalmente a segunda figura, da sublimação, já que o estúdio não foca na parte sensual, mas ao mesmo tempo não a demoniza ou busca dela um afastamento, considerando que o uso dela também pode trazer empoderamento. A segunda figura foca na dançarina “e seu sentimento de si mesma, sem levar em consideração qualquer outro olhar além daquele que ela encontra no espelho (2020, p. 12). Isso é perceptível dentro da realidade do Valente Pole Dance, no qual as alunas são



encorajadas a fazerem a atividade por si mesmas, independente do que a sociedade irá entender sobre isso. Praticar pole dance, segundo essa figura, torna-se um meio para as mulheres ganharem confiança e não por causa do olhar masculino.

As figuras, como apontam as autoras, não se excluem, podendo estar presentes de forma conjunta. Dessa forma, também consigo perceber a figura de subversão dentro do Valente, pois é um espaço de livre expressão da sexualidade. Não há nenhuma forma de censura quanto à vestimenta ou atitudes. Algumas das coreografias exploram esse lado sexy e até são carinhosamente chamadas de apelidos nesse sentido como “piranha dramática” e afins. Também são frequentes as menções a vadias, piranhas como forma de mostrar o quão sexy as alunas estão se sentindo no dia. Assim como a figura de subversão mostra, tenta-se fazer uma troca na qual as mulheres passam de objetos do desejo de outras pessoas para serem os próprios sujeitos de sua sexualidade.

Sobre essas questões no estúdio, a instrutora Vanessa comenta:

No pole, eu sempre trabalho a ideia de que a modalidade é para si mesma. Quando dançamos, dançamos para nós. Os elogios acontecem entre nós mulheres e odiamos quando vem homens heterossexuais, babões e sem noção, com comentários nos nossos posts porque aquela dança não é para eles.

Eu, como instrutora, não trabalho muito o pole sensual no começo das aulas porque sei que esse é um processo longo para a maioria das alunas. Eu começo com movimentos isolados, giros, acrobacias, que são mais fáceis de evoluir e de tirar fotos, de fazer esse momento de visão de si mesma. O sensual vem surgindo aos poucos e, caso alguma aluna não goste do lado sensual, ainda sim temos outras vertentes como o acrobático, o pole contemporâneo (que mistura várias danças como Dança Contemporânea, Ballet, Dança do Ventre, etc.).

A maioria das minhas aulas, quase todas na verdade, não são sensuais. Quase sempre somos um grupo de mulheres suadas, sofrendo com a pele fritando na barra e fazendo careta por causa da dor. A piada mais comum é: “pole dance é sexy, né!?” e lá estamos nós todas descabeladas, assadas e sem conseguir respirar direito por fazer tanta força. Mas eu juro que é divertido! (MAIO 2020)

Também parece haver uma diferenciação bem marcada entre as praticantes e as que não conhecem a modalidade quanto a essa visão, o que se reflete também na procura pelas aulas. Vanessa diz que chega a ficar sem jeito quando alunas chegam à modalidade dizendo que querem dançar sensualmente para seus parceiros:

A gente que tá dentro do pole tem essa visão do que é a modalidade, do tanto que ela é importante pra nós mesmas e talz e daí eu vi uma live esses dias e se tocou no assunto do quanto é desconcertante quando chega uma aluna no estúdio dizendo que ela quer dançar pro marido. Não que eu ache que ela não deva dançar pro marido, mas é um pouco desconfortável porque a gente conhece a complexidade que é a modalidade e aí chega a pessoa de fora ali e reduz a modalidade a dançar pro marido. Projeta essa ideia de ter que dançar pra alguém e, consequentemente, fica um receio da minha parte que ela projete isso da modalidade em mim, que sou instrutora da modalidade. Quase todas que chegaram assim eu comentei que eu não tinha dançado pro Lauro ainda, e elas me olhavam com uma cara assim ‘mas como

não dançou pro teu namorado ainda? Claro hoje em dia eu já dancei, mas foi depois de muito tempo no pole. (MAIO 2020)

Dentre as alunas do Valente Pole Dance, várias comentaram que a questão da sexualização da modalidade já apareceu em suas vidas. A fama relegada ao pole faz com que algumas, inclusive, pensem duas vezes antes de dizer aos outros que são polerinas:

A primeira coisa que as pessoas pensam quando falo sobre fazer pole dance é uma gorda stripper.

Sempre tento desconstruir essa visão, já estou acostumada pois na dança do ventre acontecia o mesmo. A verdade é que tem pessoas que não querem "pensar bem" ou mudar sua forma de vista, querem apenas avacalhar com o que você está fazendo. Mas outras pessoas se mostraram bem receptivas.

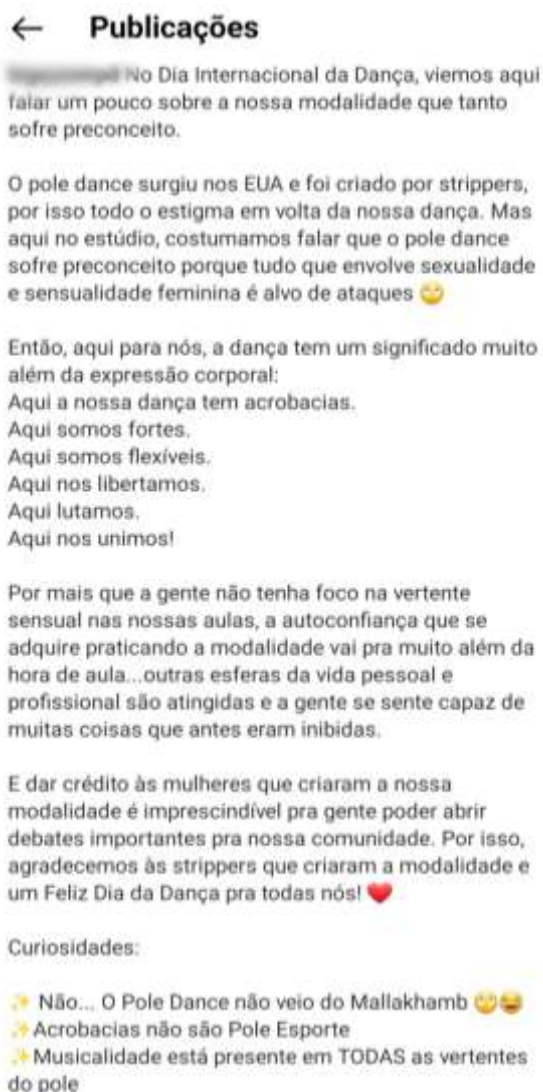
Inclusive é o meu receio de expor que pratico, porque dificilmente mudamos a mente de pessoas que pensam dessa forma. (JUNHO 2020)

É interessante pontuar que dentre as meninas que comentaram no formulário anônimo disponibilizado no grupo do whats do estúdio com algumas questões relativas as suas experiências no pole, uma delas pontuou que a associação sexo-pole dance já apareceu para ela como algo positivo, mas como uma ferramenta possível de ser usada pelas mulheres.

Mesmo que haja um discurso de muitas interlocutoras que neguem a predominância do lado sensual dentro da modalidade, há que se demarcar que esse lado, mesmo entre “as mulheres suadas, com cabelos emaranhados” é facilmente visível nas imagens que circulam nas redes sociais. Com o passar do tempo, nota-se, principalmente se observarmos as fotos das praticantes do estúdio, que esse lado parece ser “abraçado”. A partir do momento em que se compreende que o pole é mais que a sensualidade, também ocorre um movimento de considerar que a sexualidade também é parte do pole. E não há nenhum problema em enxergar isso.

Publicamente, o Valente se posiciona sobre essa questão, como na imagem abaixo, publicado no Instagram do estúdio, destacando o contexto da criação do Pole Dance, nas boates com as strippers, e a importância de valorizar esse lado sexy e não condená-lo, pois faz parte da modalidade.

Figura 64 - Post Dia Internacional da Dança.



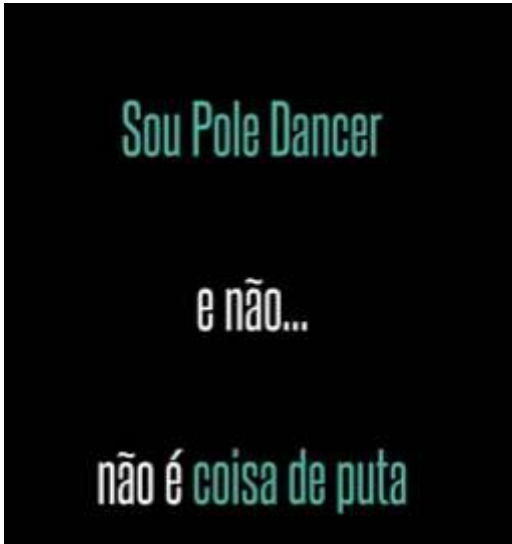
Fonte: Instagram do estúdio Valente.

O post abaixo (Figura 65). também traz importantes reflexões sobre o posicionamento do Valente sobre essa questão. Apesar de a imagem parecer contraditória, trazendo o termo “puta” como uma negação, algo que pode ser visto como pejorativo, o texto que a acompanha traz um discurso que já começa dizendo que o “coisa de puta” é uma frase problemática, apesar de não explicitar o porquê. O texto defende que a opinião machista que associa a modalidade com a venda do corpo não corresponde à realidade e que o pole dance e as pole dancers aprendem a não se importar mais com esses discursos de preconceito.

Os comentários sobre o post mostram a aprovação quanto ao texto e as experiências de alunas que já ouviram comentários desagradáveis pela associação feita entre pole dance e sexo, inclusive de outras mulheres. O segundo comentário “Nem santa, nem puta. Mulher

livre” se encaixa aqui como um bom resumo tanto desse feedback quando da política do estúdio. É essa liberdade de ser quem quiser, discurso encontrado no feminismo, que o estúdio defende e que as praticantes parecem, como constatei em meu campo, validar.

Figura 65 -Post e reações no Instagram do estúdio.



coisa de puta” é uma frase TÃO problemática que eu precisaria fazer um texto gigante aqui.

O que é ser mulher?  
O que é ser puta?  
O que é ser mulher E puta?

O Pole Dance é uma modalidade muito atacada porque liberta as mulheres de padrões que são estabelecidos. Depois que nos descobrimos como pelerinas, a gente vê que tudo que falaram sobre a gente durante toda a vida, simplesmente, não faz mais sentido. A gente percebe que a opinião machista das pessoas não exerce mais o poder que antes exercia.

Enquanto o machista se sente ofendido ao ver que o pole dance tá crescendo, a gente tá aqui conseguindo fazer com que mais mulheres se sintam bem consigo mesmas, tendo qualidade de vida e se enxergando de um jeito diferente (e melhor... e mais feliz!). Aqui a gente quer ser feliz, quer dar risada enquanto faz exercícios físicos, quer fazer acrobacias e danças incríveis.

O choro é livre pra quem tem preconceito, aqui a gente já passou disso há muito tempo, 🙄  
#Pole #poledance #poledancebrasil #poleart #poletraining #poleworkout #poledancing #poleplay #poledancebrasil #poledancenews

- 
130 sem  
 Excelente texto 🍌🍌🍌  
 Responder
- 
130 sem  
 Nem santa, nem puta. Mulher livre  
 Responder Ver tradução
- 
130 sem  
  
 Responder
- 
130 sem  
 Cobeeeerta de razão! 🍌🍌🍌  
 Responder Ver tradução
- 
130 sem  
 Perfeita como sempre!  
 Responder Ver tradução
- 
130 sem  
 Exatamente!  
 Responder Ver tradução
- 
130 sem  
 certíssima!  
 Responder

- 
164 sem  
 Ouvi outro dia . Tá fazendo isso pra ganhar dinheiro no futuro caso não consiga um emprego por ter Filhos ! . E o pior veio de outra Mulher.  
 Responder Ver tradução
- 
164 sem  
 meu deus! 🙄  
 Responder
- 
164 sem  
 Responder
- 
164 sem  
 omggggg QUE  
 Responder
- 
164 sem  
 Ouvi essa semana essa frase, e por mais que digam..“Ai é brincadeira” ... minhas mais sinceras reviradas de olhos!  
 Responder Ver tradução
- 
164 sem  
 que ódio! E ainda vem acompanhado do “tava só brincando”, que nojo.  
 Responder

Fonte: Instagram do estúdio Valente.

Nessa discussão sobre sensualidade dentro da modalidade, é interessante também nos perguntarmos quem tem esse “direito” de ser sexy. É comum vermos corpos padrões veiculados de forma semelhante - no que diz respeito à exposição de seus corpos - na mídia. Sabemos da opressão e dos julgamentos aos quais todas as mulheres são submetidas ao exporem seus corpos mas, ao mesmo tempo, é importante demarcar que essas mulheres que correspondem a um ideal de beleza quase sempre magro e branco são enxergadas como detentoras dessa sensualidade, enquanto os corpos não padrão são vistos de forma diferente ao realizar a mesma ação.

Gayle Rubin (2012) irá nos alertar como a sexualidade foi concebida como um fenômeno biológico ou um aspecto da psicologia individual, sendo assim inacessível a qualquer análise política. A autora defende que a busca por uma política do sexo mais realista passa por trazer o sexo a partir de uma análise social e entendimento histórico, que passe por reconhecer que “a sexualidade nas sociedades ocidentais tem sido estruturada dentro de enquadramentos sociais extremamente punitivos, e tem sido sujeita a controles formais e informais muito reais” (s/p).

O corpo gordo sofre com esse controle. Maria Jimenez e Marcela J. da Silva (2021) trazem essa discussão sobre como o corpo gordo não é visto como objeto de desejo:

Corpos que não estão dentro da classificação do que a sociedade capitalística entende como normativo, estão fora da concepção do que se é desejável ou possa sentir ou dar prazer, dentro de uma reprodução da naturalização dos corpos e práticas sexuais considerados “normais”, “desejáveis” e que sentem e causam “prazeres”. (2021, p. 21)

Esses corpos sofrerão, segundo as autoras, uma marginalização dupla: por não corresponderem a esse padrão e escolherem permanecer fora dele. A proposta, então, é reinventar o seu lugar sexual no mundo através de uma proposta sexopolítica “propor uma descolonização da sexualidade, construindo outras práticas, outras corporeidades, outros projetos políticos do desejo” (p. 33).

Através de seu conceito de “Mito da Beleza” Naomi Wolf (2018) demonstra como, ao longo da história, quanto mais conquistas obtiveram as mulheres, mais rígidas e cruéis foram as imagens de beleza a elas impostas. A autora advoga que ao superar a mística feminina da domesticidade, da maternidade, castidade e passividade, principalmente através da saída das mulheres para o mercado de trabalho e das lutas do movimento feminista, o mito da beleza assumiu a tarefa de controle social ao fazer com que as mulheres permaneçam imersas em obsessões com o físico. Para isso, os modelos de beleza veiculados ocupam papel fundamental:

O atual arsenal do mito consiste na disseminação de milhões de imagens do ideal em voga. Embora esse fogo cerrado geralmente seja considerado uma fantasia sexual coletiva, há nele, na verdade, muito pouco de sexual. Ele atende ao chamado do temor político por parte de instituições dominadas pelos homens, instituições ameaçadas pela liberdade das mulheres. Ele explora a culpa e a apreensão quanto à nossa própria liberação — medos latentes de que talvez estejamos nos excedendo. Essa frenética acumulação de imagens é uma alucinação coletiva reacionária originada pela vontade de homens e mulheres desnorteados e atordoados com a rapidez com a qual se transformam as relações entre os sexos: um baluarte de segurança contra a enchente das transformações. (2018, p. 20)

Enquanto o feminismo lutava para que as mulheres se valorizassem mais, o mito reforçava a ideia de uma beleza única. O capitalismo precisava da baixa estima das mulheres para vender seus milagres estéticos em forma de cremes, cirurgias plásticas e dietas da moda. Hoje, entretanto, o mercado se adaptou à nova realidade, transformando vários aspectos do feminismo em produtos vendáveis. O empoderamento, em vários lugares, é um deles. Entretanto, o mercado da insatisfação feminina permanece lucrativo.

Esse corpo “ideal”, que está em exibição em toda parte, está intimamente relacionado com a experiência de sexualidade das mulheres:

O mal fica aparente na forma pela qual essas imagens reprimem a sexualidade feminina e reduzem o amor-próprio sexual das mulheres através da representação do sexo como algo trancado num cinto de castidade que só pode ser aberto com a chave da "beleza". (2018, p. 1930)

Dessa forma, aquela que tem direito a exercer sua sexualidade é a que está dentro dessa beleza padrão. As outras devem buscar, de qualquer forma, se adequar. Esse imaginário afeta de forma profunda a percepção das mulheres que estão fora desse modelo ideal - o que corresponde a grande maioria das mulheres – sobre si mesmas.

Essa lógica corrobora com o que também é defendido por Paul Beatriz Preciado (2014), que destaca que a sexualidade, assim como o gênero, é política. Organizada em sistemas de poder que recompensam e encorajam alguns indivíduos, enquanto punem e suprimem outros.

Apesar de hoje termos uma maior abertura para corpos não padrão na grande mídia, com marcas utilizando uma maior representatividade de corpos, o modelo ideal de beleza segue sendo branco e magro. As redes sociais, nesse contexto, aparecem como uma possibilidade desses corpos expressarem sua sexualidade e reconhecerem essa potência em outros corpos não padrão. Não deixamos de considerar aqui, entretanto, que essas redes e seus algoritmos também funcionam com uma lógica que valida a padronização da beleza, mas aqui defendemos a ideia de Miller (2019) que “a tecnologia não é nem patriarcal nem libertadora

em si mesma, mas cria potenciais manifestos de acordo com os contextos em que estão inseridos” (p. 157).

Aqui os usos que as mulheres gordas irão fazer de suas redes sociais, em especial o Instagram e como esses corpos dissidentes também aparecem na rede social do estúdio é o nosso interesse. A sexualidade desses corpos não padrão é observada analisando essas lógicas, e aparece no vestuário, nos vídeos e nas fotos que exibem em redes sociais, valorizando seus corpos grandes e belos.

Figura 66 -Fotos de Flora.



Fonte: Instagram do estúdio Valente.

Flora fala de como o pole auxilia nesse processo de enxergar o seu corpo enquanto um corpo sexy:

Então, eu tenho uma dificuldade enorme em me ver como sensual. Até no pole hahahahaha o pole me ajuda com muitas questões sim, e é mais fácil pra mim mostrar o meu corpo dentro do pole do que fora. A postagem de vídeo e foto é mais um empurrão que eu dou em mim mesma, pra colocar meu corpo pra jogo digamos assim. No sentido de que eu me obrigo a postar pra justamente trabalhar essa insegurança que eu ainda tenho. O pole com certeza ajuda muito na desconstrução de pensamentos gordofobicos, mas levar isso pra fora de lá é complicado.

Entretanto, a definição que essa exploração da sexualidade possa ser vista enquanto empoderamento é matéria de debate feminista, afinal é visto como problemático por estar vinculado a concepções neoliberais de escolhe e individuação “enquanto a dançarina individual pode se sentir empoderada através de suas expressões da sexualidade feminina, a

individualidade dessa façanha dificulta uma análise crítica de suas estruturas sexistas subjacentes (Sine Nørholm Just e Sara Louise Muhr , 2020, p. 17)”:

Do ponto de vista da crítica feminista, então, pole dance e expressões similares de uma sexualidade feminina ativa não são empoderadoras. Em vez disso, eles desmantelam a perspectiva de emancipação feminista e submetem as mulheres a novas tecnologias do eu, novas formas de disciplina e regulação (2020, p. 17).

Rosalind Gill (2008) defende que uma nova linha que emergiu do feminismo enxerga as atividades mundanas como independência do patriarcado:

Isso se tornou quase onipresente em sociedades desenvolvidas afluentes entendidas como estando em um momento 'pós-feminista', em quais as mulheres são convidadas a comprar tudo, de sutiãs a café como sinais de seu poder e independência (dos homens) (2008, p. 38)

Essa corrente, defende a autora, tenta incorporar o poder social e a energia do feminismo para esses fins, neutralizando ou “domesticando” sua força política. Além disso, cria-se, com isso, um novo regime disciplinar. Kally Whitehead e Tim Kurz (2009), ao analisar o discurso de empoderamento do pole dance como uma atividade recreacional, afirmam que “já não é suficiente para uma mulher ser bonita ou magra para ser considerada desejável, mas agora também deve ser considerada sexy e confortável com uma sexualidade aberta e exibicionista” (2009, p. 7).

Andrea Cornwall (2018) destaca que as corporações internacionais de desenvolvimento têm usado o termo empoderamento, que ela denomina “empoderamento light” esvaziando o termo de qualquer confrontação com as relações de poder que irão produzir as desigualdades. Joice Berth (2019) também se alia a esse discurso de aproveitamento do termo pela lógica neoliberal, que destaca a superação individual de certas opressões, mas sem romper com as estruturas opressoras.

Explico: é julgar que se empoderar é transcender individualmente certas barreiras, mas seguir reproduzindo lógicas de opressões com outros grupos, em vez de se pensar empoderamento como conjuntos de estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas e as articulações políticas de dominação que essas condições representam. (2019, p. 35)

Entretanto, esse discurso de Joice Berth (2019) também abre espaço para pensarmos como a lógica individual de empoderamento pode gerar consequências coletivas, já que são vistos como faces indissociáveis do mesmo processo “pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento” (p. 36).



Samantha Holland (2010) explora as possibilidades de prazer e empoderamento nas mulheres que praticam pole. Focando na experiência das mulheres, ela conclui que o exercício tem um potencial empoderador, pelos benefícios físicos, as amizades desenvolvidas, a autoconfiança e os ganhos financeiros das mulheres envolvidas no ensino das aulas. Destaca, entretanto, que esse empoderamento está mais ligado a uma lógica individual e não coletiva, de mudança estrutural. Sendo assim, se adequa mais a uma visão e “sensibilidade pós-feminista”.

Kerry Louise Allen (2011), em seu trabalho defende um olhar mais complexo na análise da modalidade, sugerindo os praticantes não podem ser vistos de uma maneira unidimensional já que as experiências com o pole são subjetivas e as mulheres se envolvem nelas de maneiras diferentes:

A dançarina do pole feminino e a aula de pole dance não podem, portanto, ser vistas como unidimensionais e há claramente muito mais no pole dance do que as visões opostas binárias anteriores que argumentam que o pole dance é tão simples quanto ser positivo ou negativo, ou empoderar ou degradar as mulheres. Espero ter demonstrado nesta tese que as aulas de pole dance são, na verdade, muito mais complicadas e problemáticas do que esses tipos de dicotomias excessivamente simplistas (p. 287, tradução nossa)<sup>7</sup>

Em meu campo, o que pude perceber até agora é que questões feministas, longe de serem afastadas pelo pole como alguns autores afirmam, aparecem e são discutidas dentro da comunidade. Longe de afastar essas mulheres do feminismo, aproximam de temas como empoderamento, machismo e sororidade. A palavra empoderamento, inclusive, é quase sempre citada nos relatos das alunas quando perguntadas sobre a importância do pole em suas vidas.

Claro que isso, em grande medida, está relacionado com o fato de muitas dessas mulheres, a maioria branca, classe média, universitárias ou já formadas, já terem contato com questões feministas anteriormente. Dentre as doze mulheres que preencheram o formulário anônimo, dez tem no mínimo a graduação em andamento. Quatro delas cursam ou já finalizaram a pós graduação. O posicionamento do estúdio também reflete pensamentos feministas/ de empoderamento, o que torna o ambiente propício para essas discussões.

Diana, aluna e instrutora do estúdio, fala como se sente ao praticar a modalidade, e podemos perceber em sua fala aspectos sobre a história da opressão das mulheres e como o pole, na sua visão, ajuda a construir uma realidade diferente:

---

<sup>7</sup>The female pole dancer and the pole dancing class cannot, therefore, be seen as one dimensional and there is clearly much more to pole dancing than the previous binary opposite views which argue that pole dancing is as simple as being either positive or negative, or empowering or degrading to women. I hope to have demonstrated in this thesis that pole dancing classes are in actuality much more complicated and problematic than these types of overly simplistic dichotomy (p. 287)

Praticar pole dance desperta uma liberdade quase selvagem. É um retorno a muitas coisas que foram proibidas, interdadas ou silenciadas. É pegar de volta o controle sobre o próprio corpo, da autoimagem e do prazer. A sensação de dançar no pole é incrível, como tirar as amarras e retomar o poder sobre si mesma. É reconhecer e compreender a própria história. (MAIO 2022)

Praticar pole dance, visto pelas integrantes, é um ato de resistência. Em julho de 2022, o post abaixo foi publicado no perfil do instagram do Valente Pole Dance. No texto podemos perceber argumentações a esse respeito que fazem referências à escolha e autonomia dos corpos femininos, que usam do pole dance por vontade própria. O texto também cita a comunidade pole dancer criada, que luta contra estereótipos que inferiorizam e fragilizam a figura feminina.

Figura 67 -Ser pole dancer é...



Ser Pole Dancer é aceitar as minhas múltiplas faces. É aceitar que um dia eu quero dançar de calça de moletom, escabelada e meias sujas... e outro dia vou querer dançar sensual de calcinha e salto alto. Eu não sou uma pessoa única, eu tenho fases, eu tenho ciclos.

É entender que eu tenho e preciso de um momento só para mim e nada substitui a minha hora de pole dance na semana. E por mais que esse mundo horrível e preconceituoso que a gente vive distorça a nossa modalidade, eu digo para ele:

"Eu faço Pole Dance por mim... e se um dia eu tiver plateia, vai ser quando e quem EU quiser!"

Ser Pole Dancer é um ato de resistência porque, em um mundo que me disse que sou frágil e fraca, eu tô aqui me pendurando de cabeça pra baixo numa barra vertical, com uma força absurda no corpo e gritando que "SIM, EU POSSO!"

Ser Pole Dancer é um ato de resistência porque o patriarcado ganha dinheiro quando me diz que meu corpo é feio e cheio de defeitos e, quando eu comecei a me enxergar no pole, eu comecei meu processo de libertação e autoaceitação de quem eu sou.

Ser Pole Dancer é um ato de resistência por aumentar a minha rede de apoio de mulheres e me fazer participar de uma comunidade maravilhosa onde todas se apoiam, se ajudam e se incentivam. Aqui eu noto como estou no mesmo barco que as minhas colegas, todas lutando contra estigmas que nos foram ensinados desde crianças.

Fonte: Instagram do estúdio Valente.

O post em questão (Figura 67) recebeu 78 curtidas e 8 comentários, um engajamento alto para os padrões do estúdio. Os comentários foram de apoio ao que foi escrito, através de palavras como "é isso aí" e emoticons de corações e palmas.

Importante também pontuar, dentro dessa lógica, que o termo empoderamento aparece frequentemente nas conversas entre as interlocutoras, mas o estúdio, ao contrário de muitos empreendimentos que se aproveitam do termo dentro da lógica neoliberal, nunca ofereceu o

empoderamento como um dos objetivos do pole dance ou usou esse termo para vender as aulas.

Podemos aqui empreender uma discussão acerca do interesse de todas as alunas por romper com as estruturas vigentes da sociedade na busca de um sentido do empoderamento que vá além das questões individuais como defende Joice Berth (2019). Ainda mais se considerarmos, como já mostrado anteriormente, o lugar de onde partem. Em sua maioria classe média branca. Entretanto não podemos deixar de considerar que ações como o 8 de Março, posts e conversas entre as interlocutoras mostram que existe um viés politizado frequente, evidenciando suas insatisfações com a forma como as mulheres são vistas e tratadas na sociedade.

O que pude observar até agora foi a presença desse termo, o empoderamento, em vários momentos desde o início de minha pesquisa. Seria necessário um acompanhamento maior e mais profundo das interlocutoras para afirmar ou não que essas lógicas individuais perpassem o discurso e se transformem em ações concretas de mudança social. Alguns indicativos, como a participação de algumas dessas mulheres em movimentos feministas e de cunho político/político partidário, parecem indicar algo nesse sentido. Mas a questão que permanece disso é se o pole dance atrai mulheres já politizadas ou ajuda a construir esse tipo de politização em termos de empoderamento através de suas práticas.

## 7.2 POSSIBILIDADES PARA O GÊNERO DENTRO DO POLE DANCE

Carole Vance (1995) destaca, ao analisar as relações entre sexualidade e antropologia, como ela não está só relacionada ao gênero, mas mistura-se a eles muitas vezes “considera-se que a sexualidade, os arranjos de gênero, a masculinidade e a feminilidade sejam conectados, até intercambiáveis. (p. 19)”.

O gênero perpassa e movimenta toda a relação pole dance/praticantes aqui estudada. São as suas delimitações, os estereótipos sobre ele criados que alimentam as principais discussões sobre sexualidade, pertencimento e possibilidades dentro da prática. Aqui entendemos o gênero para além do estruturalismo, que vai partir dos corpos biológicos e o reconhecimento de suas diferenças. Partimos de uma visão mais ampla, compreendendo o gênero principalmente enquanto discurso, que permeia e orienta as relações sociais.

Joan Scott (1995), umas das mais influentes autoras da corrente pós-estruturalista, irá defender que os conceitos de gênero irão estruturar a percepção e a organização concreta e

simbólica de toda a vida social. A autora foca no discurso, entendendo-o como um instrumento de orientação no mundo, que irá permear toda a questão de gênero. O discurso aqui é considerado não apenas enquanto palavra, mas englobando toda a linguagem, atos com significado.

Para Scott, os símbolos culturais irão evocar representações acerca dos sexos e os conceitos normativos, colocando em evidências as interpretações desses símbolos, irão funcionar como delimitadores do masculino e feminino. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e ajudam a reforçar uma oposição binária que irá afirmar de forma categórica os sentidos do masculino e feminino.

Para a autora, o objetivo da pesquisa histórica deve ser justamente o de acabar com a noção de fixidade, da representação binária dos gêneros. E para isso é fundamental incluir a noção do político e do poder nessas análises, já que as estruturas hierárquicas irão se basear em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino. “na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder (p. 22)”

As pós-modernas irão trazer uma concepção mutável de gênero. Para elas, podem existir uma variedade de gêneros e as diferenciações biológicas podem ser alteradas com as novas tecnologias médicas. Judith Butler (2003) coloca em xeque a própria noção do biológico como algo inato, ao problematizar que a leitura feita sobre os corpos também é uma construção advinda da cultura, sendo assim, o conceito de gênero não deveria ser pensado como algo inscrito em cima de um sexo considerado como dado.

A performance irá perpassar o gênero entendido por Butler (2003). Segundo a autora são as repetições de gestos e atos que reforçariam essa construção de corpos femininos e masculinos:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero (Butler, 2003, p. 200)

Assim, a autora discute o corpo enquanto não-natural, mas tão cultural como o gênero, problematizando os limites entre sexo e gênero. Da mesma forma que as normais são repetidas enquanto performances, há a possibilidade de alterá-las e ressignificá-las. Butler (2003) parte também da visão de que o gênero deve ser visto em suas intersecções - raça,

classe, sexuais - nas quais é produzido e sustentado, rejeitando, mais uma vez, pressupostos universalistas. Aqui compartilhamos do entendimento que o gênero deve ser olhado, também a partir desses demarcadores sociais que o interseccionam. E visto de uma perspectiva que considere suas possibilidades de ir além do que os estereótipos e papéis sociais dizem acerca dele. Assim, acreditamos que o gênero deva ser visto como possibilidade, não como um limitador. Como uma categoria “transbordante”, tal qual nos fala Joan Scott (1995):

Nós só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que "homem" e "mulher" são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Trans-bordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas (1995, p. 93)

Falar de gênero pressupõe que falemos também do papel dos homens dentro da modalidade. Daniele Cinti (2022) atesta, em seu artigo, que buscou fazer uma revisão sobre os trabalhos realizados sobre a temática do pole dance, que a maioria dos estúdios conta com a grande maioria de mulheres entre suas praticantes:

Com relação ao público, as pesquisas sugerem a realidade da maioria dos estúdios de Pole Dance no Brasil, ou seja, que a grande maioria dos praticantes de Pole Dance são mulheres em idade adulta. Ainda nos dias atuais, o Pole Dance carrega uma imagem estereotipada de que a prática envolve tão somente uma dança sensual em um mastro vertical e assim uma crença de que a modalidade é destinada principalmente às mulheres. (2022, p. 3)

Um aspecto que merece atenção é a entrada de um instrutor homem no estúdio. A modalidade ainda é vista como algo para mulheres e, como citado anteriormente, mesmo entre elas, sofre preconceito por ser associada a strippers. Quando procuramos a combinação de palavras homem e pole dance na internet, a primeira manchete traz “Pole Dance vira esporte e atrai homens”, mostrando de que forma a modalidade se torna atrativa, aproximando-se do esporte, algo historicamente associado à masculinidade e afastando-se da dança, algo visto como feminino.

Sobre a entrada de Bruno no estúdio e o homem na modalidade, Vanessa afirma:

Eu acho que a modalidade é para todo mundo. Acredito que quanto mais gente praticando o pole, melhor. Mais se difunde a ideia da inclusão na modalidade.

O instrutor Bruno acrescentou muito no estúdio quanto à questão de gênero masculino. Notei que tivemos uma procura maior de homens querendo aula experimental e, geralmente, eles querem fazer a aula com o Bruno.

As alunas fazem aulas com ele tranquilamente, nunca tivemos (pelo menos, que eu saiba) alguma aluna incomodada em fazer aulas com um homem. Quando aconteceram situações de mulheres preferirem ter aulas com mulheres, foi logo na experimental já. Eu ofereço os horários de experimental e digo com quem é a aula. Na hora, mesmo, já aconteceu de uma interessada pedir para fazer aula com uma

instrutora mulher. Isso aconteceu 1 vez e foi direto na hora de agendar a experimental.(JULHO 2022)

Quanto à falta de procura por homens pela modalidade, ela credita isso ao estereótipo de feminilidade do pole e também à estratégia do estúdio que, através das redes sociais, se dirige a mulheres. Nas palavras de Vanessa:

Uma coisa que eu acho que influencia na pouca demanda de homens pela modalidade é a ideia do pole ser para mulheres. Aos poucos, com o pessoal vendo o Bruno dando aula no estúdio e praticando com a gente, vai mudando.

E uma outra coisa que acredito influenciar na pouca demanda, também, é que eu falo para mulheres nas redes sociais do estúdio. Talvez isso acabe trazendo a ideia de que é só para mulheres as aulas. Mas isso nada mais é que um "achômetro" da minha parte. (JULHO 2022)

O instrutor Bruno começou no pole entre 2015 e 2016 quando um estúdio abriu em sua cidade, no interior de São Paulo e a dona dele, que conhecia sua família, o chamou para fazer uma aula experimental, conforme relata:

essa mulher que abriu conhecia minha família e viu que eu tinha começado a fazer umas aulas de circo e me convidou pra fazer uma aula experimental porque provavelmente eu sentiria facilidade. E de ter feito eu realmente senti bastante facilidade com o início do pole porque o estímulo era muito próximo do qual eu estava me adaptando. Eu também estava começando a fazer circo e tive facilidade e segui fazendo. Dali a nove, dez meses mais ou menos eu fui fazer o curso de capacitação e já comecei a dar aula. (ABRIL 2022)

Pelo fato de ser um homem gay, Bruno diz nunca ter sido um problema estar inserido em um ambiente majoritariamente feminino, pois se sente mais acolhido entre mulheres. Entretanto, fatores externos de preconceito sempre estiveram presentes:

Mas tive que passar por alguns problemas que não foram eu comigo mesmo mas de terceiros vindo até mim, principalmente de meu pai, que nunca aceitou minha sexualidade e nunca aceitou as artes que eu fazia com meu corpo. Eu venho do ballet também, então quando eu comecei a fazer pole eu recebi a seguinte mensagem do meu pai "Antes era balé, agora é pole dance?" Mas ainda seguindo na questão de eu ser minoria nesses espaços nunca me fez mal, eu sempre me senti melhor acolhido por pessoas do sexo feminino que do masculino porque realmente eram as pessoas que me tratavam melhor porque sempre sofri bullying ou qualquer outra represália de homens hétero na minha vida pois não me encaixo nesse padrão hétero cis normativo e nem desejo me encaixar.

Ballet também é visto como uma arte feminina. Então também não é fácil estar dentro de danças em geral, algo mais leve, delicado. Eu, em toda a minha parte artística do pole eu levo a delicadeza. É sempre essa delicadeza que tá em mim que fere as pessoas. Fere os terceiros. Feriu o meu pai, que não se sente bem por eu estar praticando algo assim que não exale a masculinidade alfa ali, mas me faz muito bem e não me importo com isso. (ABRIL 2022)

Quanto ao seu trabalho de instrutor de pole e o dia a dia em sala, ele se diz confortável:

No que tange ser professora de mulheres é bem tranquilo e eu tenho uma troca boa com minhas alunas também. Eu creio que seja pela maneira que eu vou

desenvolvendo minhas aulas porque quando eu preciso tocar no corpo de uma aluna, quando ela tá começando, eu sempre peço licença, porque geralmente a gente tá muito pelado na aula e a gente toca em partes como glúteos, coxa, virilha as vezes até seios a gente encosta sem querer ou pra dar uma ajuda, um suporte pra aluna. Então, sempre quando eu começo a dar aula pra uma aluna nova eu sempre vou pedindo licença e falando ‘eu vou tocar aqui pra te ajudar. Se tu não se sentir bem, tu me avisa que eu não toco, a gente pensa em outra maneira’. Geralmente as alunas sempre recebem bem esse suporte e a gente vai se adaptando. (ABRIL 2022)

Nota-se o cuidado com o consentimento em cada toque, algo essencial em uma prática que precisa disso para se desenvolver. Quanto a essa aceitação por parte das alunas, ele credita isso a esse cuidado, mas também ao fato de ser um homem gay:

Eu penso que seja por suas coisas, essa maneira que eu desenvolvo a aula, com essas permissões que eu vou pedindo em todo o processo de reconhecimento de aluno/professor e também eu acho que a questão da minha sexualidade interfira nisso, porque facilita que a aluna sinta confiança em um homem gay do que talvez (não sei, não conheço um professor hétero de pole dance) mas acredito que a minha sexualidade envolva essa facilidade na aceitação das alunas para comigo.

O pole por si só já é visto como um esporte, uma arte, uma dança feminina. Quando aplica ainda a sensualidade isso triplica de tamanho. As pessoas veem ainda como uma coisa única e exclusiva de mulheres. Estar na dança já é um ato revolucionário que te faz passar por obstáculos que não são passados por mulheres porque a sociedade acredita que aquele é o espaço dela. (ABRIL 2022)

Em abril de 2022, tive a oportunidade de fazer uma aula com Bruno. Essa delicadeza, que cita na entrevista, está presente em todo o processo. Bruno é, sem sombra de dúvidas, mais delicado que as outras instrutoras do estúdio. Isso se reflete em seus movimentos, sua forma de falar e abordar os assuntos de aula. Bruno usa técnicas diferentes que advêm de seu aprendizado em outro local, com nomes de movimentos e formas de execução distintas. Preza pela técnica correta e está sempre disposto a auxiliar as estudantes.

Bruno diz não sentir dificuldades em dar aula para outros homens. Já Elis, outra instrutora do estúdio, e professora do único homem que atualmente frequenta as aulas, Sérgio, comentou que enfrentou dificuldades para adaptar as aulas à anatomia masculina. Conversando com ela e indagando acerca da facilidade de Bruno, pensamos que talvez isso se deva ao fato de Bruno também ser um homem e as adaptações surgirem automaticamente para ele, já que as usa em relação a seu próprio corpo.

Para Elis, todo o processo tem sido um desafio e uma aprendizagem:

Eu trabalho dando aula de pole há mais ou menos um ano e quatro meses e durante todo esse tempo eu trabalhei só com mulheres. Recentemente entrou um aluno homem no estúdio e ele faz aula em um horário meu. Em um primeiro contato eu pensei “ah, vai ser a mesma coisa”, até porque somos seres humanos e temos o corpo muito parecido, mas na prática eu vi que algumas coisas mudavam e realmente se tornou um desafio, porém um desafio muito bom e interessante de se

trabalhar. Então quando eu comecei a dar as aulas para o nosso aluno eu vi que na prática algumas coisas eu teria que explicar de outro jeito, entendendo como funciona o corpo dele, principalmente travas de virilha. As gurias que fazem pole sabem o quanto dói uma trava de virilha e como a gente coloca bem rente a virilha para travar na barra e ficar ali como se tivesse sentada em uma cadeira. Também ele é bem alto, quando ele escala uma vez já está bem alto na barra. As alunas quando fazem determinados movimentos eu consigo ficar do lado e com ele em uma escalada ele já está em mais da metade da barra. (JULHO 2022)

Mas não só as questões corporais interferem na maneira de pensar as aulas. As próprias noções de sensualidade, algo muito presente no pole, têm que ser exploradas de outra forma.

Ele é um homem hétero que nunca fez uma dança. A coreografia desse mês é de exótico, uma vertente do pole dance, onde a gente trabalha o corpo de maneira mais sensual. Então eu me dispus a dar uma pesquisada, conversar sobre, inclusive com nosso instrutor homem do estúdio, e estudei uma forma diferente de passar a coreografia pra ele porque é muito comum o pole ter homens gays e bi, mas homem hétero é muito raro, então algumas partes da coreografia, intenções com o corpo mais sensuais com quadril eu passei de um jeito diferente pra ele, subindo de outras formas, salientando outras partes do corpo. Por exemplo, nessa coreografia a gente sobre bem com a bunda, pra ele passei uma forma de fazer isso de frente, mostrando outras partes do corpo. (JULHO 2022)

Elis destaca que consegue enxergar um processo de autodescobrimento do aluno e uma modificação da sua autoestima.

Ele me comentou no começo que não gostava de ficar sem camisa na frente dos outros, é algo que está ajudando na autoestima dele. Ele está se descobrindo e está quebrando muitos tabus. E é o que a gente quer, quebrar o tabu do pole dance tanto em relação a mulheres fazendo pole quanto homens. (JULHO 2022)

Cabe destaque o comentário que Bruno faz de não conhecer professor hétero de pole dance. Diana, também instrutora no Valente Pole Dance, de mesmo modo, destaca essa falta da presença de homens heterossexuais na modalidade.

Mas eu percebo que os homens que tiveram na minha aula não eram heterossexuais, nenhum deles, então tem muito essa questão que o homem não enxerga o pole como uma atividade física como a gente vê na Rússia, por exemplo. Onde existem muitos homens héteros que praticam, são instrutores, atletas. (ABRIL 2022)

A sexualidade, para Diana, ajuda a romper essa barreira de preconceito na hora de escolher a modalidade.

Talvez, pela questão da sexualidade, essas pessoas já se livraram de papéis de gênero, então elas olham uma atividade física, que pode ser prazerosa, desafiante. Vou lá experimentar, se gostar, gostei, se não gostar, não gostei. Já o homem hétero tenha talvez mais a questão da performance, de performar força, masculinidade. (ABRIL 2022)

Além disso, a questão do olhar do outro, no caso o julgamento advindo por outros homens, também influencia:

E a gente sabe como funciona essa questão de julgamento de grupo de macho. Eu digo isso porque quando a gente foi no festival, eu e meu parceiro, os amigos dele iam comentar sobre ele estar naquele festival, entendeu?! (ABRIL 2022)



O fato da sexualidade feminina ser associada à busca de prazer masculino também interfere nisso. O pole, segundo Diana, é visto para a maioria dos homens como algo a seu dispor.

A sexualidade da mulher sempre foi muito ligada ao olhar masculino. Então, eu penso que eles não conseguem nem conceber fazer a performance, seja para a mulher, seja para ele mesmo, porque ele não tem a necessidade. Então, essa parte da sensualização, da retomada de poder, ela é muito atrelada à história das mulheres que foram por muito tempo limitadas. Então, eu penso que eles não conseguem fazer esse trabalho mental de que aquilo é uma atividade física por causa da origem.

A falta deles no mundo do pole pode ser muito pela questão dos papéis de gênero. Aquilo ali seria, e estou dizendo a partir do olhar masculino e dar origens do pole, das strippers, dos trabalhos sexuais também, as mulheres servem a esses homens. Eu acredito que eles veem o pole como algo que serve a eles, então eles não podem ser o agente daquilo porque eles são a pessoa que consome. Por isso que a gente recebe, por exemplo, mensagem de gente aleatória que não conhece, porque eles se acham no direito de, aquilo é pra eles, não é pra gente. Então se aquilo é pra eles assistirem, eles não vão fazer a performance do pole. (ABRIL 2022)

Através de uma postagem no instagram do estúdio, da primeira semana de fevereiro de 2022, pude constatar a presença de um aluno participando das aulas de Bruno. Sua passagem pelo estúdio acabou sendo rápida. Entretanto, em junho de 2022, pude falar com Sérgio, aluno que começou recentemente na modalidade e que defende, de forma engajada, a prática do pole dance para homens.

Sérgio teve contato com o pole através de uma ex-namorada, cerca de 15 anos atrás. Como o trabalho dela envolvia ensaios sensuais, pôde conhecer a modalidade através desse viés da sensualidade. Ele conta que sempre achou interessante, mas nunca foi atrás por causa do machismo e concepções errôneas sobre a prática:

Só que eu nunca fui muito atrás por causa do machismo. Não por eu achar que me tirava alguma coisa, mas eu não me sentia à vontade em invadir um espaço que achava que não era meu. Eu pensava que estaria eu, homem, invadindo um espaço que me parecia essencialmente feminino. O tempo foi passando e eu comecei a me dar por conta seguindo, porque eu tenho amigas, conhecidas, fazendo pole, no meu instagram. E começou direto a aparecer coisas de pole e começou a ficar mais forte de novo, foi revivendo isso em mim. Eu comecei a falar com uma das alunas e ela me explicou que tem modalidades que lidam mais com o foco esportivo, com o foco artístico, foi me tirando algumas dúvidas e eu fui achando mais legal ainda. Mas até aí eu não tinha alimentado mais a vontade de fazer até eu ter visto um stories de uma ex-aluna que se mudou e falava sobre mitos do pole e o primeiro dos mitos era “homem não pode fazer” e estava lá “homem pode”. E dali eu já fui pro instagram e pesquisei homem e pole dance e vi homens fazendo, daí eu me empolguei e fui no perfil do instagram da minha amiga, peguei perfil do estúdio, já entrei em contato pelo whats. (JULHO 2022)

A sua boa experiência na aula experimental já o fez se matricular no estúdio, entretanto, na segunda aula, sentiu dificuldades e cogitou desistir:

A segunda aula era de umas posições muito bruxas e eu não conseguia fazer e me machucou a canela, machucou coxa, vermelha, tudo lascado. Naquela aula eu pensei “isso não é pra mim, definitivamente eu vou ter que largar, eu me iludi”. Daí eu fiquei bem balançado de não ir, mas daí eu pensei “na segunda aula vou desistir, isso

não se faz!”. Daí a terceira aula foi coreografia, foi legalzinha e depois, dali pra diante, começou a alinhar e agora o achando bem bacana. (JULHO 2022)

No momento, não pensa em largar tão cedo o pole. Indagado acerca da receptividade no estúdio, diz se sentir confortável com o ambiente e bem tratado por todos:

Então, eu me senti plenamente confortável, foi bem massa. Depois eu descobri que tinha mais um cara que fazia e que saiu. Atualmente é só eu de homem fazendo. E tem o professor. Na escola tem dois homens e espero que tenha mais. Comecei a fazer força pra levar homens pra lá também. Me sinto aceito, acho que isso era muito grilo da minha cabeça, grilo de antes. E quando eu fui também não fui muito preocupado com o que iam pensar e coisa assim, talvez achem um pouco diferente ter um homem como colega, mas eu acho muito bom. (JULHO 2022)

Sérgio tem 35 anos, é músico instrumentista e marceneiro. Hétero, pai de uma criança, aparece como um ponto fora da curva diante dos relatos apresentados por Diana e Bruno e pela percepção do público que é normalmente encontrado nos estúdios de pole. Entretanto, em novembro de 2022, em meio a um evento de Halloween, essa aceitação descrita por Sérgio parecia menos visível. Isolado na maior parte do tempo, me confidenciou que pensou bastante antes de ir e acabou decidindo em cima da hora, pois sabia que seria o único homem no espaço (o instrutor Bruno não poderia comparecer) rodeado de mulheres com roupas curtas e que tinha medo do que poderiam pensar.

Ao longo do evento, ele gravou sua coreografia – o principal motivo da reunião no dia- que depois virou um momento de confraternização, no qual ele não permaneceu. Importante ressaltar que o discurso sobre a aceitação dos homens no pole dentro do estúdio é corrente, mas não foram poucos os momentos que comentários falando com inveja ou um ódio disfarçado da facilidade em que homens cisgêneros têm em realizar alguns movimentos, devido a sua estrutura corporal, apareceram.

Com falas progressistas e uma preocupação em trazer mais homens para uma atividade que ainda é vista como feminina, Sergio, entretanto, nos mostra como é importante discutir a masculinidade dentro do pole de uma maneira mais ampla, considerando os diversos modelos da mesma em nossa sociedade.

As falas de Sérgio nos levam a indagar o que faz o masculino. Há muitos modelos de masculinidade ao nosso redor. Entretanto, não há como negar que durante muito tempo características ligadas à masculinidade hegemônica foram propagadas como únicas e até hoje permeiam o imaginário social.

Para Michael Kimmel (1997) a masculinidade é vista como um conjunto de significados sempre cambiantes, construídos através das relações com nós mesmos, os outros e o mundo. Embora considere que há diferenciações acerca do conceito de masculinidade

entre diferentes culturas, faixas etárias, raças, orientações sexuais, dentre outros aspectos, ela se define a partir de uma oposição a um conjunto de “outros”, principalmente as mulheres. Sendo assim, o autor entende que a noção de antifeminidade “está no coração dos conceitos contemporâneos e históricos da virilidade, de tal forma que a masculinidade se define mais pelo que não é do que pelo que é (1997, p. 51)”.

Desta forma, trazendo isso para o presente estudo, podemos melhor compreender de que forma participar de uma atividade vista como feminina pode mexer com esse conceito de masculinidade, afastando, assim, os homens da prática. Além disso, ao depender das relações construídas socialmente e do olhar do outro, o medo da percepção alheia, principalmente advinda de outros homens, é algo a ser considerado quando pensamos no afastamento dos homens da prática.

O medo desse olhar do outro e do vínculo com o feminino, sublinha Michael Kimmel (1997), faz com que a identidade masculina se construa tênue e frágil. E também esteja ligada com a homofobia, já que características como a sensibilidade e a fragilidade são vistas como afeminadas e não como pertencentes a um “verdadeiro homem”. E é esse medo, destaca Kimmel, que faz com que os silêncios diante de opressões e violências se mantenham, na busca de uma validação social, que mantém o sistema.

Michael Kaufman (1995) aponta que o sistema que dá poder aos homens, também os brutaliza. Sem negar os privilégios por ele usufruídos, destaca como a masculinidade suprime sentimentos, necessidades e formas de expressão. Assim, o autor converge com a ideia de Kimmel (1997), refletindo como essa instabilidade na construção de uma identidade masculina, faz com que ela seja frágil.

Waleska Zanello (2018) aponta que o Século XVIII promoveu novas configurações nas representações do ser homem e mulher. Os homens foram compreendidos a partir de determinadas qualidades entendidas como naturais, como a ação enérgica, a atividade sexual, a coragem e o controle das emoções. Segundo a autora, podemos compreender que o “feminino” e aspectos a ele relacionados sempre foram vistos de forma secundária na história ocidental.

Miriam Grossi (2004) também destaca como a constituição de um modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura está atrelada à violência e negação da sensibilidade. No entanto, a pesquisadora destaca que:

a questão é muito mais complexa do que os discursos militantes apontam, pois há múltiplos modelos de masculinidade hoje no Brasil: homens honrados, homens sensíveis, novos pais, homens desempregados, etc. Algumas destas “novas” masculinidades se afastam do modelo tradicional de força que definia o

homem. Nestes novos modelos seria valorizada a inteligência, a sensibilidade e a capacidade de lidar com novas tecnologias.

Essas masculinidades desviantes do padrão hegemônico são aquelas encontradas no pole dance. Masculinidades que não veem a fuga do que é associado ao feminino como forma única de constituição do ser homem. Que não acreditam, como nos afirmou Sérgio, que o pole lhe “tiraria” algo.

Importante demarcar aqui que essa “segurança” sentida pelas interlocutoras com seu instrutor abertamente homossexual deve ser entendida dentro de uma lógica que inscreve papéis e práticas sexuais a determinados gêneros e corpos como nos afirma Beatriz Preciado (2014), e que fazem parte de um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos. O mesmo não acontece com Sérgio, que inscrito em uma lógica de um corpo heterossexual é visto como uma ameaça.

A interdição dos toques em pontos específicos do corpo como coxas e bunda, também pode ser olhada por esse viés pois, como afirma Beatriz Preciado (2014) é realizada através de uma “operação tecnológica de redução que consiste em extrair determinadas partes da totalidade do corpo e isolá-las para fazer delas significantes sexuais. (2014, p. 26)”. Mesmo que, naqueles momentos, o corpo pole dancer não esteja em uma posição sexualizada, essas interdições são a todo o momento trazidas à tona.

Beatriz Preciado (2014) defende que a (hetero)sexualidade não deve ser entendida como espontânea e advinda de cada corpo, mas que deve ser pensada como uma lógica que é reinscrita e reinstruída através de operações constantes de repetição e códigos do que é masculino e feminino. O pole, com sua origem em boates e seus estereótipos relacionados à sensualidade, é visto como distante dos códigos possíveis da masculinidade. Isso ajuda a compreender a pouca presença de homens, principalmente heterossexuais na modalidade.

O próprio afastamento do pole dance de suas origens, focando na parte esportiva ou em uma pretensa ligação com outras modalidades masculinas de séculos atrás é uma tentativa de reinscrever o pole dance dentro desses códigos de masculinidade, tornando-o possível de ser praticado – sem ferir as regras instituídas socialmente sobre o que é ser homem- por homens heterossexuais.

Por isso, é importante analisarmos como o pole dance praticado na Valente se distancia um pouco dessas lógicas, carregando um discurso que fortalece as origens do pole ligadas à sensualidade e feminilidade. Assim sendo, se mulheres são estimuladas a negar sua sexualidade, a seguirem - e se frustrarem - na busca de um corpo padrão, se homens são julgados por aproximarem-se do que é considerado feminino, o pole dance, aqui em

específico o pole dance praticado na Valente, abre um espaço para que essas questões sejam colocadas em discussão, ressignificadas, mostrando como há espaço para performances desviantes.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de pole dance é falar sobre possibilidades de gênero e agência dos corpos. Por mais que, em um primeiro momento, isso pareça contraditório, devido ao fato de estarmos tratando de uma modalidade ainda atrelada à objetificação das mulheres e a exploração sexual. Entretanto, como mostram as análises de campo realizadas até agora, o pole dance, apesar de não negar sua vertente da sexualidade, é mais que isso. Ele afeta e transforma a relação das mulheres com elas mesmas, seus corpos e seu entorno.

Buscando responder o problema “Como são trabalhadas as questões de gênero e corpo dentro do pole dance e qual papel das imagens dentro desse processo?” foram utilizadas, além da etnografia com observação participante, estratégias de etnografia para internet (HINE, 2015, 2020) tentando dar conta das conexões on-line ou off-line do campo, além de entrevistas individuais com as interlocutoras.

Ao analisar o papel das imagens dentro da prática, ligadas ao uso das interlocutoras e sua presença nas redes sociais, um dos objetivos gerais da tese, com o aporte de Daniel Miller (2019,2022), constatou-se a centralidade das imagens na modalidade, que estão presentes desde o primeiro contato com o pole até a construção do corpo pole dancer, que irá ser demarcado, principalmente através das redes sociais, funcionando como uma espécie de diário de sua evolução no pole, exibindo suas conquistas e aprendizados.

Com isso, o celular e as redes sociais são transformados em tecnologias afetivas (Sandra Rubia da Silva, 2010). Os seus usos são adaptados, ressignificados pelas polerinas, que estão com os celulares a postos – das mais variadas formas – na busca do melhor ângulo, do melhor print, da melhor foto. São nas redes sociais, principalmente no Instagram, devido a seu maior controle de privacidade se comparado a outras redes, que essas imagens são postadas, ajudando a fortalecer uma rede pole dancer que também aparece online.

A análise da questão de gênero no pole dance, um dos objetivos desse trabalho, mostrou que há possibilidades para pensar o gênero e a sexualidade dentro do espaço do pole dance. Para além dos estereótipos relegados ao pole dance de sexualização feminina, com foco em corpos padrões, em prol do prazer masculino, há uma subversão nessa lógica, na qual as mulheres passam de objetos do desejo de outras pessoas para serem os próprios sujeitos de sua sexualidade.

No Valente, essas mulheres – e alguns homens – encontram um espaço seguro, no qual podem expressar várias de suas nuances. Nele, podem compartilhar seus medos, suas

inseguranças e perceber que aquilo não pertence somente a elas. Podem explorar sua sexualidade e as possibilidades de seus corpos sem o olhar vigilante e julgador da sociedade. O pole dance praticado no Valente estimula as mulheres e (re)descobrirem sua sexualidade, que pode estar distante da normativa, mostrando como há espaço para performances desviantes. Uma sexualidade que não é construída a partir do olhar do outro masculino. Enquanto isso, a prática também se mostra aberta a homens que, mesmo sendo minoria nesses espaços, auxiliam a pensar novas formas de masculinidade, que fogem do modelo hegemônico.

As questões de empoderamento, que também surgiram ao longo desse trabalho, mostram que não há um esvaziamento político desse espaço, como sugere o senso comum. Há discussões políticas que permeiam as aulas e os demais encontros entre as integrantes. Uma grande parcela das integrantes defende posturas progressistas e se posiciona enquanto feminista. Há de se considerar, também, os níveis de escolaridade e renda das integrantes como fatores que influenciam nesse aspecto. O debate entre opressão x empoderamento dentro da modalidade necessita de mais aprofundamento a fim de entender se as lógicas individuais perpassam esse âmbito, transformando-se em atos políticos de coletividade.

O corpo, outro objetivo de análise do texto, é outro fator central na compreensão da modalidade, também considerado como um objetivo central dessa tese, que buscou apreender de que forma ele é construído e como é percebido dentro da modalidade e por quem a pratica. O corpo pole dancer se constrói a todo o momento e em variados espaços. Dentro do estúdio, e fora dele através das redes sociais e suas imagens. É um corpo utópico, que ao se adornar, usar de suas máscaras constrói e é transportado para um novo espaço (Foucault, 2013).

Os rituais que envolvem os treinos, a dor, as marcas, o vestuário e as relações construídas entre as praticantes são fundamentais na construção desse corpo pole dancer, que também é moldado pela tecnologia, principalmente pelo celular, buscando o ângulo, a pose perfeita, a imagem ideal para postar. A performance dentro e fora das redes permeia essa construção, que atinge a plenitude da experiência do senso de comunidade nas apresentações, como o Halloween e o Festival de Pole Dance.

Os objetivos específicos dessa tese, identificar de que forma as mulheres compreendem o impacto do pole dance em suas vidas e como a modalidade afeta a autopercepção das praticantes estiveram presentes ao longo discussões de todas as temáticas abordadas. Os relatos das interlocutoras mostraram uma mudança “no olhar” sobre si mesmas. Cercadas de espelhos e câmeras, o olhar real e carinhoso sobre seus corpos pareceu estimular a enxergarem coisas novas. Potências novas. De um corpo repleto de possibilidades. Cada aula,

uma surpresa do que é capaz de realizar. Um corpo pole dancer em constante construção, que passa a ser visto também através de suas marcas, de sua história na construção de uma relação única com o pole. Que, por ser única, exercita abrir mão das comparações, entendendo seu tempo, seus limites.

A diversidade presente nas aulas faz com que esse olhar também seja ressignificado. Longe da idealização, dos corpos padrão, as aulas têm pessoas reais, com corpos reais. Corpos esses que performam sexualidade, que subvertem a lógica do que é considerado bonito e atraente, do que é “digno” de exposição (NAOMI WOLF, 2018) (BEATRIZ PRECIADO, 2014). Essa agência de corpos femininos, negros, gordos, velhos, vistos à margem usa as imagens e as redes para expressar essa sexualidade, posicionando resistências.

As questões que o pole dance suscita não se encerram nesse debate. O campo se enche de possibilidades a cada ida ao estúdio, a cada conversa nos corredores, a cada aula. As lógicas encontradas no Valente parecem encontrar eco em outros estúdios, como demonstrado através de outras pesquisas, mas necessitam de aprofundamento em outros locais, inscritos em outras lógicas.

A temática das masculinidades no pole dance carece de mais investigação, com maior visibilidade a seus praticantes. Uma alternativa de pesquisa seria os campeonatos da modalidade, que contam com uma parcela maior de homens por trazerem de forma mais direta à associação com o esporte. De mesmo modo, as temáticas relativas à negritude e diferença geracional poderiam ser melhor aproveitadas em locais onde houvesse uma maior representação desses grupos.

Escrever essa tese foi um exercício de reflexão sobre como o pole dance é significativo também em minha vida. Ao ouvir os relatos, olhar as fotos e mergulhar - ainda mais - nos questionamentos sobre a modalidade, deixei-me levar muitas vezes pela emoção, pela aceitação tácita do que me foi repassado. O exercício de desnaturalização foi uma tarefa difícil e me fez ter dificuldade para enxergar as contrariedades do campo. Isso, talvez, não tenha sido realizado de forma plena, da forma como um outsider leria o campo. Entretanto, ao me situar claramente nessa posição de insider, de pole dancer, sei que minha visão ao mesmo tempo em que limita, propicia outros olhares, que, espero, possam contribuir para o entendimento dessa modalidade tão cheia de possibilidades.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Ferreira. **A fotografia e as redes sociais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

ABDON, Joelma Ribeiro de Sousa. **Desmistificando o pole dance: uma narrativa**. Orientador: Arilson Fernandes Mendonça de Sousa. 2020. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2020.

ACHÔA, Júlia de Freitas et al. **A Mulher Escarlata: Uma exposição sobre empoderamento da mulher em espaços urbanos através do pole dance**. Projeto de Conclusão de Curso- Universidade Federal de Santa Catarina - Bacharelado em Design, 2019.

ADAMS, T. E.; JONES, S. H.; ELLIS, C. **Autoethnography: understanding qualitative research**. Oxford University Press, 2015.

ALLEN, Kerry Louise. **Poles apart?: women negotiating femininity and feminism in the fitness pole dancing class**. Tese de Doutorado. University of Nottingham, 2011.

ALVES, Lorena Araujo; NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly (orientadora). **“A gente continua merecendo respeito por fazer pole dance”**: uma análise discursiva de estigmas e identidades em narrativas de mulheres pole dancers. Rio de Janeiro, 2021. 132p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

ALVES, Lorena Araujo; NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly. “Mas isso é porque as pessoas não sabem o que é o pole dance”: contribuições da avaliação para a análise discursiva de estigmas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, p. 2183-2208, 2021.

BIANCA DELEITE. **Live Histórias do Pole**. Porto Alegre, 2 de maio de de 2021. Instagram: @deleitebianca. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/COYcNdflm0c/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/COYcNdflm0c/?utm_medium=copy_link). Acesso em: 24 de novembro de 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

BRITES, Jurema ; MOTTA, Flávia de Mattos (org|) . **Etnografia, o espírito da antropologia : tecendo linhagens homenagem a Claudia Fonseca**. 1. ed. – Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2017.

BRUNO, Fabiana. Uma antropologia das “supervivências”: as fotobiografias. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 91-106.

CADWALLADER, Amy, P.. **Pole Dancing Auto-ethnography – Practice, Pedagogy, Performance**. Accelerando: Belgrade Journal of Music and Dance, 2017.

CINTI, Daniele Temis Roma et al. Revisão sistemática sobre o Pole Dance. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, p. e11711326470-e11711326470, 2022.

CORNWALL, Andrea. **Além do “Empoderamento Light”**: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global. cadernos pagu, 2018.

DA SILVA, Renata Teixeira Ferreira. Entre nós, quem cabe na dança? A bailarina gorda ocupa o espaço. *Anais ABRACE*, v. 21, n. 1, 2021.

DAWSEY, John et al. Tranças [apresentação]. **Antropologia e performance: ensaios NAPEDEIRA**, p. 19, 2019.

DAWSEY, John C. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, v. 13, n. 13, p. 163-176, 2005.

DE SOUSA ARRUDA, Agnes; DA SILVA, Marcelle Jacinto. Corpos gordas importam: o Instagram como espaço de performance para mulheres gordas. **Logos**, v. 28, n. 2, 2021.

DIMLER, Ariel J.; MCFADDEN, Kimberley; MCHUGH, Tara-Leigh F. “I Kinda Feel Like Wonder Woman”: An Interpretative Phenomenological Analysis of Pole Fitness and Positive Body Image. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 39, n. 5, p. 339-351, 2017.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. **Autoethnography: an overview. Historical social research/Historische sozialforschung**, p. 273-290, 2011.

FARIA, Louise. **Etnografia na pandemia**: algumas experiências de trabalho de campo. Site da UFRGS., 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/etnografia-na-pandemia-algumas-experiencias-de-trabalho-de-campo-1>. Acesso em 02 de novembro de 2021.

FERREIRA, Carolina Fernandes. **Redescobrimo ser-si-mesmo**: a existencialidade de mulheres praticantes de pole dance; Manaus, 2015. Dissertação de Mestrado, apresentada à Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Área de Concentração: Psicologia.

FERREIRA, Francirosy. **Pesquisadoras e suas Magias** – uma meta-antropologia. *Antropologia e performance. Ensaios na pedra*. São Paulo: Terceiro Nome, p. 279-292, 2013.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 47-57, 2005.

GILL, R.. Empowerment/sexism: Figuring female sexual agency in contemporary advertising. **Feminism and Psychology**, 18(1), pp. 35-60, 2008.

GODINHO, Amanda dos Passos. **Auto imagem e auto estima de mulheres praticantes de pole dance**. Educação Física Bacharelado-Pedra Branca, 2018.

GOMES, Laura Graziela Figueiredo Fernandes et al. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. Revista **Antropolítica**, n. 42, Niterói, p. 41-65, 1. sem. 2017, 2017.

GÓMEZ, Álvaro Díaz; SALGADO, Sara Victoria Alvarado. Subjetividad política encorpada. Revista Colombiana de educación, n. 63, p. 111-128, 2012. GONÇALVES, Annelise Campos. **"Viva o matriarcado pole dance": uma etnografia das relações entre corpo, gênero e cidade na prática do pole dance**. Monografia - Universidade Federal Fluminense, Curso de Antropologia, 2017.

GONÇALVES, Annelise Campos. **Viva o matriarcado pole dance. uma etnografia das relações entre corpo, gênero e cidade na prática do pole dance**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARPER, Michelle. **Hoochie Coochie: The Lure of the Forbidden Belly Dance in Victorian America**. Readex Blog, 05 de abril de 2012. Disponível em: <https://www.readex.com/blog/hoochie-coochie-lure-forbidden-belly-dance-victorian-america>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz Accioly. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 29, n. 2, p. e181370-e181370, 2020.

HOLLAND, Samantha. **Pole dancing, empowerment and embodiment**. Springer, 2010.

HISTÓRIA DO POLE DANCE. **Blog Gaia Pole.**, 07 de novembro de 2019. Disponível em: <https://news.gaiapole.com/historia-do-pole-dance/>. Acesso em 02 de outubro de 2021.

HISTÓRIA DO POLE DANCE: MALLAKHAMBHI. **Blog Mais Pole Dance**. Disponível em: <http://www.maispoledance.com.br/historia-do-pole-dance-mallakhambi/>. Acesso em 02 de outubro de 2021.

JIMENEZ, Maria LJ; DA SILVA, Marcelle J. Fat feminism: sex, desire and revolutionary pleasures/feminismo gordo: sexo, desejo e prazeres revolucionários. **Revista Artemis**, v. 31, n. 1, p. 322-336, 2021.

JUST, Sine Nørholm; MUHR, Sara Louise. **Holding on to both ends of a pole: Empowering feminine sexuality and reclaiming feminist emancipation**. Gender, Work & Organization, v. 27, n. 1, p. 6-23, 2020.

KAUFMAN, Michael. Los hombres, el feminismo y las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. **Género e identidad. Ensayos sobre lo femenino y lo masculino**, v. 123, p. 146, 1995.

KIMMEL, Michael et al. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. **Masculinidad/es. Poder y crisis**, v. 24, p. 49-63, 1997.

LEAL E SILVA, I. Corporalidade no pole dance: uma análise antropológica. **29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 03 e 06 de agosto de 2014. Natal/RN, 2014.

LITTLE EGYPT (DANCER). Alchetron - **Free Social Encyclopedia for the World**, 11 de setembro de 2020. Disponível em: [https://alchetron.com/Little-Egypt-\(dancer\)#little-egypt-dancer-678e033a-b57b-411b-a575-08502f1281e-resize-750.jpeg](https://alchetron.com/Little-Egypt-(dancer)#little-egypt-dancer-678e033a-b57b-411b-a575-08502f1281e-resize-750.jpeg). Acesso em: 10 de outubro de 2021.

MACHADO, Alisson. **Toda trabalhada na wi-fi: Cotidiano travesti em trajetórias digitais**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

MACHADO, A.; SILVA, S. R. . **Lá eu posso ser mulher: cotidiano e sociabilidade travesti em trajetórias digitais**. REVISTA CONTRACAMPO, v. 36, p. 256-277, 2017.

MALUF, Sônia Weidner. **Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia**. Aula inaugural no PPGAS/UFAL, 2020. Publicado no site Antropologia na Pandemia – INCT Brasil Plural. Disponível em: <<https://brasilplural.paginas.ufsc.br/antropologia-na-pandemia>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

MENDES, Maria Luisa Souza. **Pole Dance em tirinhas: quadrinhos que apresentam a prática em meio a uma sociedade machista e a relação das mulheres com o corpo..** Paraíba – 2021, 102 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso Superior em Design Gráfico, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)

MENDONÇA, Renata. **Ela descobriu o pole dance aos 70 anos e serve de exemplo**. Site Dibradoras. 10 de agosto de 2018, Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/08/10/aos-70-anos-ela-descobriu-o-pole-dance-me-sinto-leve-e-cheia-de-vida/> Acesso em 02 de agosto de 2020.

MILLER, Daniel et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. UCL Press, 2019.

MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. **Blog do Sociófilo**, 2020. [publicado em 23 de maio de 2020]. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/> Acesso em 13 de novembro de 2021.

MILLER, Daniel et al. **O Smartphone Global: Uma tecnologia para além dos jovens; The Global Smartphone: A Portuguese Translation of The Global Smartphone; Beyond a youth technology**. UCL Press, 2022.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

MORETTI PAREDES, Michelle Judith. **Pole dance y nuevas performatividades: del estereotipo a la transformación del pole como deporte**. Estudio de caso de los polers en Quito. 2019. Dissertação de Mestrado. Quito, Ecuador: Flacso Ecuador.

MUSSE, Mariana et al. **Fotografia no Instagram: autorrepresentação, identidades e novas formas de sociabilidade: uma análise sobre as representações de si em fotos postadas por estudantes da Universidade Pompeu Fabra e da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Instagram**. 2016.

NOVAES, Sylvia Caiuby. "Por uma sensibilização do olhar—sobre a importância da fotografia na formação do antropólogo." GIS-Gesto, Imagem E Som-Revista De Antropologia 6.1 (2021).

PEREIRA, Camila Rodrigues. **A Comunicação de mãos dadas com a Etnografia**. In: KEGLER, Bruno, CAPORAL, Gibsy (Org.) Perspectivas metodológicas em comunicação: reflexões e relatos de pesquisa – Santa Maria: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, 2022.p. 20 – 35.

PEREIRA, Tânia Cristina de Freitas et al. **A experiência do corpo no Pole Dance: Por uma dimensão carnal do conhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física)- Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, p. 183, 2015.

PIMENTA, DENISE. **Esboço para uma antropologia dos corpos que creem: a experiência de uma romaria**. Antropologia e performance: ensaios Napedra, p. 117, 2019.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. **Identidades na contemporaneidade: uma reflexão sobre performances em sites de redes sociais**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, v. 8, p. 103-119, 2019.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual** Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RIBEIRO, Vinícios; CARRERA, Fernanda; POLIVANOV, Beatriz. **Corpos, performances e autenticidade na cultura digital e visual**. **Logos**, v. 28, n. 2, 2021.

ROCHA, Gilmar. **Marcel Mauss e o significado do corpo nas religiões brasileiras**. Interações, v. 3, n. 4, p. 133-149, 2008.

ROBINSON, Brianna A. **A Black Feminist Approach to Recreational Pole Dancing**. Letter from the Editors, p. 91.

ROSALDO, Michelle. **O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural**. Horizontes antropológicos, v. 1, n. 1, p. 11-36, 1995.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc>.

br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin\_pensando\_o\_sex0.pdf. Acesso em 21 de janeiro de 2023.

SAMAIN, Etienne (Ed.). **Como pensam as imagens**. Editora da UNICAMP, 2012.

SARTI, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e sociedade**, v. 10, p. 3-13, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SILVA, Isis Leal e. **Identidades de gênero, corporalidade e esportivização** : uma perspectiva antropológica da prática do pole dance. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2016.

SILVA, S. R. ; MACHADO, A. . **Diálogos com Daniel Miller no campo da comunicação**: reflexões a partir das pesquisas do GP Consumo e Culturas Digitais. REVISTA SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA, v. 10, p. 861-886, 2020.

SILVA, Sandra Rúbia da. **Estar no tempo, estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular**. 2010. 435 f. 2016. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em:< <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93615>>.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; DE SIQUEIRA, Euler David. **O corpo que dança**: percepção, consciência e comunicação. Logos, v. 11, n. 1, p. 61-75, 2004.

TAYLOR, Diana. **Traduzindo performance**. Antropologia e performance. Ensaio na pedra. São Paulo: Terceiro Nome, p. 9-16, 2013.

TURNER. V. **The Anthropology of Performance**. New York: Paj Publications, 1987.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. Physis: revista de saúde coletiva, v. 5, n. 1, p. 7-32, 1995.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, v. 4, 2002.

Webnário Internacional em Performances Culturais - Victor Turner e Antropologia da Performance. **Youtube**. 16 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KVidg6Rlv30>. Acesso em: 23 de setembro de 2021.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Editora Record, 2018.

WHITEHEAD, Kally; KURZ, Tim. **Empowerment'and the pole**: A discursive investigation of the reinvention of pole dancing as a recreational activity. *Feminism & Psychology*, v. 19, n. 2, p. 224-244, 2009.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

#### FONTES CONSULTADAS

ALMEIDA, V. L. T. (2016). **Percepção dos benefícios da prática da modalidade pole dance fitness**. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil. de <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/10653>

BALDIN, A. E. C., & Menegucci, F. (2017). **Vestuário ergonômico para a prática de pole dance: o conforto térmico como requisito projetual**. *Projética*, 8(2). <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/27330>

CILENSE, I. T. M., & Silva, M. A. R. (2019). Estudo ergonômico no desenvolvimento de vestuário adequado para prática de pole dance. In: L. S. Bertoso (Org.) **Na estante da moda 2**. Ponta Grossa: Atena, 2019. <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/05/e-book-Na-Estande-da-Moda2.pdf.pdf>

FERNANDES, J. M. (2012). **Motivo na aderência de mulheres à prática regular de aulas de pole dance na cidade de Criciúma-SC**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, Brasil. <http://repositorio.unesc.net/handle/1/1476>

MATTES, V., Lopes, E. R., & Medeiros, T. E. (2018). Motivação para prática do Pole Dance como atividade física por mulheres. **Saúde em Revista**, 18(49), <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/sr/article/view/3795>

ROSIN, R., Bortoluzzi, R., Roncada, C., & Tiggemann, C. L. (2017). Comparação da força, flexibilidade e resistência de mulheres praticantes de treinamento de força e praticantes de pole dance. **Revista brasileira Ciência e Movimento**, 25(3). <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/18/pdf>

SANTOS, R. O. **Pole dance: dança ou esporte?**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil, 2018.

SILVA, J. M. Respostas fisiológicas induzidas pela prática de pole dance. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil, 2017

## APÊNDICES

### 1 QUESTÕES PRESENTES NO FORMULÁRIO ANÔNIMO:

Qual sua renda atual? Com o que trabalha?

Qual sua etnia?

Qual sua escolaridade?

Qual sua orientação sexual?

Tem filhos?

Desde quando pratica a modalidade? Como chegou a ela?

Seus familiares e amigos sabem que você pratica pole dance? Se sim, qual foi a reação?

Já ouviu comentários sexualizando a modalidade?

Costuma postar fotos da prática nas redes sociais? Por que?

Caso se sinta à vontade, pode acrescentar mais informações que considere relevantes sobre a sua experiência no pole dance.



2 MANUAL DE FIGURAS/TRAVAS DO POLE DANCE



Mexicana



Golfinho

Butterfly



Trava 4



Trava

Reta

Gênio



Parada de Cotovelo



Martini

Bandeira

Inversão Split



Superman



Scorpion